



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
NÚCLEO DE TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO  
LABORATÓRIO DE ECOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

**ROTINA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM INSTITUIÇÕES DE  
ACOLHIMENTO: UMA ABORDAGEM BIOEOLÓGICA**

Sabine Heumann

Belém - Pará

2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
NÚCLEO DE TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO  
LABORATÓRIO DE ECOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

**ROTINA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM INSTITUIÇÕES DE  
ACOLHIMENTO: UMA ABORDAGEM BIOEOLÓGICA**

Sabine Heumann

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lília Iêda Chaves Cavalcante  
Área de concentração: Ecoetologia

Belém - Pará

2017

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
UFPA/Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento/Biblioteca

---

Heumann, Sabine, 1989-

Rotina de crianças e adolescentes em instituições de acolhimento: uma abordagem bioecológica / Sabine Heumann. — 2017.

Orientadora: Lília Iêda Chaves Cavalcante

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Belém, 2017.

1. Análise do comportamento. 2. Desenvolvimento humano. 3. Psicologia infantil. 4. Psicologia do adolescente. 5. Psicologia do desenvolvimento. 6. Bioecologia: desenvolvimento humano. I. Título.

CDD - 23. ed. 155.9

---



## Dissertação de Mestrado

**“Rotina de Crianças e Adolescentes em instituições de Acolhimento: Uma Abordagem Bioecológica”.**

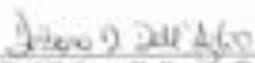
**Aluna: Sabine Heumann**

**Data da Defesa: 30 de junho de 2017**

**Resultado: Aprovada**

**Banca examinadora:**

  
Prof. Dr. Lilia Iêda Chaves Cavalcante (orientadora – UFPA)

  
Prof.ª Dr.ª Debera Dalbosco Dell'Aglio (membro 1 – UFRGS)

  
Prof.ª Dr.ª Simone Souza Costa Silva (membro 2 – UFPA)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, com todo meu carinho, à professora Lília Cavalcante, orientadora desse trabalho, pela acolhida na UFPA e no mestrado, pelo carinho com que faz suas considerações e pela dedicação e esforço em construir um trabalho de qualidade. Muito obrigada, desejo que nossa trajetória, juntas, seja longa!

Agradeço aos meus pais, Rose e Udo, que me ensinaram os valores que cultivo até hoje, a importância da família, da honestidade e do trabalho duro. Muito obrigada por confiarem tanto em mim, amo vocês!

Ao meu marido, Gustavo, pela parceria nesses últimos anos, por sempre acreditar no meu potencial e não medir esforços para me apoiar na trajetória do mestrado e da vida. Amo você!

Agradeço também à minha irmã, por sempre estar ao meu lado, mesmo à distância, por compartilhar comigo as angústias e felicidades da vida. Amo você!

Aos colegas de NEPAIA, Dalízia, Alciene, Laiane, Bruna, Telma e Amanda, pelas trocas durante todo o período de mestrado e, principalmente, pela acolhida no Núcleo, na UFPA e em Belém. Obrigada, vocês deixaram o caminho mais leve.

À professora Laiane, pelos ensinamentos na prática de ensino.

E, por fim, agradeço à Deus por me prover a vida e possibilitar que tantas realizações fossem possíveis.

## RESUMO

Heumann, S. (2017). *Rotina de crianças e adolescentes em instituições de acolhimento: uma abordagem bioecológica*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Brasil. p. 90.

A rotina, aqui entendida como um conjunto de comportamentos observáveis que preserva regularidade ao longo do tempo, tem se constituído em um interessante objeto de estudo na atualidade, por permitir a análise de aspectos complexos e relacionais de pessoas e grupos sociais. Esta pesquisa investigou a organização da rotina e os elementos que a compõem – atividade, companhia, ambiente e tempo – em quatorze instituições de acolhimento localizadas em três regiões do estado Pará. Para tanto, foram realizados dois estudos, ambos com abordagem quantitativa dos dados e caráter descritivo, cujos resultados foram discutidos na perspectiva do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano (MBDH). O primeiro estudo buscou descrever e comparar aspectos da organização e os componentes da rotina de crianças e adolescentes em diferentes instituições de acolhimento situadas em três regiões do Pará. Já o segundo estudo procurou descrever e comparar aspectos da organização e os componentes da rotina de acolhidos em instituições governamentais e não governamentais, nas mesmas três regiões. Em ambos os estudos os dados foram coletados por meio do Inventário de Rotina (IR) e o Questionário a ser Preenchido pela Gerência para Caracterização da Instituição (QCI), sendo posteriormente organizados em planilhas eletrônicas do *Microsoft Office Excel*. Os resultados do primeiro estudo sugeriram que, tanto na rotina de crianças quanto de adolescentes, há pouca variedade de atividades, ambientes e companhias no dia a dia e que as relatos são semelhantes para ambos os grupos etários. Os resultados do segundo estudo demonstraram que há pouca variação nas rotinas de crianças e adolescentes acolhidos em instituições governamentais e não governamentais. Em suma, os resultados indicaram que a rotina de crianças e adolescentes em acolhimento institucional tende a ser rígida e com pouca variabilidade no que diz respeito às atividades realizadas, aos ambientes frequentados e às companhias apresentadas. Esses dados permitiram ampliar os conhecimentos acerca das condições em que ocorre o desenvolvimento de crianças e adolescentes nesse ambiente institucional específico, contribuindo para o avanço dessa área de pesquisa na Psicologia. Além disso, a partir da compreensão dos resultados, à luz do MBDH, foi possível apontar lacunas importantes na organização da rotina dessa população, propondo o aprimoramento ou a mudança de práticas executadas e/ou a inclusão de novas possibilidades, contribuindo para que o cotidiano nas instituições de acolhimento possa estimular a aquisição de habilidades importantes para o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

**Palavras-chave:** Institucionalização, psicologia do desenvolvimento, infância, desenvolvimento infantil, psicologia do adolescente, cotidiano

## ABSTRACT

Heumann, S. (2017). *Routine of children and adolescents in foster care institutions: a bioecological approach*. Master's thesis. Graduate program in theory and research of the behavior, Federal University of Pará, Brazil. p. 90.

The study of routine, here understood as a set of observable behaviors that preserves regularity over time, allows the analysis of complex and relational aspects of groups of people. This research investigated the organization of the routine and the elements that compose it - activities, companies, environments and time - in fourteen host institutions in three regions of Pará. Two studies were carried out, both with a quantitative approach and descriptive character, whose data were discussed from the perspective of the Bioecological Model of Human Development (BMHD). The first study aimed describing and comparing aspects of the organization and the components of the routine of children and adolescents in different host institutions located in three regions of Pará. The second study aimed to describe and compare aspects of the organization and the components of the routine in government and non-governmental institutions in the same three regions. In both studies the data were collected through the Routine Inventory (IR) and the Questionnaire to be filled by the Management for Characterization of the Institution (QCI) and then organized by Microsoft Office Excel. The results of the first study suggested that there is little variation in the routines of children and adolescents. That is, routine patterns when described and compared showed little variation due to the age range of the population surveyed. The results of the second study demonstrated that there is a little variation in the routines of children and adolescents hosted in governmental and non-governmental institutions. In summary, the results indicated that the routine of children and adolescents in institutional care tends to be rigid and with little variability with regard to the activities performed, the frequented environments and the companies. These data allowed to increase the knowledge about the conditions in which the development of children and adolescents occurs in this specific institutional environment, contributing to the advancement of this area of research in Psychology. In addition, from the understanding of the results, in the light of the MBDH, it was possible to point out important gaps in the Organization of the routine of this population, proposing the improvement or change of practices performed and/or the inclusion of new possibilities, contributing to the daily life of the host institutions can encourage the acquisition of skills that are important for the development of children and adolescents.

**Keywords:** Institutionalization, developmental psychology, childhood, childhood development, adolescent psychology, daily life

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho está vinculado a uma linha de pesquisa desenvolvida pelo NEPAIA (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Acolhimento Institucional e Adoção), que é parte integrante do LED (Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento) e está sediado no NTPC (Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento) da UFPA (Universidade Federal do Pará). Nele, desde 2008, têm sido realizadas pesquisas acerca da condição psicossocial de crianças e adolescentes em contextos de desenvolvimento de natureza familiar (família de origem e família adotiva) e institucional (abrigos institucionais, casas lares e outras instituições de acolhimento) à luz do modelo Bioecológico do Desenvolvimento, como proposto por Urie Bronfenbrenner.

O NEPAIA/LED é composto por estudantes (alunos de graduação, bolsistas de iniciação científica, alunos de mestrado e doutorado) e profissionais que atuam em instituições de acolhimento localizadas na região metropolitana de Belém ou nelas têm interesse de pesquisa. O grupo se reúne quinzenalmente com o objetivo de trocar informações e aprofundar conhecimentos sobre objetos e métodos de pesquisa do universo empírico do acolhimento institucional, além de produzir conteúdo sobre a população alvo de suas investigações (crianças, adolescentes, educadores, técnicos e famílias nesse contexto de desenvolvimento específico). O NEPAIA/LED realiza pesquisas em Psicologia, porém entre seus pesquisadores existem docentes e discentes de diferentes áreas de atuação profissional, tais como, Serviço Social, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Pedagogia, entre outras, o que possibilita uma visão interdisciplinar acerca dos fenômenos estudados.

Entre as primeiras investigações acerca do contexto do acolhimento institucional, destaca-se, em 2008, a defesa da tese de doutorado da Prof.<sup>a</sup> Lília Iêda Chaves Cavalcante, intitulada *Ecologia do Cuidado: Interações entre a Criança, o Ambiente, os Adultos e seus Pares em Instituição de Abrigo*. A partir desta pesquisa, foi feito um investimento sistemático nesse tipo de investigação para o aprofundamento dos estudos sobre a temática do acolhimento institucional, sendo este grupo hoje responsável por várias produções técnicas e científicas acerca do assunto. Entre as pesquisas mais recentes, merecem ser citadas as que abordaram os seguintes temas: relações de amizade entre adolescentes acolhidos (Costa, 2015); visita familiar no contexto de acolhimento (Silva, 2015); percepções de crianças acerca da experiência de acolhimento institucional (Cruz, 2014); percepções de crianças em situação de acolhimento institucional sobre a estrutura e dinâmica de suas famílias (Monteiro, 2014); brincadeiras e interações de crianças no contexto de acolhimento (Oliveira, 2014). Entre as investigações já realizadas pelo NEPAIA/LED, deve-se destacar aqui, em razão da afinidade com o tema proposto por esta dissertação, as

produções de Corrêa (2011) e Vasconcellos (2013), intituladas *Concepções de Desenvolvimento e Práticas de Cuidado à Criança em Ambiente de Abrigo na Perspectiva do Nicho Desenvolvimental* e *As Atividades da Vida Diária de Crianças em Situação de Acolhimento Institucional*, respectivamente.

Na sequência das investigações desenvolvidas pelo NEPAIA/LED, entre 2012 e 2014, seus membros realizaram uma ampla pesquisa intitulada *Instituições de Acolhimento de Crianças e Adolescentes em Quatro Regiões do Estado do Pará: Perfil, Rotinas e Práticas de Cuidado*, sob a coordenação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lília Cavalcante e da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Celina Magalhães. Esta pesquisa envolveu instituições de acolhimento localizadas em dezesseis municípios, distribuídos entre as regiões paraenses denominadas Guamá, Caetés, Tocantins e Região Metropolitana de Belém, o que resultou em diversos Trabalhos de Conclusão de Curso (incluindo monografias de graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado). Com a realização da pesquisa, foi possível caracterizar as instituições de acolhimento das quatro regiões selecionadas (descrevendo as modalidades de funcionamento nelas existentes, o que inclui dezesseis abrigos institucionais, duas casas de passagem, três casas-lares e seis instituições que combinavam o atendimento nas modalidades casa de passagem e abrigo institucional). Do mesmo modo, a pesquisa objetivou traçar o perfil biopsicossocial das 337 crianças e 357 adolescentes acolhidos no ano de 2012, além de descrever as características sociodemográficas dos 243 educadores/cuidadores encontrados, considerando tanto aspectos das suas trajetórias de vida pessoal, profissional e acadêmica, como aspectos relacionados às suas concepções acerca do desenvolvimento e as práticas de cuidado que utilizam diariamente no contato com a população atendida.

Com a realização da aludida pesquisa, considera-se que o NEPAIA/LED tenha ampliado consideravelmente os conhecimentos acerca da realidade das instituições de acolhimento no Pará, possibilitando, com base nos seus principais resultados, um maior aprofundamento de alguns dos objetivos específicos da pesquisa. É nesse contexto em que se havia construído um panorama com as principais características do acolhimento institucional no estado do Pará, que a autora entrou em contato com a professora Lília Cavalcante e o Núcleo. A partir de então passou a se interessar pelos estudos que estavam sendo realizados na ocasião, com especial atenção à análise dos dados referentes às rotinas de crianças e adolescentes nas instituições de acolhimento pesquisadas. Pelas razões apontadas, a investigação aqui proposta parte do que foi apontado pela pesquisa que envolveu 27 instituições de acolhimento em quatro regiões do estado do Pará, delimitando como objeto de estudo os padrões de rotina de crianças e adolescentes por elas apresentados.

Entende-se que o estudo das rotinas de crianças e adolescentes em instituições de acolhimento tem relevância por possibilitar a compreensão de vários aspectos que caracterizam a

vida cotidiana e a dinâmica de funcionamento das instituições de acolhimento, demonstrando a diversidade que marca esses contextos. Em resumo, este tipo de estudo permite evidenciar as atividades, as companhias e os locais presentes no cotidiano das instituições de acolhimento – no caso, aquelas que foram pesquisadas em quatro regiões do estado do Pará.

Partindo-se do pressuposto de que o desenvolvimento ocorre no contexto onde as pessoas interagem e convivem socialmente, estudos como este deixam clara a importância de se descrever e analisar aspectos da vida diária e definem as rotinas como um objeto que possui valor inestimável à área da Psicologia do Desenvolvimento. Entretanto, com frequência, os estudos até aqui realizados têm se dedicado à investigação da rotina de crianças e adolescentes em contextos familiares, sendo as pesquisas sobre o tema em contextos de acolhimento institucional escassas.

As rotinas de crianças e adolescentes no contexto familiar têm sido estudadas há tempos por se tratar de um ambiente imediato bastante comum na infância e com esperada influência no desenvolvimento de crianças e adolescentes. Todavia, o mesmo não pode ser dito em relação aos estudos das rotinas de crianças e adolescentes institucionalizados. A realização deste tipo de investigação em instituições de acolhimento de crianças e adolescentes não é muito comum, ainda que devam ser vistas como um contexto de desenvolvimento supostamente tão abrangente quanto a família. Nele, muitas crianças e adolescentes estabelecem relações significativas e/ou duradouras, ocupam papéis em relações sociais, participam de atividades e frequentam ambientes que possibilitam seu desenvolvimento. Assim, assumir o desafio de compreender como se dá a organização das rotinas nesses contextos, permitiu que lacunas, sobreposições e oportunidades fossem apontadas no quadro de atividades da vida diária nesse contexto específico, contribuindo para a otimização do tempo, para o aprimoramento das relações estabelecidas e para um melhor aproveitamento dos espaços físicos das instituições, seja por crianças e adolescentes ou pela equipe de educadores e técnicos.

Entende-se que o estudo aqui apresentado dará continuidade a uma trajetória de quase 10 anos de pesquisa no contexto do acolhimento institucional realizada pelo NEPAIA/LED, partindo do pressuposto de que trabalhos desta natureza, isto é, que se propõe investigar a qualidade do ambiente físico e social das instituições e as relações que ali se estabelecem, podem promover conteúdo significativo para embasar melhorias na organização das rotinas e práticas de cuidados dessas instituições. Presume-se que isso poderá alterar positivamente as condições ecológicas em que ocorre o processo de desenvolvimento das crianças e adolescentes ali acolhidos, e, neste sentido, contribuir para o embasamento de políticas públicas nessa área.

## Sumário

Capítulo I: Introdução.....	10
O Modelo Biológico de Desenvolvimento Humano.....	10
O Microsistema Instituição de Acolhimento.....	11
A Rotina como Objeto de Estudo.....	15
O Estudo da Rotina a partir da Abordagem Bioecológica.....	23
Objetivo Geral.....	27
Objetivos Específicos.....	27
Capítulo II: Estudo 1.....	27
Rotinas em Acolhimento Institucional de Crianças e Adolescentes: Um Estudo Descritivo .....	27
Resumo.....	27
Abstract.....	28
Introdução.....	28
Método.....	33
Resultados.....	38
Discussão.....	40
Considerações Finais.....	45
Referências.....	47
Capítulo III: Estudo 2	
Instituições de Acolhimento Governamentais e Não Governamentais: Um Estudo Sobre Rotinas.....	49
Resumo.....	49
Abstract.....	50
Introdução.....	53
Método.....	58
Resultados.....	63
Discussão.....	65
Considerações Finais.....	70
Referências.....	72
Capítulo IV: Considerações Finais.....	76

Referências.....	78
Apêndice A – Questionário Preenchido pela Gerência para Caracterização da Instituição (QCI)..	83
Apêndice B – Inventário de Rotina.....	94
Apêndice C – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humano (Processo nº 568.256) .....	96

## Capítulo I: Introdução

### O Modelo Bicológico de Desenvolvimento Humano

A discussão sobre os impactos ambientais no desenvolvimento humano está presente no campo da pesquisa científica desde a década de 1970, e, de forma sistemática, ganhou maior visibilidade com as primeiras publicações sobre o modelo ecológico do desenvolvimento lançadas por Urie Bronfenbrenner. Sua primeira obra a sistematizar os pressupostos e hipóteses teóricas desse modelo, *Ecology of Human Development* (1979), pode ser vista como um marco importante para a expansão desse pensamento.

Em suas primeiras formulações teóricas, Bronfenbrenner (1996) descreveu o ambiente ecológico e os diferentes níveis dos contextos de desenvolvimento, explicando o ambiente ecológico como um conjunto de estruturas encaixadas, com níveis mais próximos à pessoa em desenvolvimento e níveis mais afastados dela, como um conjunto de bonecas russas. O nível mais interno, marcado pelo contato imediato com a pessoa em desenvolvimento, como a casa ou a sala de aula, neste modelo teórico é chamado de Microsistema. O próximo nível, Mesossistema, refere-se às relações que dois ou mais ambientes imediatos (Microsistemas) estabelecem entre si, como a escola e a família, e que impactam na pessoa em desenvolvimento. O terceiro nível, chamado de Exossistema, diz respeito a ambientes em que a pessoa em desenvolvimento não interage diretamente, mas que, mesmo assim, a impactam, como é o caso do ambiente de trabalho dos pais. E, por fim, o Macrossistema, que diz respeito a um ambiente mais amplo, como a cultura da qual aquela pessoa em desenvolvimento faz parte.

Em seguida, avançando em suas formulações teóricas, Bronfenbrenner fez críticas ao pensamento que ele próprio vinha construindo e difundindo mundialmente. Com a publicação de sua mais importante obra, em 2005 (traduzida para o português em 2011), ele passa a definir desenvolvimento como um “fenômeno de continuidade e de mudança nas características biopsicológicas dos seres humanos, como indivíduos e como grupos” (Bronfenbrenner, 2011, p. 38). Ainda na mesma obra, Bronfenbrenner (2011) dá destaque à dimensão temporal, explicitando que o desenvolvimento ocorre ao longo do ciclo vital, sendo impactado pelo momento histórico e transgeracional, bem como pelo passado e o futuro. Ou seja, além das características biopsicológicas dos seres humanos – que contemplam aspectos biológicos, hereditários e aspectos construídos através das interações com o ambiente ao longo do tempo - nessa nova versão do modelo teórico, a dimensão temporal também passa a ser salientada.

A partir dessa perspectiva teórica, é possível observar uma evolução na forma de pensar, pesquisar e produzir conteúdo sobre desenvolvimento humano. Essa evolução contempla o questionamento à presença majoritária de pesquisas que destacavam a Pessoa (em geral, típicas de modelos tradicionais de investigações, anteriores às produções de Bronfenbrenner), e que passaram a enfatizar a seguir o Contexto (sobretudo com o início das produções desse autor e seus colaboradores). Depois, essa perspectiva passou a destacar outros núcleos teóricos do modelo: o Processo que orienta as relações mantidas entre Pessoa e Contexto durante certos períodos de Tempo. Com base na premissa da inter-relação entre os núcleos teóricos denominados Processo, Pessoa, Contexto e Tempo, constituiu-se assim o Modelo PPCT (Bronfenbrenner, 1996, 2011).

Para ilustrar esse modo de pensar o desenvolvimento, Bronfenbrenner (1996) destaca dois microsistemas que se diferenciam da família em vários aspectos, mas que do mesmo modo que ela podem representar a abertura de novas oportunidades à criança que neles está inserida: a instituição de acolhimento e a creche. A presente pesquisa versará sobre as chamadas instituições infantis – em particular, aquelas destinadas ao acolhimento provisório de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, nos moldes em que prevê a legislação atual – procurando reconhecê-las como um tipo de microsistema abrangente e primário de desenvolvimento.

### **O Microsistema Instituição de Acolhimento**

Instituições de acolhimento são aquelas que atendem crianças e adolescentes que se encontram sob medida protetiva de abrigo, conforme Art. 101 do Estatuto da Criança e do Adolescente. Ou seja, crianças que vivem em regime de internato devido ao abandono ou ao afastamento do convívio familiar por determinação de autoridade competente. No Brasil essas instituições iniciaram com a “Roda dos expostos”, em 1726 (Cisne & Cisne, 2016) e atualmente fazem parte dos Serviços de Alta Complexidade do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), podendo ser de natureza público-estatal ou não estatal (Conanda, 2009)

A partir do entendimento da instituição de acolhimento como um contexto de desenvolvimento, Bronfenbrenner (1996) diferenciou o contexto institucional do familiar em diversos níveis do sistema ecológico. Em nível de Microsistema, admite-se que a rotina institucional tende a ser mais rígida que a familiar e as relações afetivas entre cuidador e criança tendem a ser mais distantes, fazendo com que as experiências das quais as crianças fazem parte acabem sendo mais restritas. Tratando-se de Mesossistema, observa-se que no abrigo institucional ou instituição similar a criança tende a ter menos oportunidades de interação e participação em outros Microsistemas, por seguir padrões muitas vezes mais rígidos - com rotinas pré-

estabelecidas e relações determinadas - uma instituição, de maneira geral, tende a ficar muito mais isolada da comunidade do que uma família, o que impacta no desenvolvimento. No nível do Exossistema, entende-se que também há uma diferenciação, já que a criança que está em uma instituição sofre impactos menores de Microssistemas externos ao seu, devido à rigidez que a instituição tende a ter, com regras, políticas pré-estabelecidas e de difícil mudança quando comparado a um contexto familiar. E, por fim, tratando do nível do Macrossistema, pode-se perceber que a imagem social das crianças que vivem em instituições de acolhimento tem impactos no seu desenvolvimento. Elas são vistas de outra maneira pela sociedade como um todo, o que deve ser considerado já que o desenvolvimento da criança também passa pelo aspecto das expectativas que as pessoas têm dela. Se é esperado que sigam um caminho de fracasso, as oportunidades de desenvolvimento e interação oferecidas para elas serão mais restritas, o que realmente fará com que seu desenvolvimento seja prejudicado (Bronfenbrenner, 1996).

Essa compreensão ecológica das instituições incorpora necessariamente pontos remanescentes da herança histórica retratada na literatura disponível sobre as chamadas instituições totais e sua presença nas diversas sociedades humanas. A complexa ecologia desse microssistema em específico remonta elementos que estão presentes em sua história como instituição (total) e na forma como as sociedades respondem às demandas de institucionalização de crianças e adolescentes, entre outros segmentos em condição de vulnerabilidade por razões diversas: abandono, doença, deficiência, entre outros.

No livro *Manicômios, prisões e conventos*, Goffman (1974) discorreu sobre a estrutura e a dinâmica dessas instituições e mostrou como foram criadas aquelas destinadas a cuidar de pessoas, descritas por ele como incapazes e inofensivas, à época reconhecidos genericamente como órfãos. Para o autor, instituições totais podiam ser definidas como um tipo de local em que um grupo de pessoas, com características semelhantes (no caso, incapazes e inofensivas), levavam a vida de forma separada do restante da sociedade. Em geral, elas conviviam em ambientes que possuíam regras próprias estabelecidas por seus dirigentes e ficavam sujeitas às marcas de um tratamento despersonalizado.

Desse modo, pode-se dizer que instituições desse tipo contrariavam uma premissa básica que rege a vida em sociedade nos tempos atuais: no caso de crianças e adolescentes, significa frequentar diferentes ambientes e neles realizar atividades que são ditadas por suas diversas funções (dormir, trabalhar, brincar, entre outras), sendo esperado que interaja com distintas pessoas em cada um deles. Nelas, ainda segundo Goffman (1974), um grupo de pessoas (os denominados internos) era tratado da mesma forma e realiza as mesmas atividades conjuntamente

e por tempo predeterminado. Ou seja, elas viviam de acordo com uma rotina pré-estabelecida cujas características mais destacadas eram a rigidez e a repetição (Goffman, 1974).

Outrossim, Goffman (1974) destacou que quando uma pessoa passa a viver em uma instituição, ocorre uma ruptura nas rotinas diárias, o que acarreta um distanciamento dos papéis anteriormente exercidos por ela, podendo estes serem retomados ou não após sua saída desse ambiente. Essa ruptura, relacionada aos papéis sociais, ocorre porque nesse tipo de instituição haveria por assim dizer uma cisão entre a pessoa e o mundo externo e esta separação ocorre de forma abrupta desde o processo de admissão. Isso ocorreria com o objetivo homogeneizar o grupo, ou seja, enquadrar as pessoas ao modelo de vida estabelecido na instituição. Nesse processo de enquadramento à instituição e homogeneização desse grupo de pessoas, supostamente haveria perdas no que se refere à identidade pessoal, acarretando em prejuízos à sua individualidade, como por exemplo, a redução (ou perda) da capacidade de decisão pessoal, já que o costume é de que tudo seja decidido de forma grupal e determinado de cima para baixo (Goffman, 1974).

Essas características das instituições totais geravam comumente nos internos um sentimento de tempo perdido, atribuído sobretudo pelo distanciamento social do restante das pessoas e da vida externa. Goffman (1974) enfatizou que quando a pessoa que vive em uma instituição consegue relacionar o tempo que passa ali com algo externo, ou com um objetivo futuro, essa sensação de perda de tempo tende a diminuir. Entretanto, ressalta-se aqui que esse não era o cenário que comumente se via nesse tipo de instituição – quanto mais fechada e total ela for mais essas características estariam nela presentes. O autor salientou ainda que todas as instituições – mesmo as que não são reconhecidas como totais - teriam predisposição para entrar no chamado grupo de instituições fechadas, uma vez que elas podem ser caracterizadas como tal não apenas por aspectos físicos (por exemplo, barreiras como grades, arame farpado ou até fossos, comumente utilizados em tempos passados), mas também, simbólicos, que as impedem de manter relações sociais com o mundo externo.

De outra sorte, com o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), promulgado em 1990, houve a construção de novos parâmetros para a constituição de instituições que acolhem crianças e adolescentes no Brasil, o que possibilitou uma mudança gradual na compreensão até então existente acerca da institucionalização de crianças e adolescentes, de modo que, na atualidade, sua colocação em instituições tem sido defendida como uma medida de proteção com caráter provisório (sendo indicada a permanência por, no máximo, dois anos) e excepcional (sendo indicada apenas para casos em que realmente não há outra opção de encaminhando para a criança e/ou adolescente). Além disso, a partir dessa nova compreensão, o funcionamento desse tipo de instituição passou a ser regulamentado pelo documento *Orientações Técnicas: Serviço de*

*Acolhimento para Crianças e Adolescentes* (Conanda, 2009), que indica parâmetros que asseguram condições favoráveis ao desenvolvimento destes sujeitos, minimizando os impactos negativos. Esse documento propõe medidas voltadas à proteção integral, à manutenção e fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, à preservação da liberdade de crença e religião, ao atendimento personalizado e em pequenas unidades e grupos, privilegiando-se ações descentralizadas e municipalizadas, além do respeito à autonomia tanto de crianças quanto de adolescentes e jovens.

De forma complementar, o documento *Orientações Técnicas: Serviço de Acolhimento para Crianças e Adolescentes* (Conanda, 2009), destaca ainda que o ambiente institucional deve proporcionar o desenvolvimento integral da criança e/ou adolescente, reparando vivências que tenham causado sofrimento e colaborando para a apropriação e ressignificação das histórias de vida e para o fortalecimento da autoestima e autonomia. O documento também faz referência à relação estabelecida entre cuidador/educador e criança/adolescente, enfatizando que esta deve ser afetiva e individualizada, para que o serviço cumpra de fato a função de proteção dos acolhidos.

Em oposição à emergência essa nova concepção de acolhimento institucional, recentemente Benelli (2015) afirmou que as instituições totais, do modo como foram descritas por Goffman (1974), estão longe de serem completamente extintas, sendo que, devido ao seu tipo de organização e dinâmica, mesmo aquelas criadas na atualidade ainda reproduzem práticas que são remanescentes do regime de internato, podendo ser consideradas como instituições totais nesse sentido. Isso significa que as chamadas instituições totais vêm perdendo, na atualidade, espaço e legitimidade em relação aos novos parâmetros definidos em lei, principalmente porque já é sabido que a permanência prolongada em abrigos e similares pode causar danos à integridade física, moral e psicológica de crianças e adolescentes acolhidos (Cavalcante, Silva, & Magalhães, 2010; Rossetti-Ferreira et al, 2012; Siqueira & Dell'Aglio, 2007; Siqueira & Dell'Aglio, 2010), mas isso não quer dizer que seu traços característicos tenham desaparecido por completo.

No Brasil, observa-se que a aplicação de medidas que estabelecem o acolhimento institucional de crianças e adolescentes ocorre com relativa frequência devido, ao que se sabe, à reduzida capacidade dos pais de assegurarem o sustento, a educação e a criação dos seus filhos. Há o entendimento de que o acolhimento em uma instituição pode garantir proteção, segurança e bem-estar às crianças e adolescentes, ou seja, garantir vantagens ao grupo familiar que se encontra em situação de vulnerabilidade. Porém, observa-se que essas instituições são marcadas por um histórico de descuido ou mesmo de violência contra as crianças atendidas (Rizzini, 1993; Rossetti-Ferreira et al, 2012). Por essas razões, mais recentemente, vem-se discutindo a necessidade de se questionar e/ou modificar a secular cultura da institucionalização dos segmentos sociais mais

pobres e vulneráveis, principalmente devido aos danos que a permanência nas instituições pode causar a essa população (Cavalcante, Costa Silva, & Magalhães, 2010, Rossetti-Ferreira et al, 2012; Siqueira & Dell'Aglio, 2007; Siqueira & Dell'Aglio, 2010).

Tendo em vista o que foi apresentado, a presente pesquisa, composta por dois estudos, terá como universo empírico o contexto das instituições de acolhimento e partirá do modelo proposto por Bronfenbrenner (2011), o Modelo PPCT. Como forma de compreensão das características definidoras desse contexto, este estudo utilizará a descrição e a análise das rotinas de crianças e adolescentes institucionalizadas. Por isso, para dar sequência a essa discussão, a seguir serão apresentadas publicações que têm como objeto as rotinas de crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional, a fim de elucidar conceitos e possibilitar a compreensão do papel e do lugar delas no campo de estudos da ciência psicológica e da psicologia do desenvolvimento humano.

### **A Rotina como Objeto de Estudo**

Com o objetivo de compor uma revisão da literatura disponível sobre o tema de interesse deste estudo, esta sessão é destinada à apresentação de publicações teóricas e empíricas que têm como objeto a rotina em diferentes contextos e com diferentes populações. Primeiramente serão apresentados estudos que tratam do conceito de rotina e sua importância, e depois serão relatados aqueles que tratam dos seus elementos constituintes em diferentes contextos. O contexto familiar, por aparecer com maior frequência na literatura, será apresentado primeiro e, em seguida, serão apresentados estudos que tratam do contexto das instituições (publicações sobre instituições de acolhimento e de educação infantil). Após isso, será discutido aspectos teóricos e metodológicos que envolvem os estudos relatados neste trabalho, em particular a questão da carência de metodologias adequadas para pesquisas com esse objeto. Seguindo esse raciocínio, nos parágrafos que se seguem serão apresentados estudos que utilizaram o chamado Inventário de Rotina, por este se apresentar como um instrumento útil para estudos com essa temática. Parte-se da consideração de que estudar rotinas de crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional, por exemplo, permite desenvolver discussões complexas e tratar de aspectos relacionais da vida de populações específicas.

A partir desse ponto de vista, entende-se ser possível, ou até mesmo desejável, que o fenômeno do desenvolvimento humano leve em consideração investigações sistemáticas sobre as rotinas apresentadas por determinados indivíduos e grupos sociais (Haugland, 2005). Como apresentado antes, o desenvolvimento se dá sempre no contexto (Bronfenbrenner, 1996, 2011) e

assim deve ser estudado. Numa perspectiva ampliada, deve-se levar em conta os aspectos físicos e sociais do ambiente ecológico no qual a pessoa em desenvolvimento faz parte, justamente por serem capazes de impulsioná-lo e/ou limitá-lo. O estudo desses conjuntos de crenças, valores e práticas comuns que são produzidos e reproduzidos na vida cotidiana torna possível a análise do contexto em que um grupo específico de pessoas se desenvolve (Bronfenbrenner, 1996). Em outras palavras: estudar rotinas permite pesquisar de forma mais abrangente e contextualizada o fenômeno do desenvolvimento de indivíduos e grupos sociais específicos.

Historicamente, o estudo de rotinas tem demonstrado que o conjunto de costumes e rituais que as caracteriza deve ser visto como um poderoso organizador, sobretudo, da vida familiar. Por essa razão, Jensen, James, Boyce e Hartnett (1983) definem as rotinas – mas especialmente, as rotinas familiares – como um conjunto de comportamentos observáveis que envolve dois ou mais membros de uma mesma família, sendo esperado que estes ocorram com certa regularidade e previsibilidade. Para eles, este repertório de comportamentos e atividades tem impacto no bem estar e na saúde dos membros de determinado grupo, por funcionarem como símbolos de permanência mesmo em tempos de mudança, o que acaba por promover resistência e capacidade de adaptação. Além disso, Guidubaldi, Cleminshaw, Perry, Nastasi e Lightel (1986), apontam que a rotina contribui para um melhor desempenho acadêmico de crianças e adolescentes, impactando no relacionamento com os pares na escola e aumentando sua presença em sala de aula e outros espaços educacionais.

Autores como Fernandes, Boehs e Rumor (2012) estudaram as relações entre rotinas e rituais familiares e as práticas de cuidado na enfermagem familiar. Eles realizaram uma busca literária compreendendo o período de 1950 a 2011 a partir dos termos “family routines”, “family rituals”, “rituals”. Um dos estudos levantados (Cervený & Berthoud, 1997 *apud* Fernandes, Boehs & Rumor, 2012) demonstrou que há nítidas conexões entre as rotinas e rituais familiares e o estágio do ciclo vital dos membros daquele grupo, em especial das crianças. Entre os resultados destacados pelo estudo, vale mencionar as características dinâmicas das rotinas e rituais nos contextos familiares, a inserção das crianças nas atividades da vida diária logo nos primeiros anos da infância. Assim, práticas rotineiras – como as conversas mantidas durante as refeições, por exemplo –, favorecem o desenvolvimento de ligações emocionais entre os membros do grupo familiar, além de possibilitar o enriquecimento na criança do seu vocabulário, habilidades sociais e desempenho escolar.

Há ainda estudos que apontam relações entre as rotinas e o cuidado à saúde de crianças, especificamente menores de dois anos. Esses estudos (Boehs, Grisotti, & Aquino, 2007 *apud* Fernandes, Boehs, & Rumor, 2012) têm demonstrado que a instabilidade das rotinas está relaciona

à fragilidade da rede de apoio em saúde, principalmente com famílias de baixa renda, implicando em resultados negativos para o bem-estar das crianças. Neles, ficou claro que os profissionais da rede de saúde precisam compreender aspectos relacionados às rotinas e rituais das famílias atendidas, devido aos seus impactos na saúde, sobretudo para os grupos familiares pesquisados, destacando que as rotinas e rituais servem como janela para a visualização de diversos ângulos da vida e do desenvolvimento familiar.

Seguindo com os estudos que tratam da rotina no contexto familiar, Tudge (2008) compara a vida diária de crianças de três anos em seis contextos culturais diferentes – Estados Unidos, Rússia, Estônia, Finlândia, Coreia do Sul, Quênia e Brasil –, procurando relacionar as atividades observadas no dia-a-dia com desempenho acadêmico das crianças. Nos estudos de Tudge (2008), todas as crianças viviam em lares familiares, sendo que metade dos pais possuía ensino superior. Seus principais resultados apontam que as crianças passam a maior parte do tempo em casa ou em locais próximos, com algumas diferenciações entre os contextos culturais pesquisados. Quanto às atividades, também foram observadas diferenças em relação aos contextos diversos, sendo que, no Brasil, particularmente na cidade de Porto Alegre, onde a pesquisa foi realizada, as crianças se engajavam menos com os deveres e com objetos relativos à creche do que nos demais países representados na pesquisa. De maneira geral, observou-se que a maior parte do tempo das crianças é destinada à brincadeira.

Tratando-se das atividades que compõem o tempo livre de crianças de três a dez anos, Pinto e Sarmiento (1997) apresentam uma lista de atividades elencadas por crianças e seus pais como características desses momentos. Na perspectiva das crianças, as atividades de tempo livre mais frequentes são: (a) atividades de faz de conta (como brincar de casinha ou carrinho); (b) atividades naturais (como correr, saltar, fazer ginástica); (c) atividades de equilíbrio dinâmico (como andar de bicicleta); (d) atividades lúdico-esportivas (como brincar de bola, jogos); (e) atividades de jogos de perseguição (como “pega-pega”, “esconde-esconde”). Já na perspectiva dos pais, as atividades de tempo livre ocorrem principalmente antes de ir para a escola e durante o almoço. Os pais ainda destacam a utilização da televisão como uma das principais atividades de tempo livre, seguida da utilização de vídeos, jogos eletrônicos (computador) e brinquedos comerciais. Pinto e Sarmiento (1997) destacam ainda que, do público estudado, três em cada quatro crianças brincam com os pais e seis em cada dez crianças brincam em parques infantis durante o tempo livre.

Quanto à realização de estudos sobre rotina no universo empírico das instituições de acolhimento, observa-se que esta temática ainda é pouco explorada, contando apenas com alguns estudos recentes, como Machado e Serrano (2012) e Corrêa (2011). Em particular, os primeiros investigaram as atividades realizadas no tempo livre de 103 participantes, com idades entre dez e

dezoito anos, que estavam em espaços de acolhimento no distrito de Castelo Branco, em Portugal. As informações foram coletadas através de um questionário e demonstram que as crianças e jovens realizavam, com maior frequência, atividades como: assistir televisão, conversar com colegas, realizar tarefas de limpeza, ouvir música, quando permaneciam no espaço interno da instituição e, quando estavam fora da instituição, atividades como passear com os amigos, ir à biblioteca (principalmente para acessar a internet), visitar amigos e praticar esportes. Ao final, os autores ainda relacionaram as atividades realizadas ao grau de satisfação expresso pelas crianças e adolescentes por isso. Os autores concluíram que tanto as crianças quanto os adolescentes participantes do estudo demonstraram satisfação em relação às atividades que realizam no dia-a-dia.

De igual modo, Corrêa (2011) contribuiu para essa discussão quando descreveu a rotina de educadores em uma instituição de acolhimento de crianças de zero a seis anos no estado do Pará. Na ocasião, observou-se que a rotina desses profissionais era organizada por plantões do tipo 12X48 (trabalhavam 12 horas e folgavam 48 horas), sendo que os plantões diurnos tinham início às 7h e os noturnos às 19h. Observou-se, de maneira geral, uma certa regularidade nas atividades desenvolvidas na instituição que seguiam conforme descrito na Tabela 1.

Tabela 1. Rotina de educadores em uma instituição de acolhimento de zero a seis anos no Estado do Pará.

Intervalo de tempo	Descrição geral das principais ocorrências
7h às 8h	Troca de plantão (chegada das educadoras) e café da manhã das crianças
8h às 9h	Brincadeiras para as crianças maiores e, no caso dos bebês, o tempo era ocupado dentro do dormitório ou nas áreas externas para banho de sol
9h às 10h	Lanche da manhã e, após, as crianças ficavam livres para brincar
10h às 11h	Brincadeiras, da mesma forma que nos horários anteriores, e preparação para o almoço (banho e organização)
11h às 12h	Preparação para o almoço e almoço
12h às 13h	Higiene pessoal (escovar os dentes) e, nesse horário e preparação para o sono da tarde
13h às 14h	Sono da tarde. Almoço e descanso dos educadores
14h às 15h	Sono da tarde. Almoço e descanso dos educadores
15h às 16h	Organização dos dormitórios e períodos de brincadeira
16h às 17h	Períodos de brincadeira
17h às 18h	Banho e a preparação para o jantar
18h às 19h	Jantar e troca de plantão (chegada das educadoras da noite)

Fonte: Produzido pela autora com base no estudo de Corrêa (2011).

A partir da descrição feita por Corrêa (2011) foi possível observar diferenças significativas na rotina de educadores nos dias de semana e nos finais de semana, que tendiam a ser mais livres e, em alguns momentos, com interações com a comunidade. De forma geral, essa pesquisa

verificou que a rotina na instituição preservava uma certa constância, entretanto, podia sofrer alterações conforme as necessidades que se apresentavam. Além disso, observou-se que as crianças da instituição frequentavam diversos ambientes – brinquedoteca, *playground*, barracão (área coberta na parte externa da instituição), dormitórios, refeitório - porém, na maior parte do tempo, permaneciam dentro da própria instituição. As interações entre educador-criança também ficaram visíveis através dessa observação, em que pode se perceber uma maior intensidade e qualidade nos momentos da preparação para o sono e na alimentação.

A busca por estudos em ambientes institucionais permitiu o acesso a contribuições de autores que tratam da rotina em outras instituições destinadas a crianças e adolescentes. Este é o caso das instituições de educação infantil, entre outros exemplos. As instituições de educação infantil têm especial importância, pois, assim como as instituições de acolhimento, elas são entendidas como microssistemas de desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1994), apresentando na composição de seu ambiente ecológico padrões de atividades, relações e papéis que devem ser compreendidos em sua importância para o desenvolvimento imediato e futuro da criança.

Um dos estudos a tratar disso foi realizado por Eichmann (2014). Essa publicação remete a uma experiência de estágio em uma creche na cidade de Porto Alegre e demonstrou que o dia-a-dia das crianças naquele contexto se organiza de acordo com um conjunto de rotinas e atividades planejadas para favorecer o desenvolvimento. Como principal objetivo dessas práticas, os autores citam a promoção do desenvolvimento da criança de forma global, por meio do desenvolvimento do sentimento de segurança, autoestima, iniciativa e autonomia. Entre os principais resultados do estudo, destaca-se a importância do papel do adulto na rotina dessas crianças, visto que o adulto é um pilar fundamental nesse processo de desenvolvimento, já que é ele o responsável por organizar essa rotina e propiciar atividades estimulantes, com intenção educativa, aceitando o ritmo de cada criança. O autor ainda ressalta que essas interações rotineiras com o adulto proporcionam um sentimento de continuidade, estabilidade, segurança e previsibilidade, importantes para o desenvolvimento positivo. Por fim, os autores enfatizam a importância das rotinas de acolhimento do dia-a-dia da creche (como a marcação das presenças no quadro de presenças), de higiene, de alimentação e de descanso, que devem ocorrer de forma concomitante a atitudes educativas.

Outra contribuição no que se refere ao estudo de rotinas nas instituições de educação infantil foi dada por Oliveira (2016). O autor buscou analisar as contribuições do planejamento da rotina pedagógica no processo de ensino-aprendizagem em uma instituição de educação infantil. Partindo do pressuposto de que a rotina é um instrumento relevante nesse processo por envolver a tríade cuidar-educar-brincar, obteve-se resultados que apontam para a existência de uma realidade diferente do esperado, em que a rotina não era planejada nem utilizada com esse intuito. Foi

constado que é importante planejar a rotina nesse contexto, tendo como objetivo favorecer o processo de aprendizagem, porém, constatou-se que prática está distante da teoria, demonstrando que há pouco conhecimento por parte dos professores quanto à utilização da rotina como estratégia de desenvolvimento.

Outro estudo que explorou o ambiente de instituições de educação infantil foi realizado por Torrão (2016). Nessa publicação, que retrata o dia-a-dia em uma creche na cidade de Porto Alegre através da metodologia IA (Investigação-Ação), destacou-se a importância dos cuidados e das rotinas para o desenvolvimento. Em linhas gerais, conclui-se que esses momentos de cuidado que fazem parte da rotina são considerados momentos privilegiados da relação entre a educadora e a criança. Entre os principais resultados desse estudo, destaca-se a percepção de que a rotina extrapola a simples demarcação de horário para cada atividade, mas abarca também a forma como as coisas são feitas, o que leva ao desenvolvimento das crianças nesse contexto. Da mesma forma que Eichmann (2014), Torrão (2016) destaca o papel do adulto, sendo que nesse estudo foi possível perceber que foram nas atividades que proporcionavam relações próximas e individuais entre criança e educadora que as crianças demonstraram mais envolvimento e vontade de participar, demonstrando que essas práticas rotineiras são importantes para a construção de um ambiente seguro, agradável, confortável, que satisfaça as necessidades das crianças e possibilite o seu desenvolvimento.

Seguindo o relato de alguns achados documentados na literatura, apresenta-se um estudo teórico de revisão literária sobre o tema realizado por Fiese et al (2002). Com o objetivo de demonstrar a importância das rotinas para a vida contemporânea, os autores realizaram uma revisão compreendendo 50 anos de literatura sobre a temática. Entre seus principais achados, destacou-se o fato de os estudos sobre rotina estarem divididos em dois grandes eixos: práticas observáveis e rituais simbólicos de eventos coletivos. De maneira geral, eles também perceberam que as rotinas parecem ter uma relação com as competências parentais, adaptação das crianças e satisfação conjugal, além de serem impactadas pelo ambiente cultural em que estão inseridas. Eles concluíram que as rotinas e os rituais são importantes para a transmissão dos valores culturais e reguladores do desenvolvimento. Essa revisão literária destacou como limitação desses estudos originais, o fato de as investigações científicas acerca do tema serem relativamente imaturas, com metodologia de avaliação das rotinas limitadas, bem como, apresentam dificuldade para identificar e diferenciar os efeitos diretos e indiretos destas na vida dos participantes. Para estudos futuros, os autores dão ênfase à importância de se utilizar instrumentos que possibilitem uma avaliação mais precisa da rotina, com características psicométricas conhecidas.

Quanto à metodologia utilizada em pesquisas que investigaram a rotina de crianças, adolescentes e outros grupos em diferentes contextos e ambientes ecológicos, destaca-se o uso do Inventário de Rotina (IR). Optou-se por relatar estudos que utilizam esse instrumento devido às discussões e às contribuições que ele permite, possibilitando investigações sistemáticas e comparativas do contexto que está sendo investigado. Esse instrumento possibilita a descrição detalhada de um dia típico do participante, incluindo os elementos e a organização da rotina, levando em conta as atividades realizadas, as companhias e os ambientes frequentados, em função do tempo. O IR foi originalmente pensado por Boyce, Hartnett, James e Jensen (1983), mas sofreu alterações substanciais em estudos posteriores, sobretudo nas investigações conduzidas por pesquisadores do desenvolvimento humano como Silva *et al.* (2010). Essa pesquisa, em particular, trouxe um ponto importante a ser considerado na utilização do instrumento. Foi observada a necessidade de uma aproximação por parte dos pesquisadores com o ambiente onde será desenvolvida a pesquisa, dada a importância de se ter um maior conhecimento a respeito da dinâmica do local, das atividades e do vocabulário utilizado no contexto. Como foi constatado pelo estudo, a riqueza dos dados depende também das habilidades do entrevistador e, parte dessa habilidade, é desenvolvida a partir do contato prolongado com o contexto de pesquisa, pois viu-se ser necessário estimular o entrevistado a trazer o máximo de informações referentes à sua rotina e um conhecimento prévio facilita esse processo (Silva *et al.*, 2010).

O IR também foi o instrumento utilizado por Silva, Pontes e Silva (2011) para descrição das rotinas de crianças em famílias ribeirinhas. O estudo objetivou compreender o modo de vida do ribeirinho amazônicos através de um estudo referente às particularidades das interações de duas crianças de três anos com seus parceiros. Nessa pesquisa, o IR também foi combinado com outros instrumentos, nesse caso o Diário de Campo e Entrevistas Semiestruturadas. A análise dos resultados permitiu acessar informações relativas às relações familiares das duas crianças, às formas de inserção das crianças na cultura ribeirinha e às formas de desenvolvimento de habilidades e competências importantes para a vida autônoma. Os autores concluíram que o estudo das rotinas se faz necessário para a compreensão de aspectos complexos das relações pessoa-contexto, sendo importante o investimento nesse tipo pesquisa.

Outro estudo que utilizou o mesmo instrumento foi o de Costa (2015), que relacionou as rotinas diárias e os níveis de satisfação de famílias após um remanejamento habitacional involuntário no município de Ananindeua-PA. Para isso, a autora utilizou, além do IR, o Questionário de Adaptação Habitacional (QAH). A combinação dos resultados possibilitou compreender alterações quanto à rotina das famílias após a mudança habitacional e a sua satisfação com a nova casa, demonstrando que a mudança no ambiente pode causar mudanças em demais

aspectos da rotina, como as atividades da vida diária (atividades) e as interações (companhias) que se estabelecem, bem como, no tempo gasto para determinadas atividades (completando os quatro elementos de análise do IR – atividades, companhias, ambientes e tempo). Com essa pesquisa foi possível observar que o estudo da rotina, sob essas condições, permite acessar aspectos mais amplos e relacionais do funcionamento da vida dos participantes, o que demonstra a relevância desse tipo de análise para profissionais das áreas envolvidas nos estudos sobre interações pessoa-ambiente. Como a presente pesquisa adota uma perspectiva bioecológica, estudos de rotina como o aqui relatado se mostram pertinentes por possibilitarem o acesso a dados que podem contribuir para a caracterização desses tipos de interações.

Através do método de Estudo de Casos Múltiplos (Yin, 2003, 2010), Silva e Cavalcante (2015) descreveram a rotina de três famílias que adotaram crianças (de idades entre três e cinco anos) com necessidades especiais. No estudo, foram combinados dados do IR com Entrevistas Semiestruturadas e Diário de Campo. Os dados demonstram que atividades como descanso, escola, alimentação/higiene, assistir televisão e lazer são as mais frequentes na rotina dessas crianças. Nos finais de semana as atividades não costumam variar muito, apenas com a troca do tempo destinado à escola por mais períodos de lazer. Também foram observadas atividades de recreação, momentos nos quais membros da família (como pais e irmãos) e cuidadores profissionais (como babás) interagem e consolidam vínculos. Além disso, foi observado que, com frequência, essas atividades e interações ocorrem nos ambientes domésticos da família. De acordo com as autoras, supõe-se que os componentes e a organização das rotinas contribuem para a consolidação de habilidades e conhecimento socialmente valorizados, como aquisições socioemocionais, linguísticas e escolares. Além disso, as autoras também ressaltam que o estudo possibilitou o conhecimento acerca da dinâmica familiar e a compreensão do contexto ecológico no qual as crianças estavam se desenvolvendo.

Outra pesquisa semelhante a anterior foi realizada por Silva e Pontes (2016). Esta analisou a rotina de três famílias com crianças diagnosticadas com paralisia cerebral (PC). O IR foi aplicado às mães que acompanhavam seus filhos em um hospital da rede pública de Belém-PA. Nessa pesquisa os autores identificaram que as mães com crianças nessas condições dedicavam mais tempo ao cuidado da criança, em detrimento do seu próprio cuidado. Além disso, foi possível observar que o nível de comprometimento das crianças com PC estava diretamente ligado ao nível de assistência oferecido pela mãe. Os autores constataram que quanto mais comprometida fosse a autonomia da criança, maiores eram os cuidados dispensados pela mãe. Com o IR também foi possível identificar as redes de apoio à família e demonstrar que a utilização delas diminui a sobrecarga da mãe, impactando de forma positiva na sua saúde.

Tendo em vista os estudos aqui relatados, entende-se ter ficado evidenciada a importância de se tomar como objeto de estudo a rotina de crianças e adolescentes como forma de acessar aspectos complexos da vida deste público específico, possibilitando a compreensão desses fatores sob uma perspectiva bioecológica. Além disso, acredita-se ter sido evidenciada a necessidade de se investigar a rotina em diferentes contextos, mas principalmente em ambientes de natureza institucional, devido à lacuna apontada pela literatura levantada sobre o tema. Sendo assim, confirma-se a importância da pesquisa aqui proposta para o avanço da psicologia, em específico da psicologia do desenvolvimento com ênfase na abordagem bioecológica, assim como, para a área de pesquisa que se dedica à compreensão das instituições infantis e juvenis como contexto de desenvolvimento tão amplo e abrangente quanto o familiar.

### **O Estudo da Rotina a partir da Abordagem Bioecológica**

Como foi visto nos tópicos anteriores, o ambiente físico e social em que a pessoa está inserida tem reconhecida importância no seu desenvolvimento, podendo ter este um efeito positivo ou negativo nas aquisições decorrentes desse processo (Bronfenbrenner, 1996, 2011). Ademais, também foi visto que o estudo de rotina permite acessar informações importantes, complexas e relacionais acerca desse ambiente (Costa, 2015; Silva, Pontes, & Silva, 2011). Dito isto, apresentar-se-á um conjunto de hipóteses teóricas desenvolvidas por Bronfenbrenner (1996, 2011) que permitem analisar e interpretar do ponto de vista da bioecologia do desenvolvimento humano dados acerca da rotina de crianças e adolescentes que vivem em instituições de acolhimento, como esta dissertação se propõe discutir.

Outrossim, vale ressaltar que o modelo bioecológico defende não ser possível classificar um ambiente (no caso, se positivo ou negativo em seus efeitos para o desenvolvimento) sem que se conheça a qualidade das oportunidades oferecidas por ele. Segundo o autor, o que deve ser observado em um ambiente é a possibilidade de a pessoa em desenvolvimento estabelecer relações recíprocas fortes e duradouras, além da oportunidade dela interagir com diferentes objetos, receber diferentes estímulos, estar engajada em atividades progressivamente mais complexas em períodos regulares e prologados de tempo (Bronfenbrenner, 2011).

Para elucidar esses pontos, esta pesquisa dará relevo às questões relativas ao Microsistema, sem deixar de lado a interação deste nível do ambiente ecológico com os demais para a compreensão do processo de desenvolvimento em crianças e adolescentes acolhidos. Para tanto, será necessário retomar as hipóteses teóricas de número 1, 7, 14, 15, 17 e 29 na medida em

que Bronfenbrenner (1996) destaca a importância de cada uma delas nos processos de desenvolvimento e aprendizagem.

Com base na Hipótese 1, para que o desenvolvimento ocorra da forma mais plena possível, entende-se ser necessário que a pessoa esteja engajada em atividades molares (que são formas de comportamento continuado com um objetivo ou intenção específica) e em contato com outra. Também é importante que a pessoa em desenvolvimento se relacione com outras enquanto as atividades molares ocorrem, e que essa pessoa seja alguém com quem ela tenha uma relação próxima, recíproca e duradoura, constituindo uma díade, como indica a Hipótese 7. Dito de outra forma, quando a pessoa em desenvolvimento não consegue estabelecer uma relação desse tipo em seu ambiente imediato, as oportunidades ausentes nesse contexto podem representar sérios prejuízos em seu desenvolvimento.

No âmbito dessa discussão, resgata-se ainda o que diz a Hipótese 14 e a referência que faz aos papéis que são ocupados pela pessoa em desenvolvimento. Nela, Bronfenbrenner (1996) assume que o desenvolvimento é facilitado quando a pessoa tem a oportunidade de ocupar diferentes papéis e/ou de interagir com pessoas que ocupam diferentes papéis. Dessa forma, é possível compreender que essa transição de papéis, parte integrante da transição ecológica descrita pelo autor na Definição 6, atua de forma positiva no desenvolvimento a tal ponto que, quando essas condições não mais existirem, o desenvolvimento pode sequer ocorrer ou ser prejudicado em seus resultados.

Tratando-se especificamente do Microsistema aqui denominado de instituição de acolhimento de crianças e adolescentes, com base na Hipótese 15, deve-se considerar que o contexto institucional tende a dificultar o desenvolvimento quando combina um ambiente com poucas possibilidades de interação entre cuidador e criança em atividades diversas com um ambiente físico que restringe as oportunidades de locomoção e contém poucos objetos para a criança utilizar (Bronfenbrenner, 1996).

Complementando esse raciocínio, Bronfenbrenner defende que os possíveis prejuízos ou fatores retardantes do desenvolvimento, podem ser evitados ou mesmo revertidos, quando as crianças acolhidas institucionalmente em caráter provisório ou ainda de forma precoce e prolongada, são expostas aos estímulos de um ambiente com oportunidades de locomoção e objetos que propiciem atividades espontâneas, cuidadores disponíveis para interação em diversas atividades, além de uma figura representativamente análoga à materna, com quem ela possa desenvolver um vínculo sólido. Nesses termos, o ambiente terá maior potencial desenvolvimental à medida em que se aumente as possibilidades de a pessoa em desenvolvimento engajar-se em

atividades cada vez mais complexas a partir de relações recíprocas com as díades. Este é o enunciado da Hipótese 17 defendida Bronfenbrenner (1996).

De igual modo, pressupõe-se que o ambiente, nesse tipo de instituição, deve estar organizado de forma a propiciar ganhos de autonomia e habilidades coerentes com as diversas faixas etárias das crianças que nele convivem no dia a dia. Especificamente esse ponto – a importância do engajamento da criança em atividades progressivamente mais complexas – deve ser apresentado aqui como uma recomendação já destacada por Bronfenbrenner (1996), e que, nos dias atuais, também se faz presente no documento que reúne recomendações importantes para a implementação de políticas mais efetivas de proteção social à infância, as chamadas *Orientações Técnicas: Serviço de Acolhimento para Crianças e Adolescentes* (Conanda, 2009). Nesse documento, o impacto do abandono e do afastamento do convívio familiar pode ser reduzido para a criança nessa condição específica quando as experiências vivenciadas nos acolhimentos forem realmente reparadoras. Para isso, entende-se ser necessária uma mudança na visão dos serviços de acolhimento de crianças, deixando de vê-los unicamente como nocivos ou prejudiciais, mas sim como uma medida sociojurídica, com cunho protetivo, que tem efeito positivo no desenvolvimento das pessoas por ela alcançadas.

O último ponto a ser trazido para essa discussão sobre os pressupostos básicos da bioecologia do desenvolvimento da criança, e de modo particular daquela que se encontra em situação de acolhimento institucional, é a Hipótese 29. Esta apresenta a ideia de que o desenvolvimento está relacionado ao número de ambientes diferentes dos quais a pessoa em desenvolvimento participa, engajando-se em atividades variadas e relacionando-se com os outros de forma sólida e duradoura. Essa hipótese reafirma a necessidade de interação com diferentes pessoas, em diferentes ambientes, realizando diferentes atividades, para que o desenvolvimento ocorra da forma mais positiva possível, corroborando as demais hipóteses destacadas (Bronfenbrenner, 1996).

De forma geral, como dito antes, entende-se que o acolhimento institucional pode representar para crianças e adolescentes, nessa situação específica, a convivência em um contexto de desenvolvimento mais limitado. Contudo, sabe-se que, da mesma forma que o período de acolhimento institucional, quando precoce e prolongado, pode dificultar o desenvolvimento, este mesmo contexto se adequado às necessidades da criança e enriquecido em termos de experiências sociais e afetivas, poderá agir de modo a proteger e promover o desenvolvimento. Ou seja, estímulos ricos e adequados podem tornar o ambiente físico e social da instituição de acolhimento um contexto que protege e promove o desenvolvimento. Desse modo, é possível compreender que

as diferenças entre os microssistemas família e instituição existem, porém não se pode dizer que um é melhor ou pior que o outro para o desenvolvimento *a priori* (Bronfenbrenner,1996).

Levando-se em conta os elementos envolvidos no contexto de desenvolvimento em questão, a presente pesquisa dedicar-se-á ao estudo da rotina como forma de acessar informações relativas às interações que se estabelecem nesse contexto de desenvolvimento específico. Desse modo, busca-se verificar se e como as hipóteses teóricas levantadas por Bronfenbrenner e aqui aceitas como a base teórica do modelo Bioecológico do Desenvolvimento, poderão ser confirmadas a partir de evidências empiricamente consistentes sobre o lugar e a importância da rotina de crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional nesse contexto de desenvolvimento de modo particular.

Dessa forma, a presente pesquisa, composta por dois estudos, propôs-se compreender a organização e descrever os componentes da rotina de crianças e adolescentes em acolhimento institucional, a partir da perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento Humano. O ponto de partida para essa compreensão é a descrição detalhada das atividades, companhias e ambientes comumente presentes na vida diária desses participantes e o tempo associado a cada um dos elementos constituintes nas rotinas pesquisadas. Assim, com base em estudos anteriores, acredita-se ser possível acessar um conjunto de dados que permita olhar as rotinas de crianças e adolescentes em acolhimento institucional sob a ótica da Bioecologia do Desenvolvimento.

### **Objetivo Geral**

- Compreender a organização e descrever os componentes da rotina de crianças e adolescentes em contexto institucional, a partir da perspectiva da Bioecologia do Desenvolvimento Humano.

### **Objetivos Específicos**

- Descrever os componentes da rotina de crianças e adolescentes, como por exemplo, atividades, companhias e ambientes, em instituições de acolhimento localizadas em três regiões do Pará: Região Metropolitana (RM), Região Guamá (RG) e Região Caetés (RC).
- Descrever e comparar as atividades, as companhias e os ambientes característicos da rotina de criança e de adolescentes em instituições de acolhimento nas regiões pesquisadas, segundo esses grupos etários.

- Apontar as diferenças e as semelhanças entre esses componentes presentes nas rotinas de crianças e adolescentes acolhidos em instituições governamentais e não governamentais nas regiões de abrangência da pesquisa.

## Capítulo II: Estudo 1

### Rotinas de crianças e adolescentes em acolhimento institucional: um estudo descritivo

#### Resumo

Partindo-se do pressuposto de que o desenvolvimento ocorre no contexto em que a pessoa está inserida, estudos sobre rotina – que englobam a descrição e análise das atividades, companhias, ambientes e gasto do tempo – são importantes para psicologia do desenvolvimento por permitirem a discussão de aspectos complexos correlacionados à vida diária da população estudada. Nesses termos, o presente estudo objetivou descrever e comparar a forma como a rotina de crianças e adolescentes que vivem em instituições de acolhimento está organizada, partindo da identificação desses elementos que a constituem a relação entre eles. Pretendeu-se, assim, ter acesso a um conjunto de dados que permitisse a análise desse fenômeno sob a ótica da Bioecologia do Desenvolvimento Humano. O estudo se caracteriza por sua abordagem quantitativa, do tipo descritivo, com características não experimentais. Os dados foram coletados através do Questionário de Caracterização da Instituição (QCI) e do Inventário de Rotina (IR), ambos aplicados diretamente com funcionários de cada uma das quatorze instituições de acolhimento localizadas em três regiões do Pará. Os dados foram descritos no programa *Microsoft Office Excel* e posteriormente foi calculada a Média (M), Mediana (Md), valores máximos e mínimos e Desvio Padrão (Dp). Os resultados em dias de semana demonstraram que a atividade mais frequente foi Sono, descanso ou despertar (M=678 e Dp=113: crianças; M=597 e Dp=78,5: adolescentes), a companhia mais frequente foi Pares (M=371 e Dp=414,7: crianças) e Todos (M=743 e Dp=431,3: adolescentes), já o ambiente mais frequente foi o Quarto em ambos os grupos (M=759 e Dp=180,2: crianças; M=656 e Dp= 180,2: adolescentes). Nos finais de semana o cenário é bastante semelhante, com a exceção da companhia mais frequente para crianças, que passa a ser Outros acolhidos acompanhados por profissionais da instituição (M=729 e Dp=579). Assim, conclui-se que a rotina dessas crianças e adolescentes apresenta pouca variabilidade em decorrência da sua condição etária. Esses dados podem contribuir com o avanço da psicologia do desenvolvimento, por ampliarem a compreensão das instituições de acolhimento como contextos de desenvolvimento e dos processos que ali se desenvolvem em razão dos grupos etários envolvidos. Além disso, com a descrição minuciosa e a análise dos dados, pode-se contribuir para o planejamento da vida cotidiana de crianças e adolescentes institucionalizadas, apontando lacunas e necessidades, propondo mudanças e aprimoramentos, para que a rotina dessa população, de fato, possa atender demandas que são próprias de cada idade e ser sensível aos interesses de cada grupo etário.

**Palavras-chave:** Cotidiano, institucionalização, psicologia do desenvolvimento, desenvolvimento infantil, psicologia do adolescente.

## Abstract

Based on the assumption that development takes place in the context in which the person is inserted, routine studies - encompassing the description and analysis of activities, companies, environments, and time - are important for developmental psychology because they allow discussion of complex aspects correlated to the daily life of the study population. In these terms, the present study aimed to describe and compare how the routine of children and adolescents living in host institutions is organized, starting from the identification of these elements that constitute the relationship between them. It was intended, therefore, to have access to a set of data that allowed the analysis of this phenomenon from the perspective of Bioecology of Human Development. The study is characterized by its quantitative approach, descriptive and correlational, with non-experimental characteristics. The data were collected through the Institution Characterization Questionnaire and the Routine Inventory, both applied directly to employees from each of the fourteen host institutions located in three regions of Pará. The data are described in Microsoft Office Excel and was subsequently calculated Media (M), Median (Md), maximum and minimum values and standard deviation (SD). The results in days of the week showed that the most frequent activity was Sleep, rest or Awakening (M = 678 and SD = 113 and M = 597 and SD = 78.5 for teenagers), the company was the most frequent pairs (for children, M = 371 and SD = 414.7) and all (for teenagers, M = 743 and SD = 431.3), the most frequent was the fourth environment in both groups (M = 759 and SD = 180.2 for children and M = 656 and SD = 180.2 for teenagers). On weekends, the scenario is quite similar, with the exception of the company more often for children, which happens to be Other hosted professional institution accompanied by (M = 729 and SD= 579). Thus, it is concluded that the routine of these children and adolescents presents little variability due to their age. These data can contribute to the advancement of developmental psychology by expanding the understanding of the host institutions as development contexts and the processes that develop there due to the age groups involved. In addition, with the detailed description and analysis of the data, one can contribute to the daily life planning of institutionalized children and adolescents, pointing out gaps and needs, proposing changes and improvements, so that the routine of this population, in fact, can Meet demands that are specific to each age and sensitive to the interests of each age group.

**Keywords:** Daily life, institutionalization, developmental psychology, childhood development, adolescent psychology

## Introdução

As aquisições e outras alterações desenvolvimentais resultam das interações estabelecidas entre a pessoa em desenvolvimento e o contexto onde ela interage e convive socialmente (Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner, 1996, 2011). A partir desse pressuposto, entende-se que estudos que têm como objeto de pesquisa a rotina são importantes para a psicologia do desenvolvimento por evidenciarem informações acerca do funcionamento da vida diária dos participantes e da complexa dinâmica desses ambientes dos quais eles fazem parte (Boyce, Hartnett, James e Jensen, 1983; Costa, 2015; Fernandes, Boehs, Denham,

Nitschke, & Martini, 2017; Silva & Cavalcante, 2015; Silva et al, 2010; Silva, Pontes, & Silva, 2011; Silva & Pontes, 2016).

A rotina – em particular, a rotina de ordem familiar – pode ser entendida como um conjunto de comportamentos observáveis, que preservam certa regularidade e previsibilidade e envolvem dois ou mais membros de uma família, conforme explicam Jensen, James, Boyce e Hartnett (1983). Eles destacam que esses comportamentos têm impacto no bem-estar e na saúde por funcionarem como símbolos de permanência mesmo quando há mudanças, potencializando a resistência e a adaptação desse grupo. Howe (2002) também apresentou um conceito de rotina, cuja definição remete às interações padronizadas e repetidas ao longo do tempo, com certo nível de previsibilidade e estabilidade, como proposto por Jensen, James, Boyce e Hartnett (1983). Adicionalmente, Deham (2003) caracteriza a rotina como comportamentos ligados às atividades de vida diária, que podem ser construídos e desconstruídos de acordo com as demandas que se apresentam no contexto.

Sobre a rotina no universo empírico das instituições destinadas ao acolhimento de crianças e adolescentes, destacam-se os estudos de Machado e Serrano (2012) que investigaram as atividades realizadas no tempo livre dos acolhidos em Portugal, assim como, o trabalho de Corrêa (2011), que colaborou com a discussão dessa temática ao descrever detalhadamente a rotina de educadores em uma instituição de acolhimento na cidade de Belém-PA. Ambos os estudos demonstram que a rotina nas instituições de acolhimento mantém uma certa constância, ou seja, apresenta pouca variabilidade, tanto no que diz respeito às atividades realizadas, quanto aos ambientes frequentados e às companhias mais frequentes.

Observa-se, assim, que os estudos que abordam essa temática têm trabalhado comumente com dados que evidenciam as atividades realizadas, as companhias apresentadas e os ambientes frequentados ao longo do tempo (Boyce, Hartnett, James e Jensen, 1983; Costa, 2015; Silva & Cavalcante, 2015; Silva et al, 2010; Silva, Pontes, & Silva, 2011; Silva & Pontes, 2016). Esses núcleos de análise propostos nos estudos de rotina podem ser entendidos de forma análoga aos núcleos de análise propostos pelo Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano (MBDH), ou, como também é conhecido, que leva em conta a interação entre os núcleos teóricos: Processo, Pessoa, Contexto e Tempo (Bronfenbrenner, 2011). Por essa razão, o presente estudo utiliza esse referencial teórico, partindo-se do pressuposto de que o processo de desenvolvimento ocorre mediante as condições que se apresentam nos contextos dos quais a pessoa em desenvolvimento e suas características biopsicológicas faz parte, sendo as rotinas um importante objeto a ser considerado para análise.

O MBDH (Bronfenbrenner, 1996, 2011) destaca dois microssistemas não familiares como contextos de desenvolvimento: as creches e as instituições infantis, que, nos dias de hoje, recebem a denominação de instituições de acolhimento. Tratando-se especificamente do contexto de acolhimento, Bronfenbrenner (1996) afirma que o ambiente institucional se diferencia do familiar em todos os níveis do sistema ecológico, desde o mais próximo (Microssistema) até o mais amplo (Macrossistema). Em nível de Microssistema, nível priorizado nas análises do presente estudo, entende-se que a rotina institucional tende a ser mais rígida, com mais atividades pré-estabelecidas em relação ao contexto familiar. Além disso, as relações afetivas entre o profissional cuidador e criança tendem a ser mais distantes e, de maneira geral, essas experiências costumam ser mais restritas, com menor variedade de atividades e de ambientes frequentados (Bronfenbrenner, 1996).

Para detalhar melhor o assunto e o impacto do ambiente no desenvolvimento de crianças e adolescentes, o MBDH traz alguns pontos importantes que devem ser levados em consideração quando se pretende proceder à análise das rotinas em um ambiente institucional. Bronfenbrenner (1996) destaca que esse ambiente pode prejudicar o processo de desenvolvimento quando não oportuniza muitas experiências de interação entre o ser humano em desenvolvimento e as pessoas, objetos e símbolos do ambiente, nem também possibilita uma ampla variedade de atividades em que a pessoa em desenvolvimento possa se engajar. Ademais, o ambiente físico da instituição pode ser prejudicial ao desenvolvimento quando não permite que a criança e/ou o adolescente tenha contato com objetos estimulantes ou se locomova de forma espontânea.

Outro ponto que deve ser considerado é a possibilidade de a criança e/ou adolescente frequentar no seu cotidiano diferentes ambientes (não apenas o familiar/institucional), participando de forma ativa de outras atividades nesses ambientes e interagindo com pessoas que ocupam papéis diversificados. Ou seja, de forma geral, o contexto institucional tem potencial prejudicial para o desenvolvimento quando o ambiente, em seus aspectos físicos e relacionais, pode ser descrito como pobre em estímulos diversos (Bronfenbrenner, 1996).

Entretanto, esse autor defende ainda que os possíveis prejuízos oriundos do convívio prolongado em um ambiente pouco estimulante do ponto de vista cognitivo e socioemocional, por exemplo, podem ser evitados ou revertidos quando a pessoa em desenvolvimento passa a estar em um contexto que apresente condições favoráveis para o seu desenvolvimento, tais como: oportunidades de locomoção e objetos para atividades espontâneas, possibilidade de interação com cuidadores disponíveis em uma variedade de atividades, chance de interação com uma figura representativamente análoga à materna, formando com ela uma díade que se mantém ligada por um sólido vínculo (Bronfenbrenner, 1996). Autores como Siqueira e Dell'Aglio (2007) corroboram com essas colocações ao pontuar que a institucionalização pode se configurar como

um fator de risco ou de proteção, tanto por ter esse possível impacto no desenvolvimento, quanto por ter potencial de reduzir os efeitos negativos mediante à presença de um fator de risco que assim se configurou.

De acordo com o MBDH, para que o desenvolvimento ocorra da forma mais positiva possível, seja em ambiente familiar ou institucional, é importante que a pessoa tenha a possibilidade de se engajar em processos proximais, caracterizados pelo engajamento em atividades, que devem ocorrer com regularidade ao longo do tempo e através de relações interpessoais recíprocas, tornando-se assim cada vez mais complexas (Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner & Evans, 2000, Bronfenbrenner, 1996, 2011). Somado a isso, é importante que a criança e/ou adolescente tenha a oportunidade de ocupar diferentes papéis no seu dia a dia, ou seja, ocupar distintos lugares em interações mantidas com outras pessoas, exercendo diferentes funções sociais, bem como, se relacionar com outras que ocupem papéis que se diferenciem dos até então conhecidos (Bronfenbrenner, 1996, 2011).

Dessa forma, entende-se que o acolhimento institucional pode representar para crianças e/ou adolescentes que vivem nessa situação específica o convívio em um contexto de desenvolvimento mais limitado, em decorrência das poucas oportunidades que oferta, principalmente quando ocorre de forma precoce e prolongada (Bronfenbrenner, 1996; Cavalcante, Costa Silva, & Magalhães, 2010). Entretanto, sabe-se que esse mesmo contexto, quando oferece condições minimamente adequadas, pode possibilitar à essas crianças e adolescentes a vivência de experiências reparadoras, protegendo-as de situações adversas e promovendo o desenvolvimento positivo. Ou seja, partindo desse entendimento, não é possível dizer que o ambiente institucional é mais prejudicial ao desenvolvimento *a priori*, pois há de se considerar um conjunto de fatores que são capazes de limitar ou favorecer aquisições desenvolvimentais consideradas positivas (Bronfenbrenner, 1996).

Pensando em alguns dos pontos aludidos neste estudo, retoma-se o documento *Orientações Técnicas: Serviço de Acolhimento para Crianças e Adolescentes* (Conanda, 2009), construído com o intuito de regulamentar e orientar metodologicamente a organização e a oferta dos serviços de acolhimento no Brasil. Logo no início, o documento enfatiza a preocupação em assegurar às crianças e adolescentes em acolhimento um desenvolvimento positivo, pontuando a questão dos possíveis prejuízos que o afastamento do convívio familiar pode causar. Esse desenvolvimento positivo, conforme relatado no documento, está relacionado ao atendimento prestado pelo serviço, que deve proporcionar a eles vivências reparadoras e a retomada, na medida do possível, ao convívio familiar nas famílias originais ou, excepcionalmente, o encaminhamento às famílias substitutas. Em resumo, evidencia-se dessa forma a importância da mudança na visão dos serviços

de acolhimento, entendendo-os não somente como danosos para o desenvolvimento, mas também como medidas sociojurídicas protetivas capazes de facilitar o desenvolvimento das pessoas que, por necessidades diversas, são encaminhadas a eles.

Como estratégias para o atingimento desse objetivo, o documento (Conanda, 2009) elenca a necessidade de preservação e o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, conforme preza o ECA, Lei Federal nº 8069/90, que pode indicar uma possibilidade para a criança e/ou adolescente interagir com diferentes pessoas (amigos, familiares, vizinhos, colegas) em diferentes ambientes (escola, igreja, praças), o que vai ao encontro com o que enfatiza o MBDH como importante para o desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1996). Além disso, as supracitadas orientações destacam a necessidade de um atendimento personalizado e individualizado aos acolhidos, preferencialmente organizando-os em pequenos grupos, de forma a possibilitar o estabelecimento de relações mais próximas entre eles e os educadores/cuidadores, o que também vai ao encontro com o que o MBDH propõe (Bronfenbrenner, 1996).

A partir do exposto, a presente pesquisa dedicou-se ao estudo da rotina de crianças e adolescentes em instituições de acolhimento como estratégia para acessar informações complexas e relacionais referentes a esse contexto de desenvolvimento e às interações entre crianças, adolescentes e educadores/cuidadores. A partir disso, buscou-se verificar evidências empiricamente consistentes sobre o lugar e a importância da rotina nesse contexto de desenvolvimento específico. Para isso, o presente estudo tem como objetivo descrever e comparar as atividades, companhias e ambientes característicos da rotina de crianças e adolescentes em instituições de acolhimento em três regiões do Pará, de acordo com o grupo etário. Desta forma, a partir do que foi relatado aqui, acredita-se ser possível acessar um conjunto de dados que permita olhar o fenômeno pesquisado sob a ótica da Bioecologia do Desenvolvimento (MBDH).

## **Método**

Este estudo está ligado à pesquisa que foi aprovada pelo Edital Nº 018/2012 do CNPq, intitulada *Instituições de Acolhimento de Crianças e Adolescentes em Quatro Regiões do Estado do Pará: Perfil, Rotinas e Práticas de Cuidado*, coordenada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lília Iêda Chaves Cavalcante, entre os anos de 2012 e 2014.

### ***Delineamento***

Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem quantitativa dos dados e delineamento não experimental, em que a rotina será a unidade de comportamento observada.

### *Participantes*

Os participantes foram profissionais (educadores ou técnicos) de instituições de acolhimento em três regiões do Pará - Região Metropolitana (RM), Região Guamá (RG) e Região Caetés (RC). Esse grupo de profissionais, composto por 18 pessoas, relatou dados referentes à rotina de crianças e adolescentes que estavam nas instituições durante o período considerado pela pesquisa. Dos 18 participantes, 17 informaram ser do sexo feminino e um não incluiu essa informação no registro. Possuíam idade média de 44 anos, sendo que a máxima relatada foi 67 e a mínima 25 anos. Quanto à escolaridade, dois dos participantes não incluíram essa informação, entre os demais, cinco relataram ter cursado até o ensino superior completo, dois o ensino superior incompleto, quatro o ensino médio completo, um o ensino médio incompleto, três o ensino fundamental completo e um ensino fundamental incompleto. Quanto ao tempo de serviço, o tempo mínimo relatado foi de sete meses e o máximo foi de 27 anos, sendo que a média foi de aproximadamente dez anos e meio. Os participantes foram escolhidos por critério de conveniência, porém, levando-se em conta a experiência de trabalho com os grupos etários pesquisados e, neste sentido, seus conhecimentos acerca da rotina de crianças e adolescentes nesse contexto institucional. Por essa razão, houve casos em que em uma mesma instituição mais de um profissional foi ouvido pela pesquisa, uma vez que para conhecer a rotina de cada grupo etário procurou-se ouvir quem em razão da sua experiência pudesse responder de forma mais completa as indagações feitas.

A Tabela 2 apresenta as instituições de acolhimento participantes da pesquisa de acordo com a região e cidade em que estão situadas.

Tabela 2. Instituições de acolhimento envolvidas na pesquisa.

Região	Cidade	Instituição
Região Metropolitana	Belém	Espaço de Acolhimento Provisório Infantil -EAPI
		Espaço de Acolhimento Euclides Coelho Filho
		Espaço de Acolhimento Dulce Accioli
		Espaço de Acolhimento Ronaldo Araújo
		C.P. Espaço Acolher
		Lar Acolhedor Tia Socorro
		Creche Casa Lar Cordeirinho de Deus
		Abrigo Especial Calabriano
		Centro de Valorização da Criança – CVC
		Ananindeua
	Benevides	Assistência e Recuperação de Crianças e Adolescentes – ARCA
Santa Izabel	Assistência e Recuperação de Crianças e Adolescentes – ARCA	
Região Guamá	São Miguel do Guamá	Abrigo para Crianças e Adolescentes
Região Caetés	Salinas	Casa de Acolhida de Salinas

Fonte: Produzido pela autora.

Ao todo, os dados coletados com os participantes referem-se à realidade de 14 instituições, que, na sequência, foram organizados de acordo com o tipo de Gestão e o Público Atendido, conforme exibido na Tabela 3. Essas características descrevem aspectos importantes que serão levados em conta no decorrer das análises que este projeto se propõe a fazer.

Tabela 3. Descrição das Instituições de Acolhimento participantes.

Instituição	Público Atendido
Espaço de Acolhimento Provisório Infantil - EAPI	Crianças
Espaço de Acolhimento Euclides Coelho Filho	Crianças
Espaço de Acolhimento Dulce Accioli	Adolescentes
Espaço de Acolhimento Ronaldo Araújo	Adolescentes
C.P. Espaço Acolher	Crianças e Adolescentes
Lar Acolhedor Tia Socorro	Crianças e Adolescentes
Creche Casa Lar Cordeirinho de Deus	Crianças e Adolescentes
Abrigo Especial Calabriano	Crianças e Adolescentes
Centro de Valorização da Criança – CVC	Crianças e Adolescentes
Serviço de Acolhimento Institucional de 0 a 6 anos	Crianças
Assistência e Recuperação de Crianças e Adolescentes – ARCA	Adolescentes
Assistência e Recuperação de Crianças e Adolescentes – ARCA	Crianças e Adolescentes
Abrigo para Crianças e Adolescentes	Crianças
Casa de Acolhida de Salinas	Crianças e Adolescentes

Fonte: Produzido pela autora.

### ***Ambiente***

Como informado, os dados do presente estudo foram coletados em 2014, tendo a sua coleta ocorrido em ambientes externos (pátio) e internos (refeitório, dormitório, sala da secretaria e coordenação) das instituições de acolhimento envolvidas na pesquisa.

### ***Instrumentos de Pesquisa e Materiais***

1. Questionário Preenchido pela Gerência para Caracterização da Instituição (QCI) – Apêndice A

Esse instrumento, proposto por Cavalcante (2008), foi originalmente organizado a partir de eixos temáticos, quais sejam: identificação e organização técnico-legal (15 itens), critérios e procedimentos de atendimento (16 itens), características físico-funcionais da instituição (25 itens), atendimento às crianças e adolescentes (13 itens), relação com as famílias das crianças e adolescentes acolhidos (7 itens), desligamento da criança e adolescente (19 itens), preservação da história de vida das crianças e adolescentes (4 itens), dificuldades e necessidades da instituição (3

itens) e perfil do dirigente da instituição responsável pelo preenchimento do questionário (5 itens). Neste estudo serão utilizados apenas os dados obtidos na parte inicial do questionário, relativos a identificação e organização técnico-legal, que permitem a especificação do tipo de instituição, sua natureza e localização.

## 2. Inventário de Rotina (IR) - Apêndice B

O IR, proposto por Silva et al (2010) a partir de Boyce et al. (1983), permite o levantamento e classificação das atividades da vida diária, ambientes e companhias mais habituais dos participantes em função do tempo. O instrumento possibilita a descrição minuciosa de um dia típico do participante, sendo que a sua aplicação ocorre em duas etapas: a primeira referente aos dias de semana e a segunda referente aos finais de semana. Sua aplicação ocorre através de entrevistas com os próprios participantes ou, em caso de crianças, com seus cuidadores.

O instrumento utilizado é composto por uma planilha na qual a partir da qual foi possível registrar a atividade, a companhia e o ambiente (colunas do instrumento) em intervalos de tempo de 15 minutos (linhas do instrumento). Para o presente estudo, o instrumento foi adaptado pelo NEPAIA/LED, tanto no procedimento de coleta quanto de análise dos dados. O IR foi aplicado com o objetivo de registrar o máximo de informações sobre a rotina de crianças e/ou adolescentes acolhidos em uma instituição específica. Em sua versão original, a aplicação do instrumento pretende investigar a rotina de uma dada criança ou adolescente. Ou seja, a rotina de cada criança e cada adolescente é estudada de forma particular, procurando valorizar o que há de singular e geral nela. No presente estudo, contudo, a aplicação do instrumento não considerou a criança ou o adolescente como sujeitos únicos, mas sim como membros de diferentes grupos etários (ao invés de se descrever a rotina de uma criança em particular, buscou-se descrever a rotina das crianças em geral). Essa alteração se deu em consonância com o objetivo de caracterizar, de maneira geral, a rotina de grupos de crianças e adolescentes acolhidos. Outra alteração que foi realizada para o estudo diz respeito às categorias de atividades, companhias e ambientes, essas categorias foram criadas com base nas observações realizadas anteriormente por Corrêa (2011) e adaptadas aos objetivos deste estudo, ou seja, com o intuito de descrever a rotina de crianças e adolescentes em linhas gerais, foram criadas categorias mais amplas que as utilizadas em investigações anteriores, conforme apresenta a Tabela 4.

Tabela 4. Categorias de Atividades, Companhias e Ambientes descritas no IR.

Atividades	Companhias	Ambiente
Sono, descanso ou despertar	Sozinho	Quarto
Higiene pessoal	Familiares	Banheiro
Alimentação	Pares	Outros espaços da instituição
Ir à escola e estudo	Profissionais da instituição	Escola
Lazer		Outros espaços da comunidade

Evento Religioso	Outros acolhidos e profissionais da	Igreja
Convivência familiar	instituição	
Outras atividades dentro e fora da instituição	Outros acolhidos, familiares e voluntários	
	Todos	

Fonte: Produzido pelos autores.

No sistema de categorias considerado para análise neste estudo, a categoria Ir à escola e estudo, abrange atividades como o deslocamento até a escola e o dever de casa, e a categoria Lazer, que envolve atividades como brincadeiras, assistir TV, ouvir rádio, navegar na internet, conversar, realizar festas e também o tempo livre. Já a categoria Outras atividades dentro e fora da instituição é a categoria que reúne as atividades programadas internas e externas (como atendimento técnico e higiene ambiental – limpeza do ambiente institucional, entre outras).

Entre as categorias relacionadas à variável Companhia, a categoria Familiares engloba figuras como pai, mãe, irmãos e parentes próximos, e a categoria Pares, que corresponde a outros acolhidos pela mesma instituição e também àqueles que se encontram em outros ambientes, como por exemplo, os colegas de escola.

Quanto à variável Ambientes, destaca-se a categoria Outros espaços da instituição, que corresponde aos ambientes internos e externos da instituição de acolhimento (como pátio, sala, cozinha), e a categoria Outros espaços da comunidade, que foi utilizada para descrever ambientes relativos à comunidade, mas que não se enquadram nas categorias Escola ou Igreja.

### ***Procedimentos de coleta e análise dos dados***

Pesquisadores receberam treinamento para o uso adequado do instrumento, o qual foi aplicado em cada uma das instituições de acolhimento abrangidas pela pesquisa. Em cada instituição o instrumento foi aplicado de modo a descrever a rotina tanto de crianças quanto de adolescentes acolhidos, além da rotina nos chamados dias úteis (de segunda à sexta-feira) e no final de semana (sábado e domingo). Em ambos os casos, foi solicitado que os participantes descrevessem a rotina das crianças ou dos adolescentes em um dia típico, totalizando 1440 minutos descritos por IR – o que corresponde às 24h de um dia. Quando, em uma mesma instituição, havia diferentes faixas etárias acolhidas (por exemplo, crianças e adolescentes), o instrumento foi aplicado mais que uma vez, contemplando essa especificidade e permitindo que análises diferenciadas pudessem ser feitas em relação a essa característica na população estudada. Por isso, mesmo levando em conta um total de 14 instituições, o número de instrumentos aplicados foi igual a 30 (N=30). O instrumento foi respondido a partir de consulta direta a profissionais das instituições (técnicos e/ou educadores) e, na sequência, os dados foram organizados no *Microsoft Office Excel*.

Com a inserção das informações no *Microsoft Office Excel* foi possível calcular a quantidade de tempo relacionada a cada categoria de atividade, em cada ambiente e com cada companhia. Desse modo foi possível descrever de que forma as crianças e/ou adolescentes ocupam seu tempo em um dia típico (tanto durante a semana, quanto durante os finais de semana) em cada uma das instituições. Para isso, foram descritos os valores correspondentes à Média (M) de minutos destinados para cada atividade de acordo com o grupo etário (criança: 0-12 anos/adolescente: 12-18 anos). Essa Média foi encontrada a partir da soma de minutos destinados a cada atividade, ambiente ou companhia, de acordo com o grupo etário, dividida pela quantidade total de instrumentos correspondente àquele grupo (adolescentes N=11, crianças N=19). Da mesma forma, foi calculada a Mediana (Md), resultado da média dos dois números centrais da distribuição, o que tornou possível a verificação da simetria dos resultados e o Desvio Padrão (Dp), para avaliação da variabilidade.

## Resultados

A partir dos dados oriundos do Questionário de Caracterização da Instituição foi possível descrever, em linhas gerais, o conjunto de instituições estudadas, com destaque para o público atendido, as regiões nas quais estão localizadas, entre outros aspectos. As Tabelas 5 e 6 apresentam os dados das rotinas descritas pelos participantes em dias típicos para crianças e adolescentes acolhidos pelas instituições envolvidas no estudo, previamente organizadas de acordo com o grupo etário.

A Tabela 5 descreve os dados referentes às atividades, companhias e ambientes em dias de semana de acordo com o grupo etário, tendo sido utilizado o código Cr para identificar o grupo etário crianças e Ad para adolescentes.

Tabela 5. Dados de rotina em dias de semana de acordo com o grupo etário.

Variáveis (dias de semana)	Média		Mediana		Max		Min		DP		
	Cr	Ad	Cr	Ad	Cr	Ad	Cr	Ad	Cr	Ad	
Atividades	Sono, descanso ou despertar	678	597	675	585	975	705	510	420	113,0	78,5
	Higiene pessoal	125	106	105	105	225	210	75	45	43,3	51,3
	Alimentação	155	140	165	150	195	195	90	75	35,0	37,5
	Ir à escola e estudo	124	166	0	255	465	345	0	0	145,9	160,6
	Lazer	287	213	255	180	570	570	135	60	106,3	144,9
	Evento Religioso	9	20	0	0	60	60	0	0	16,1	27,1
	Convivência familiar	12	0	0	0	120	0	0	0	35,6	0,0
	Outras atividades dentro e fora da instituição	51	196	0	180	270	375	0	0	81,3	110,7
U Sozinho	8	14	0	0	150	150	0	0	34,4	45,2	

Familiares	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0	0,0
Pares	204	371	0	510	735	1335	0	0	297,7	414,7
Profissionais da instituição	47	53	0	0	480	480	0	0	117,1	145,0
Outros acolhidos e profissionais da instituição	777	195	660	105	1440	960	0	0	546,8	308,8
Outros acolhidos, familiares e voluntários	22	64	0	0	180	330	0	0	53,7	115,8
Todos	383	743	240	735	1440	1440	0	0	433,1	431,3
Quarto	759	656	690	630	1080	1140	510	420	180,2	178,5
Banheiro	116	108	105	105	225	210	30	45	51,0	48,3
Outros espaços da instituição	430	487	405	570	630	705	225	150	128,3	189,4
Escola	121	166	0	240	450	435	0	0	141,6	166,1
Outros espaços da comunidade	12	23	0	0	180	255	0	0	41,4	76,9
Igreja	2	0	0	0	30	0	0	0	6,9	0,0

Fonte: Produzido pelos autores.

Com a análise dos dados percebe-se que houve uma grande concentração de atividades de Sono, descanso ou despertar em ambas as faixas etárias ( $M=678$  e  $Dp=113$  para crianças e  $M=597$  e  $Dp=78,5$  em adolescentes). Além disso, tanto crianças quanto adolescentes dedicaram grande parte do dia à realização de atividades como Higiene, Alimentação, Ir à escola e estudo, e Lazer. Quanto às companhias, observa-se que as mais frequentes para adolescentes foram representadas nas categorias Pares ( $M=371$  e  $Dp=414,7$ ) e Todos ( $M=743$  e  $Dp=431,3$ ), que contemplaram as diferentes pessoas que fazem parte do ambiente institucional (por exemplo, educadores, técnicos e pares). Já para criança, a categoria mais frequente foi Outros acolhidos e profissionais da instituição ( $M=777$  e  $Dp=308,8$ ).

Além disso, observa-se que, para ambas as faixas etárias, o ambiente com a média de minutos maior foi o Quarto, sendo que esse apareceu com média significativamente superior àquela obtida pelas demais categorias ( $M=759$  e  $Dp=180,2$  para crianças e  $M=656$  e  $Dp=180,2$  para adolescentes). Outros ambientes com frequências um pouco maiores foram: Banheiro e Outros espaços da instituição. Observa-se ainda que ambientes categorizados como Outros espaços da comunidade (incluindo, por exemplo, praças) representaram o total de 12 minutos em média na rotina de crianças e 23 minutos no que se refere aos adolescentes, em dias de semana.

Na Tabelas 6 serão apresentados os dados referentes aos componentes da rotina em finais de semana de acordo com a faixa etária atendida pela instituição.

Tabela 6. Dados de rotina em finais de semana de acordo com o grupo etário.

Variáveis (final de semana)	Média		Mediana		Max		Min		DP	
	Cr	Ad	Cr	Ad	Cr	Ad	Cr	Ad	Cr	Ad

Atividades	Sono, descanso ou despertar	691	597	720	630	975	765	450	390	124	121,1
	Higiene pessoal	127	110	105	90	225	210	60	60	47	44,1
	Alimentação	168	151	165	120	240	240	105	105	39	43,2
	Ir à escola e estudo	0	5	0	0	0	30	0	0	0	12,1
	Lazer	370	335	345	270	600	600	180	150	143	153,9
	Evento Religioso	22	48	0	15	120	120	0	0	44	58,0
	Convivência familiar	8	35	0	0	150	150	0	0	34	61,2
	Outras atividades dentro e fora da instituição	54	157	0	180	270	375	0	0	85	120,1
Companhias	Sozinho	8	14	0	0	150	150	0	0	34	45,2
	Familiares	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0
	Pares	63	169	0	0	540	1320	0	0	170	414,7
	Profissionais da instituição	31	20	0	0	120	105	0	0	45	36,9
	Outros acolhidos e profissionais da instituição	729	202	600	60	1440	1140	0	0	579	357,3
	Outros acolhidos, familiares e voluntários	0	11	0	0	0	120	0	0	0	36,2
Ambientes	Todos	609	1024	780	1230	1440	1440	0	0	537	503,7
	Quarto	778	660	735	660	1170	1170	450	390	198	211,8
	Banheiro	118	112	105	90	210	210	15	60	52	41,0
	Outros espaços da instituição	522	626	585	630	900	960	120	120	203	210,3
	Escola	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0
	Outros espaços da comunidade	6	0	0	0	120	0	0	0	28	0,0
Igreja	16	42	0	0	120	120	0	0	35	54,8	

Fonte: Produzido pelos autores.

Observa-se que a atividade mais frequente em finais de semana foi Sono, descanso ou despertar para ambos os grupos etários ( $M=691$  e  $Dp=124$  para crianças e  $M=597$  e  $Dp=121,1$  para adolescentes). A segunda atividade mais frequente foi Lazer (abarcando diferentes atividades como: Brincadeira, Conversa, TV, etc), sendo que os adolescentes destinaram a média de 335 minutos ( $Dp=153,9$ ) do seu dia para essas atividades e crianças em torno de 370 minutos ( $Dp=143$ ). Outras atividades frequentes em finais de semana foram: Higiene pessoal, Alimentação, Outras atividades dentro e fora da instituição (contemplando atividades como: atividades programadas pela instituição, atendimentos técnicos e higiene do ambiente institucional) e Evento Religioso (com média maior para os adolescentes).

A companhia mais frequente relatada pelos participantes para crianças foi Outros acolhidos e profissionais da instituição, com média de 729 minutos ( $Dp=579$ ). Entre os adolescentes, a companhia mais frequente relatada pelos foi Todos com média que equivale a 1024 minutos ( $Dp=503,7$ ). Quanto ao ambiente, destaca-se que o mais frequentado para ambas as faixas etárias no final de semana foi o Quarto, com uma média de 660 minutos para adolescentes ( $Dp=211,8$ ) e 778 minutos para crianças ( $Dp=198$ ). Há também outros ambientes que apareceram

frequentemente na descrição das rotinas, como por exemplo, Banheiro e Outros espaços da instituição.

## **Discussão**

A partir da análise das rotinas estudadas foi possível identificar que há pouca variação no que diz respeito às atividades realizadas, aos ambientes frequentados e às companhias mencionadas tanto por crianças quanto por adolescentes nas instituições estudadas. De forma geral, as rotinas se apresentam com pouca variabilidade em razão do grupo etário, de tal sorte que parte das categorias analisadas possuiu médias de tempo semelhantes para crianças e adolescentes.

Os resultados demonstraram que uma parte considerável do tempo das crianças e adolescentes foi destinada às atividades de Sono, descanso ou despertar (Crianças: M=678 em dias de semana e M=691 em finais e semana/Adolescentes; M=597 em dias de semana e em finais de semana). Esse panorama configura-se como potencialmente prejudicial ao desenvolvimento das crianças, mas também dos adolescentes, posto ser socialmente esperado que estes sejam expostos a atividades progressivamente mais complexas com o passar dos anos (Bronfenbrenner, 2011). Ou seja, a tendência à realização das mesmas atividades tanto por crianças quanto por adolescentes, pode estar sinalizando a existência de um ambiente empobrecido em termos desenvolvimentais para ambos os grupos etários, mas principalmente no que diz respeito às demandas dos adolescentes.

Além disso, é possível identificar que grande parte das atividades relatadas está relacionada à categoria que envolve os cuidados básicos (alimentação, sono e higiene pessoal). Esse dado corrobora o que foi encontrado por Siqueira e Dell’Aglia (2007), que descreveram que uma porção significativa do tempo dos acolhidos costuma ser ocupado por atividades de cuidados básicos, sendo talvez até por isso pouco planejadas e sofrem pouca variação na forma como são realizadas. Esse cenário, de acordo com o que propõe o MBDH (Bronfenbrenner, 1996, 2011), pode ser considerado como potencialmente prejudicial para o desenvolvimento, principalmente por apontar limitações quanto às oportunidades de engajamento em atividades variadas e progressivamente mais complexas. Ou seja, a alta concentração do tempo destinado a atividades de cuidados básicos nesses contextos, pode representar dificuldades quanto ao engajamento em outros tipos atividades que são todas como mais positivas para o desenvolvimento, o que, de acordo com o que os estudos têm demonstrado (Bronfenbrenner, 1996, 2011; Siqueira e Dell’Aglia, 2007), pode impactar no desenvolvimento pleno e integral desses sujeitos.

Outros estudos que exploraram as características do ambiente institucional, como os desenvolvidos por Machado e Serrano (2012) e Corrêa (2011), também tiveram achados

semelhantes aos que encontrados por esta pesquisa, reforçando a hipótese de que a constância, a previsibilidade e a regularidade, características típicas de toda e qualquer rotina, estão inclinadas a se manifestar de forma mais acentuada nas instituições de acolhimento. Essa configuração corrobora com o que foi descrito antes por Bronfenbrenner (1996) ao apontar para a rigidez que de modo geral caracteriza o modo como a rotina de crianças e adolescentes institucionalizados é organizada nesse tipo de contexto. Desse modo, assume-se a hipótese de que esse contexto de desenvolvimento específico apresenta com alguma regularidade oportunidades limitadas para as pessoas que ali se desenvolvem, provavelmente hoje menos do que fora no passado, mas, ainda assim, do ponto de vista do MBDH (Bronfenbrenner, 1996, 2011), com potencial para impactar negativamente o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

De acordo com Bronfenbrenner (1996, 2011), quanto mais limitadas e repetitivas forem as atividades realizadas pela criança e pelo adolescente no seu ambiente imediato, maior será a probabilidade delas restringirem o seu potencial desenvolvimental. Para favorecer o desenvolvimento é importante que a pessoa – no caso, a criança e/ou o adolescente acolhido – tenha oportunidade de realizar diferentes atividades (sobretudo, as atividades molares), que propiciam a interação com pessoas próximas, sendo progressivamente mais complexas, com objetivos ou metas que as orientem, além de terem perspectiva de continuidade, isto é, não sejam pontuais (Bronfenbrenner, 1996, 2011). Dessa forma, supõe-se aqui que o padrão de rotina das crianças e/ou adolescentes observados neste estudo, que apresentou pouca variabilidade em relação às atividades desenvolvidas e nítido predomínio daquelas descritas como cuidados básicos, nos dois grupos etários, pode estar indicando que nas instituições estudadas há uma oferta reduzida de estímulos e oportunidades de engajamento em atividades com potencial de promover o desenvolvimento positivo.

Observou-se também, mesmo que em menor proporção, a ocorrência de atividades diversificadas em algumas das instituições pesquisadas. Como exemplo, cita-se a categoria Outras atividades dentro e fora da instituição, que contempla não apenas o que foi descrito, mas também preparação de alimentos como pão e café, e o cuidado com a higiene ambiental da instituição (limpeza do local, das roupas, entre outras). Esse conjunto de atividades aqui analisado de acordo com os pressupostos teóricos adotados pelo MBDH (Bronfenbrenner, 1996, 2011), configura-se como potencialmente positivo para o desenvolvimento, e por isso deve ser estimulada a sua adoção. Entretanto, para que os efeitos positivos realmente ocorram, entende-se ser necessário que essas atividades aconteçam de forma progressivamente mais complexas, processualmente regular, a partir da compreensão do adolescente quanto ao objetivo da ação e através da interação com outra pessoa - formando uma díade (que, no caso, pode ser com um cuidador/educador, um

voluntário, ou até mesmo um outro adolescente – entre pares). Ou seja, a princípio a presença de atividades como as observadas neste estudo se configuram como uma perspectiva positiva para o desenvolvimento destes acolhidos, entretanto, de acordo com o que propõe o MBDH (Bronfenbrenner, 1996, 2011), para se conseguir afirmar que essas atividades podem ou não terem impacto positivo no desenvolvimento desses adolescentes, é necessário analisar em conjunto aspectos referentes às companhias, aos ambientes e aos períodos de tempos a elas associados, já que estes são os elementos constituintes do ambiente ecológico.

Em relação à análise do segundo ponto a ser tratado, Companhias, observa-se que o cenário se repete, sendo que a constância, a previsibilidade e a regularidade na rotina dessas crianças e adolescentes é identificada de forma acentuada novamente, sendo observadas poucas diferenças de acordo com o grupo etário. A categoria de companhia mais frequente para crianças é Outros acolhidos e profissionais da instituição (M=777 e DP=546,8 em dias de semana e M=729 e DP=579 em finais de semana) enquanto que para adolescentes a mais comum é a categoria Todos (M=743 e DP=431,3 em dias de semana e M=1024 e DP=503,7 em finais de semana). Vale destacar que, apesar da diferença quanto à categorização, essas duas categorias representam em essência grupos semelhantes, já que, como dito anteriormente, a categoria Todos abarca diferentes pessoas que fazem parte do ambiente institucional (incluindo, por exemplo, educadores, técnicos e demais acolhidos). Ou seja, o que se vê, a partir da descrição das companhias mais frequentes na rotina de crianças e adolescentes, é a presença majoritária de grupos, independentemente da faixa etária, sendo raros os momentos em que ficam sozinhos ou tem oportunidade de um contato individualizado.

Essa reduzida variabilidade no que se refere às categorias descritoras da variável Companhia sugere que no contexto das instituições pesquisadas predominam práticas de cuidado coletivo, ou seja, que independem da faixa etária dos acolhidos. Para a análise desse ponto, retomam-se dois referenciais que, apesar de estarem em diferentes publicações, podem ser compreendidos de forma interligada. Primeiramente menciona-se o documento *Orientações Técnicas: Serviço de Acolhimento para Crianças e Adolescentes* (Conanda, 2009), especificamente no que diz respeito à recomendação feita para neles ocorram cuidados personalizados e individualizados e, posteriormente, o MBDH (Bronfenbrenner, 1996, 2011), no que diz respeito ao estabelecimento de interações próximas entre cuidador/educador e criança/adolescente (Bronfenbrenner, 1996, 2011). Com os dados obtidos na presente pesquisa, entende-se que, no cotidiano das crianças e adolescentes estudados, a orientação de que o cuidado deva ser personalizado pode não estar sendo seguida de maneira efetiva dentro das rotinas, o que pode impactar no desenvolvimento dessa população. Essa afirmação é sustentada pelo MBDH, que defende que, para que o

desenvolvimento ocorra da melhor forma possível é necessário que, tanto crianças quanto adolescentes, tenham a oportunidade de interagir de forma próxima e duradoura com seus cuidadores, preferencialmente de forma análoga à interação estabelecida entre mãe e filho. Com o cuidado ocorrendo de forma coletivizada, grupal, supõe-se que essa interação esteja sendo dificultada, o que pode acarretar em prejuízos ao desenvolvimento da população estudada.

Seguindo a análise desse aspecto, relativo à pouca variabilidade das companhias, retomase outro ponto do MBDH, especialmente no que se refere a importância da interação com pessoas que ocupam diferentes papéis (Bronfenbrenner, 1996). Observa-se que as companhias são bastante restritas – é a variável que apresenta menor variabilidade. Esse dado demonstra que, no cotidiano, essas crianças e adolescentes tem contato frequente apenas com o educador/cuidador e os demais companheiros da instituição, eventualmente ficando sozinhos. Ou seja, a partir do que afirma Bronfenbrenner (1996, 2011), entende-se que o cenário em questão pode não estar favorecendo o desenvolvimento dessas crianças e adolescentes, especialmente por desencorajar a interação rotineira destes com pessoas que ocupam diferentes papéis no cotidiano.

Quanto a esse ponto, retomase também o que preconiza o ECA, Lei Federal nº 8069/90, quanto ao direito à convivência familiar e comunitária. Na rotina dessas crianças e adolescentes observa-se que há pouca, ou quase nenhuma, interação com pessoas da comunidade ou familiares. A categoria Familiares não o aparece no relato das rotinas estudadas, tanto em dias de semana quanto em finais de semana, o que pode se configurar como um ponto de atenção para políticas públicas.

Seguindo com as análises, observa-se que essa semelhança na rotina, já identificada nas categorias anteriores, fica ainda mais evidente quando se analisa os dados referentes aos ambientes frequentados. Nesse caso, é possível identificar que tanto crianças quanto adolescentes têm o Quarto como o ambiente mais frequente (em dias de semana,  $M=759$  e  $Dp=180,2$  para crianças e  $M=656$  e  $Dp=178,5$  para adolescentes; em finais de semana  $M=778$  e  $Dp=198$  para crianças e  $M=660$  e  $Dp=211,8$  para adolescentes), sendo que este aparece em quantidades bem mais altas do que os demais ambientes relatados, tanto em dias de semana quanto em finais de semana.

A reduzida variabilidade entre os ambientes frequentados, juntamente com a pouca interação com pessoas que ocupam diferentes papéis, são dois fatores que acabam por impactar em outro ponto, a oportunidade dessas crianças e adolescentes ocuparem diferentes papéis - o que defende como importante para o desenvolvimento o MBDH (Bronfenbrenner, 1996, 2011). Essa configuração da rotina, muito restrita aos ambientes institucionais - sendo identificadas saídas rotineiras da instituição apenas para atividades escolares, ocasionalmente para eventos religiosos e, raramente, para a comunidade de maneira geral - confirma os dados de Machado e Serrano

(2012) e Corrêa (2011) em pesquisas semelhantes e pode estar impactando de forma negativa no desenvolvimento dessa população.

Com a análise do conjunto dos dados levantados, pode-se afirmar que a rotina dessas crianças e adolescentes apresentou pouca variabilidade de modo geral, corroborando com a tendência histórica à presença de padrões rígidos e repetitivos de atividades neste tipo de contexto institucional. Contudo, não se pode concluir que esses resultados apresentaram essa configuração em razão da condição etária dos grupos considerados pela pesquisa. Esse cenário, de acordo com o Modelo Bioecológico, pode se configurar como potencialmente crítico para o desenvolvimento positivo e integral dessa população. Ainda assim, em consonância com o que a literatura apresenta (Bronfenbrenner, 1996, 2011), não se pode afirmar que o ambiente institucional é mais prejudicial para o desenvolvimento das crianças e adolescentes acolhidas, comparativamente ao ambiente familiar, já que essa qualidade está associada à um conjunto de fatores complexos e relacionais. Todavia, acredita-se que estudos como esse, que evidenciam essas possíveis carências, servem para demonstrar pontos que devem ser levantados no planejamento metodológico e na organização dos espaços de acolhimento, pensando em minimizar esses elementos potencialmente negativos e proporcionar para essas pessoas vivências que sejam realmente reparadoras, preparando-os para a vida em sociedade, tal qual é o objetivo da instituição.

### **Considerações Finais**

O presente estudo foi realizado com o intuito de ampliar os conhecimentos acerca da rotina de crianças e adolescentes em vivência institucional. Para que isso fosse possível, foram analisados dados empíricos referentes às rotinas de crianças e adolescentes a luz da teoria bioecológica do desenvolvimento humano. A partir desses dados e das análises realizadas, entende-se que esta pesquisa pôde contribuir para o avanço da psicologia do desenvolvimento por permitir a análise de aspectos importantes, complexos e relacionais da vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade e do ambiente institucional enquanto contexto de desenvolvimento. Entende-se, portanto, que a descrição minuciosa e a comparação das rotinas e seus componentes (atividades, companhias, ambientes e tempo) serviu como estratégia para acessar esses aspectos, corroborando o que a literatura tem apontado.

Da mesma forma, este estudo também colaborou com os avanços das pesquisas sobre a temática específica da rotina, evidenciando ainda mais seu valor metodológico e teórico. A descrição minuciosa da organização e dos componentes da rotina no contexto institucional feita pelo presente estudo poderá servir como parâmetro para pesquisas que abordarão esse assunto no futuro, independentemente do contexto a ser analisado.

Além desse ponto, relativo ao avanço da ciência, entende-se que este estudo também pode servir como suporte para o desenvolvimento das práticas utilizadas por profissionais que trabalham com acolhimento institucional. A análise da organização e dos componentes da rotina sugere aspectos que podem ser modificados e/ou aproveitados de maneira mais assertiva na vida diária dentro das instituições, fazendo com que, assim, o dia a dia dessas crianças favoreça de fato o seu desenvolvimento. Como foi visto, há uma baixa variabilidade quanto às atividades realizadas, quanto aos ambientes frequentados e quanto às companhias apresentadas, demonstrando rigidez na rotina dessas pessoas. Essa rigidez, conforme discutido, pode impactar no desenvolvimento delas e, por essa razão, é importante que os profissionais que trabalham nesses contextos identifiquem esse ponto como crítico para o desenvolvimento positivo e trabalhem para a ampliação das oportunidades no contexto institucional.

Foi identificado, por exemplo, que as atividades estão muito concentradas em atividades de autocuidado. Referente a isso, seria interessante que as instituições proporcionassem a essa população a oportunidade de terem vivências diferenciadas, como colaborar com o cuidado da instituição, apoiar educadores/cuidadores na organização do espaço, no preparo de refeições (como já identificado na rotina de adolescentes em algumas instituições), ou ainda participar de oficinas lúdicas, profissionalizantes, em aulas de música, dança, línguas, entre outras, para que a estimulação fosse variada. A participação em aulas extras, em ambientes externos à instituição, por exemplo, possibilitaria a interação em ambientes diferentes (outros Microsistemas) e o contato com pessoas que ocupam diferentes papéis, além de, por consequência, fazer com que as crianças e/ou adolescentes em questão ocupe diferentes papéis, o que, como discutido, favorece o desenvolvimento.

Além disso, como foi visto nos dados de Companhia, em suma, o cotidiano na instituição é muito coletivizado, o que também pode ser prejudicial para o desenvolvimento. Esse ponto deve ser discutido (através de treinamentos ou oficinas) com os educadores e cuidadores que atuam nas instituições para que estes, sempre que possível, priorizem um atendimento individualizado e a construção de vínculos entre eles e os acolhidos. Isso é importante porque, como a literatura demonstra, a interação próxima, sólida, recíproca, periódica e duradoura é importante para o desenvolvimento positivo, e parece estar sendo encontrada com pouca frequência na vida diária dessas pessoas.

No que se refere aos ambientes frequentados, foi observado que grande parte do tempo tanto de crianças quanto de adolescentes, é ocupado dentro do quarto. Como foi visto, ficar em apenas um ambiente durante períodos prolongados de tempo, tanto em dias de semana como em fins de semana, não favorece o desenvolvimento. É importante que os acolhidos também saiam do

ambiente institucional, frequentem praças, praias, museus, parques e, mesmo dentro da instituição, tenham no cotidiano uma diversidade maior de ambientes, como pátio, cozinha, sala.

Tendo em vista essas questões, sugere-se a organização de oficinas e/ou treinamentos com as equipes que trabalham nas instituições de acolhimento, com a finalidade de discutir a importância da organização e dos elementos da rotina para o desenvolvimento positivo das crianças e adolescentes acolhidos. É necessário que esses profissionais tenham clareza da necessidade de variação de estímulos no que diz respeito às atividades, às companhias e aos ambientes e tenham suporte para pensar e realizar novas possibilidades de organização desse cotidiano.

Como limitações deste estudo, destacam-se alguns pontos referentes ao tipo de instrumento por ele utilizado. O IR foi proposto originalmente para identificar componentes da rotina numa abordagem individual. Todavia, no presente estudo, conforme já mencionado, ele foi utilizado numa perspectiva mais coletiva – as crianças ou os adolescentes de uma dada instituição. Essa adaptação permitiu que fossem coletados dados gerais da rotina de grupos de crianças e adolescentes em acolhimento institucional, conforme os objetivos aqui propostos, entretanto, ao ser aplicado dessa forma, o IR pode ter ocultado algumas especificidades que caracterizam o dia a dia de parte da população pesquisada, dado este que muitas vezes só se consegue acessar a partir de uma abordagem mais individualizada. Destaca-se essa informação como limitação do estudo para que o leitor balize as informações aqui apresentadas, pensando que algumas das restrições identificadas podem ser decorrentes do instrumento e da forma de aplicação dele.

Por essa razão, como sugestão para estudos futuros, indica-se a aplicação do IR de forma individualizada no ambiente institucional, para que seja possível verificar se há diferenças entre os achados aqui relatados e essa forma de aplicação, ainda que estudos como este por sua transversalidade possam apontar a repetição ou não de certos padrões de atividades, companhias e ambientes entre as várias instituições pesquisadas. Além disso, também indica-se a comparação entre rotinas de crianças e adolescentes institucionalizadas e não institucionalizadas, em diferentes faixas etárias. Acredita-se que, com estudos desse tipo, a discussão sobre os componentes e a organização da rotina pode se tornar ainda mais rica e, a partir dos achados, embasar práticas que promovam com maior assertividade o desenvolvimento positivo desses grupos.

## **Referências**

Boyce, W.T., Hartnett, S.A., James, S.A., & Jensen, E.W. (1983). The family routines inventory: Development and validation. *Social Science and Medicine*, 17, 201- 211.

Bronfenbrenner, U. (1996). *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados*. Porto Alegre, Artes Médicas.

Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed, 2.

Conselho Nacional Dos Direitos Da Criança e Do Adolescente (CONANDA) (2009). Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS), & Conselho Nacional Dos Direitos Da Criança e Do Adolescente (Conanda). Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS). *Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes*.

Corrêa, L.D.S. (2011). *Concepções de desenvolvimento e práticas de cuidado à criança em ambiente de abrigo na perspectiva do Nicho Desenvolvimental*. Dissertação de Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.

Costa, A. C. R. (2015). *Relações de Amizade entre Adolescentes Acolhidos Institucionalmente: Fatores de Risco e Proteção*. Dissertação de Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.

Fernandes, G. C. M., Boehs, A. E., Denham, S. A., Nitschke, R. G., & Martini, J. G. (2017). Rural families' interpretations of experiencing unexpected transition in the wake of a natural disaster. *Cadernos de Saúde Pública*, 33(1).

Jensen, E. W., James, S. A., Boyce, W. T., & Hartnett, S. A. (1983). The family Routines Inventory: Development and validation. *Social Science and Medicine*, 17, 201-211.

Howe, G. W. (2002). Integrating Families Routines and Rituals With Other Family Research Paradigms: Comment on the Special Section. *Journal of Family Psychology*, 16, 437-440.

Machado, T., & Serrano, J. (2012). Rotinas de vida de crianças e jovens acolhidos em lares de infância e juventude. *Estudos em desenvolvimento motor da criança V*, 185-190.

Silva, D. G. da, Pontes, F. A. R., & Silva, S. S. da C. (2011). Relações familiares de duas crianças ribeirinhas da Amazônia. *Psicologia: teoria e prática*, 13(3), 139-151. Recuperado em 04 de maio de 2016, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872011000300011&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000300011&lng=pt&tlng=pt).

Silva, F. H. O. B., & Cavalcante, L.I. C. (2015). Rotinas Familiares de Crianças com Necessidades Especiais em Família Adotiva. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(2), 173-180. <https://dx.doi.org/10.1590/0102-37722015021920173180>

Silva, S. S. da C., & Pontes, F. A. R. (2016). Rotina de famílias de crianças com paralisia cerebral. *Educar em Revista*, (59), 65-78. DOI: 10.1590/0104-4060.44688.

Silva, S. S. da C., Pontes, F. A. R., dos Santos, T. M., Maluschke, J. B., Mendes, L. S. A., dos Reis, D. C., & da Silva, S. D. B. (2010). Rotinas familiares de ribeirinhos amazônicos: uma possibilidade de investigação. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 26(2), 341-350.

Siqueira, A. C., & Dell'Aglio, D. D. (2007). Retornando para a família de origem: fatores de risco e proteção no processo de reinserção de uma adolescente institucionalizada. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 17(3), 134-146

## Capítulo III: Estudo 2

### Instituições de acolhimento governamentais e não governamentais: um estudo sobre rotinas

#### Resumo

— De acordo com o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano (MBDH) as características do ambiente institucional podem impactar no desenvolvimento. Essas características podem ser analisadas através do estudo das rotinas de crianças e adolescentes que vivem em instituições, a partir da descrição e análise das atividades, ambientes, companhias e da quantidade de tempo associado a cada um desses elementos. Desse ponto de vista, o presente estudo objetivou apontar diferenças e semelhanças entre os componentes da rotina de crianças e adolescentes acolhidos em instituições governamentais (OG) e não governamentais (ONG) em três regiões do Pará – Região Metropolitana de Belém, Guamá e Caetés. Para tanto, foram entrevistados funcionários das instituições, através do Questionário Respondido pela Gerência de Caracterização da Instituição (QCI) e do Inventário de Rotina (IR). O estudo utilizou uma abordagem quantitativa dos dados, com características descritivas. Após a coleta, os dados foram inseridos no *Microsoft Office Excel* e calculadas as Médias (M), Medianas (Md), os valores máximos e mínimos e os Desvios Padrão (Dp). Os resultados demonstraram que as rotinas descritas se assemelham em grande medida, sendo que a atividade mais frequente foi Sono, descanso e despertar, tanto em dias de semana (OG: M=717 e Dp=98,6 e ONG: M=580 e Dp=65,5), quanto em finais de semana (M=712 e Dp=100,3 em OG e M=601 e Dp=133,9 em ONG). Quanto às companhias, as mais frequentes foram Todos para ONG (M=546 e DP=295,3 em dias de semana e M=950 e DP=368 em finais de semana) e para OG Outros acolhidos e profissionais da instituição (M=735 e DP=664,3 em dias de semana e M=724 e DP=661 em finais de semana). O Quarto foi o ambiente mais frequente tanto em dias de semana (M=852 e Dp=169,3 em OG e M=591 e Dp=68,5 em ONG) quanto em finais de semana (M=859 e Dp=192,6 em OG e M=611 e Dp=139,8 em ONG). Com a análise dos resultados conclui-se que a rotina institucional possui pouca variabilidade, sendo que a maioria das categorias analisadas se assemelha. Esse cenário sugere que a constância, a previsibilidade e a regularidade podem estar se apresentando de forma mais acentuada nas rotinas de crianças e adolescentes que se desenvolvem em instituições de acolhimento, tanto em instituições governamentais quanto em não governamentais. A partir dessa compreensão, entende-se que o presente estudo pôde contribuir para o avanço da ciência psicológica, ampliando os conhecimentos acerca da realidade institucional e dos processos que ocorrem nesse contexto de desenvolvimento. Além disso, analisando com dados com base no MBDH, foi possível apontar necessidades de mudanças e possibilidades de melhor aproveitamento do tempo na rotina institucional em função do tipo de instituição, o que pode impactar no planejamento de práticas da vida cotidiana dentro das instituições e, como consequência, no desenvolvimento de crianças e adolescentes acolhidos.

**Palavras-chave:** Cotidiano, institucionalização, psicologia do desenvolvimento.

#### Abstract

According to the Bioecological Model of Human Development (BMHD), the characteristics of the institutional environment can impact development. These characteristics can

be analyzed through the study of the routines of children and adolescents living in institutions, from the description and analysis of activities, environments, companies and the amount of time associated with each of these elements. From this point of view, the present study aimed to show differences and similarities between the routine components of children and adolescents hosted by governmental and non - governmental institutions in three regions of Pará - Metropolitan Region of Belém, Guamá and Caetés. For that, employees of the institutions were interviewed, through the Questionnaire Answered by the Institution Characterization Management and the Routine Inventory. The study used a quantitative data approach, with descriptive and correlational characteristics. After collection, the data was entered into Microsoft Office Excel and the Means (M), Medians (Md), the maximum and minimum values, and the Standard Deviations (Dp) were calculated. The results showed that the routines described resembled a great extent, with the most frequent activity being Sleep, rest and awakening, both on weekdays (OG: M = 717 and Dp = 98.6 and ONG: M = 580 and Dp = 65.5), and at weekends (M = 712 and Dp = 100.3 in OG and M = 601 and Dp = 133.9 in ONG). As for the companies, the most frequent were All for NGOs (M = 546 and SD = 295.3 on weekdays and M = 950 and SD = 368 on weekends) and for OG Other host and professional staff (M = 735 and SD = 664.3 on weekdays and M = 724 and SD = 661 on weekends). The fourth was the most frequent environment on weekdays (M = 852 and Dp = 169.3 in OG and M = 591 and Dp = 68.5 in NGOs) and at weekends (M = 859 and Dp = 192, 6 in OG and M = 611 and Dp = 139.8 in NGOs). With the analysis of the results it is concluded that the institutional routine has little variability, and most of the analyzed categories resemble each other. This scenario suggests that constancy, predictability and regularity may be present- ing more strongly in the routines of children and adolescents who develop in host institutions, both in governmental and non-governmental institutions. From this understanding, it is understood that the present study could contribute to the advancement of psychological science, expanding knowledge about the institutional reality and the processes that occur in this development context. In addition, analyzing with data based on MBDH, it was possible to point out needs for changes and possibilities of better use of time in institutional routine according to the type of institution, which can impact on the planning of daily life practices within institutions and, As a consequence, in the development of children and adolescents.

**Keywords:** Daily life, institutionalization, developmental psychology.

### **Introdução**

O ambiente físico e social em que estão inseridos a criança e o adolescente tem reconhecida importância no seu desenvolvimento, podendo ter um efeito positivo ou negativo nesse processo (Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner, 1996, 2011). O ambiente, entendido a partir do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano (MBDH), é percebido de forma ampliada, contemplando aspectos relativos aos papéis, às atividades molares e às relações interpessoais que se estabelecem (Bronfenbrenner, 1994, 2011).

O MBDH (Bronfenbrenner, 1996, 2011) indica que o que deve ser observado em um ambiente para que este seja considerado positivo para o desenvolvimento é, entre outros pontos, a possibilidade de a pessoa estabelecer relações recíprocas, fortes e duradouras, a oportunidade de interagir com diferentes objetos, receber diferentes estímulos, engajar-se em atividades variadas por períodos regulares e prologados de tempo, frequentar ambientes variados, interagir com

variados papéis, além de experimentar diferentes papéis. Esses aspectos do ambiente devem ser considerados independentemente do contexto de desenvolvimento a ser analisado, entretanto, percebe-se que estudos sobre desenvolvimento historicamente estão concentrados em contextos familiares, apenas mais recentemente esse cenário vem sendo alterado e os ambientes institucionais vem ganhando espaço nas pesquisas acadêmicas.

Quando se fala em institucionalização de crianças e adolescentes, vale retomar uma outra obra, considerada um clássico na discussão dessa temática, intitulada *Manicômios, Prisões e Conventos*, de Goffman (1974). Nela, o autor caracteriza o que chama de instituições totais, que seriam instituições com uma separação bem demarcada do restante da sociedade, com mecanismos de isolamento físico (como grades, fossos, entre outros) ou simbólicos (como a falta de interação entre instituição e mundo externo). As instituições totais, segundo ele, são instituições nas quais os indivíduos tendem a dormir, brincar e trabalhar em um mesmo ambiente e sob uma mesma autoridade. Além disso, o grupo de pessoas que vive nesse ambiente é obrigado a se organizar da mesma forma e realizar as mesmas atividades, de forma coletiva, com base em orientações impostas e previamente estabelecidas. O autor destaca que todas as instituições têm tendência a serem totais, ou seja, a preservar algumas dessas características de isolamento, o que se configura como um ponto de atenção para os estudos de psicologia que investigam o desenvolvimento, principalmente a partir do MBDH, nesses contextos. Ainda que as contribuições de Goffman remontem a tempos distantes, Benelli (2015) afirma que a herança das instituições totais, conforme descritas por Goffman (1974), está bastante presente nos moldes como as instituições estão organizadas na atualidade.

No Brasil, de acordo com resgate histórico (Cisne & Cisne, 2016), as instituições de acolhimento iniciaram com as “Roda dos expostos”, em 1726, com o intuito de solucionar o problema de crianças abandonadas nas portas de casas, igrejas e ruas. Na época, esse era um problema a ser resolvido pelas esferas religiosas e governamentais da sociedade, o que evidencia que, desde o início, essa foi uma responsabilidade compartilhada entre âmbitos governamentais e não governamentais no Brasil.

A assistência ao menor abandonado até meados do século XIX, esteve associada, em sua maioria, às misericórdias. As primeiras instituições para educação de órfãos foram instaladas por religiosos em diversas cidades do país e eram caracterizadas pelo contato restrito com o mundo exterior e práticas religiosas como parte da rotina. A partir do século XIX inicia-se uma mudança nesse panorama e as instituições de cunho religioso passam a receber apoio dos governos provinciais, entretanto, ainda assim, as práticas religiosas permaneceram prevalecendo, sendo o controle da sexualidade feminina um dos aspectos mais rígidos. A partir do século XX, com o

regime republicano, o estado passa a ter um papel mais forte nas políticas de atenção à infância e adolescência, o que culmina na criação do Código de Menores em 1927 (Rizzini & Rizzini, 2004).

O Código de Menores, que objetivava zelar pelos menores de 18 anos em situação irregular, dá lugar, em 1990, ao Estatuto da Criança e Adolescente (ECA). Com o ECA crianças e adolescentes deixam de ser vistos como objetos de tutela do Estado e passam a ser considerados sujeitos de direitos, destinatários de proteção integral e indivíduos em condição peculiar de desenvolvimento. Dessa forma, novos parâmetros para as instituições de acolhimento para crianças e adolescentes foram estabelecidos, sendo, a partir de então, assegurado a esse público todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (Conanda, 2004).

A partir dessa nova forma de entendimento da infância e juventude, o funcionamento dos serviços de acolhimento, tanto governamentais quanto não governamentais, passa a ser regulamentado, em 2009, pelo documento *Orientações Técnicas: Serviço de Acolhimento para Crianças e Adolescentes* (Conanda, 2009). Esse documento discorre sobre práticas que devem ser adotadas nas instituições como forma de minimizar os impactos causados pela institucionalização e asseguram condições favoráveis ao desenvolvimento destes sujeitos. O documento propõe medidas voltadas à proteção integral, a preservação e fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, a preservação da liberdade de crença e religião, garantindo respeito à diversidade e não discriminação, o atendimento personalizado e em pequenas unidades e grupos, privilegiando-se ações descentralizadas e municipalizadas, bem como o respeito a autonomia tanto de crianças quanto de adolescentes e jovens.

Para complementar a compreensão dessas instituições, retoma-se as contribuições do MBDH (Bronfenbrenner, 1996), que afirma que o ambiente institucional se diferencia do familiar em todos os níveis do sistema ecológico. Em nível de Microsistema, admite-se que a rotina institucional tende a ser mais rígida que a familiar e as relações afetivas entre cuidador e criança tendem a ser mais distantes, fazendo com que as experiências das quais as crianças fazem parte acabem sendo mais restritas. Corroborando essa afirmação, Siqueira e Dell’Aglia (2006) destacam ainda que, no caso de crianças e adolescentes em acolhimento institucional, a instituição é considerada o microsistema central.

Tratando-se de Mesossistema, observa-se que no abrigo institucional, ou instituição similar, a criança tende a ter menos oportunidades de interação e participação em outros microsistemas, por seguir padrões muitas vezes mais rígidos - com rotinas pré-estabelecidas e relações determinadas - uma instituição, de maneira geral, tende a ficar muito mais isolada da comunidade

do que uma família, o que impacta no desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1996). Nesse contexto, o Mesossistema é composto pelas interações entre a instituição de acolhimento e família nuclear, extensa e/ou substituta, a escola, o Conselho Tutelar, a unidade de saúde, a comunidade como um todo, o juizado, e os locais de lazer (Rosa, Santos, Silva, & Souza, 2010; Siqueira & Dell'Aglio, 2006).

No nível do Exossistema, entende-se que também há uma diferenciação, já que a criança que está em uma instituição sofre impactos menores de microsistemas externos ao seu, devido à rigidez que a instituição tende a ter, com regras, políticas pré-estabelecidas e de difícil mudança, quando comparadas a um contexto familiar (Bronfenbrenner, 1996). Considera-se como partes do Exossistema o Conselho Tutelar e a direção da instituição, por exemplo (Siqueira & Dell'Aglio, 2006).

E, por fim, tratando do nível do Macrossistema, pode-se perceber que a imagem social das crianças que vivem em instituições de acolhimento tem impactos no seu desenvolvimento. Elas são vistas de outra maneira pela sociedade como um todo, o que deve ser considerado já que o desenvolvimento da criança também passa pelo aspecto das expectativas que as pessoas têm em relação a ela. Se é esperado que sigam um caminho de fracasso, as oportunidades de desenvolvimento e interação oferecidas a elas serão mais restritas, o que tende a fazer com que seu desenvolvimento seja prejudicado (Bronfenbrenner, 1996).

Entende-se, de acordo com o que afirma Bronfenbrenner (1996), que o contexto institucional tende a prejudicar mais o desenvolvimento quando combina um ambiente com poucas possibilidades de interação entre cuidador e criança em diferentes atividades, com poucas oportunidades de locomoção, com poucos objetos estimulantes. Entretanto, o autor defende que esses possíveis prejuízos podem ser evitados ou revertidos quando a pessoa em desenvolvimento passa a estar em um contexto que apresente condições favoráveis para o seu desenvolvimento, como oportunidades de locomoção e objetos para atividades espontâneas, cuidadores disponíveis e que interagem com a criança em diversas atividades e uma figura representativamente análoga à materna, com quem a criança possa desenvolver um vínculo sólido. Siqueira e Dell'Aglio (2007) corroboram essas colocações ao pontuar que a institucionalização pode se configurar como um fator de risco ou de proteção, por atuar reduzindo os efeitos negativos mediante à fatores de risco que se configuraram, dependendo dos efeitos produzidos nas crianças e adolescentes.

No presente estudo o universo empírico das instituições, entendido como um contexto de desenvolvimento tão abrangente quanto o familiar (Bronfenbrenner, 1996; Cavalcante, 2008), será analisado a partir da compreensão e do detalhamento das rotinas já que, conforme estudos têm demonstrado, é possível, dessa forma, dar-se ênfase a aspectos relacionais e complexos do

funcionamento da vida do grupo de pessoas estudado e dos ambientes físicos e sociais dos quais fazem parte (Boyce, Hartnett, James e Jensen, 1983; Costa, 2015; Fernandes, Boehs, Denham, Nitschke, & Martini, 2017; Silva et al, 2010; Silva, Pontes, & Silva, 2011; Silva & Cavalcante, 2015; Silva & Pontes, 2016).

De acordo com Jensen, James, Boyce e Hartnett (1983), rotinas podem ser entendidas como um conjunto de comportamentos que ocorrem com regularidade e previsibilidade, atuando como símbolo de permanência ainda que haja mudanças naquele contexto, o que pode ser considerado um potencializador de resistência e adaptação. Howe (2002) corrobora os autores, entendendo rotina como um conjunto de interações padronizadas que se repetem ao longo do tempo.

Estudos de rotina no contexto de acolhimento institucional ainda são escassos. A maior parte dos estudos está concentrado no ambiente familiar, havendo publicações que relacionam rotina a diversos temas, tais como: desempenho acadêmico e relacionamento entre pares (Guidubaldi, Cleminshaw, Perry, Nastasi, & Lightel, 1986), impacto na família com internação pediátrica (Rumor & Boehs, 2013), estilo de vida saudável (Ducharne; Cruz; Marinho; & Grande, 2012), práticas de cuidado na enfermagem (Fernandes, Boehs, & Rumor, 2012), comparando diferentes contextos culturais em relação ao desempenho acadêmico (Tudge, 2008), tratando de atividades que compõe o tempo livre de crianças (Pinto & Sarmiento, 1997). Além disso, também é possível encontrar estudos de rotina com famílias ribeirinhas (Silva, Pontes, & Silva, 2011), com crianças com necessidades especiais (Silva & Cavalcante, 2015) e paralisia cerebral (Silva & Pontes, 2016), relacionando a rotina de famílias no contexto rural e transições inesperadas em decorrências de desastres naturais (Fernandes, Boehs, Denham, Nitschke, & Martini, 2017) e, no contexto urbano, relacionando rotina e satisfação em casos de remanejamento habitacional involuntário (Costa, 2015).

Tratando-se em específico de estudos que levam em conta a rotina no universo empírico das instituições, pode-se destacar as contribuições de Machado e Serrano (2012) que estudaram as atividades realizadas no tempo livre de crianças e adolescentes em acolhimento institucional no distrito de Castelo Branco, em Portugal. Com esse estudo foi possível observar que a maior parte do tempo livre dessa população era ocupada com atividades como: assistir televisão, conversar com colegas, realizar tarefas de limpeza, ouvir música e, quando estavam fora da instituição, com atividades como passear com os amigos, acessar a internet, visitar amigos e praticar esportes.

Outro autor que também contribui com essa discussão foi Corrêa (2011) ao descrever a rotina de educadores em uma unidade de acolhimento institucional do estado do Pará. A partir dessa descrição, foi possível observar que a rotina desses profissionais era organizada de acordo com plantões e preservava certa constância, com horários e atividades bem demarcados. Ainda

assim, a pesquisa destacou que essa organização poderia sofrer alterações, de acordo com as necessidades que se apresentavam. De maneira geral, observou-se que grande parte das atividades relatadas estava relacionada aos cuidados básicos das crianças (higiene pessoal, alimentação e preparação para o sono) e brincadeiras. Além disso, observou-se que as crianças da instituição frequentavam uma variedade de ambientes internos a instituição (como brinquedoteca, playground, barracão - área coberta na parte externa da instituição, dormitórios, refeitório) entretanto, observou-se que havia pouca interação com o mundo externo à instituição.

Outro contexto institucional que tem aparecido em pesquisas sobre rotina é o das instituições de educação infantil. Eichmann (2014) estudou o dia-a-dia de crianças em uma creche e observou que o planejamento diário se dava de acordo com um conjunto de rotinas e atividades que tinham como fim promover o desenvolvimento global das crianças. A pesquisa identificou atividades que tinham como objetivo desenvolver o sentimento de segurança, autoestima, iniciativa e autonomia nas crianças. Esse estudo destaca um ponto importante do processo de desenvolvimento, que corrobora o que Bronfenbrenner (1996, 2011) preconiza como importante para o desenvolvimento positivo, que é a interação entre o adulto responsável pela turma e as crianças. De acordo com Eichmann (2014), as interações rotineiras com o adulto proporcionam um sentimento de continuidade, estabilidade, segurança e previsibilidade, considerados importantes para o desenvolvimento positivo. Em consonância a Eichmann (2014), Torrão (2016) também dá ênfase a rotina nesse contexto, evidenciando que momentos rotineiros de cuidado entre educador e criança são momentos privilegiados de interação, demonstrando que a análise da rotina está para além da demarcação de horários e atividades, e contempla também a forma como as relações se estabelecem, como as atividades são realizadas, de maneira a facilitar ou a dificultar o desenvolvimento infantil.

Já Oliveira (2016), que também desenvolveu estudos em contexto semelhante, analisou que a rotina pedagógica não era utilizada pelos educadores como estratégia no processo ensino-aprendizagem. Ele partiu do pressuposto de que a rotina deveria abarcar atividades relacionadas a cuidar-educar-brincar, porém observou que, na prática, a rotina não era planejada nem utilizada com base nesses princípios. Ele atribuiu esse fato ao pouco conhecimento dos educadores relacionado a esse conceito, o que evidencia a necessidade de ampliação dos estudos nessa temática e, além disso, o compartilhamento desses estudos com os profissionais responsáveis pela organização das rotinas institucionais.

Por fim, destaca-se que é possível observar que estudos que trabalham com rotina, independentemente do contexto analisado, veem trabalhando com dados que descrevem e analisam as atividades, as companhias e os ambientes frequentados ao longo do tempo (Boyce, Hartnett,

James e Jensen, 1983; Costa, 2015; Fernandes, Boehs, Denham, Nitschke, & Martini, 2017; Silva et al, 2010; Silva, Pontes, & Silva, 2011; Silva & Cavalcante, 2015; Silva & Pontes, 2016). Esses focos de análise podem ser compreendidos à luz do MBDH, que evidencia a interação dos núcleos: Processo, Pessoa, Contexto e Tempo (Bronfenbrenner, 2011). A partir dessa forma de compreensão, o presente estudo baseia-se nos pressupostos gerais do MBDH para analisar as rotinas em diferentes contextos institucionais (organizações de natureza governamental e não governamental). Assim, o presente estudo tem como objetivo apontar diferenças e semelhanças entre os componentes da rotina de crianças e adolescentes acolhidos em instituições governamentais e não governamentais em três regiões do Pará – Região Metropolitana de Belém, Guamá e Caetés. Para isso, partir-se-á da descrição detalhada de atividades, companhias e ambientes rotineiramente presentes na vida diária das pessoas que vivem nesses contextos e o tempo associado a cada um desses elementos.

### **Método**

O presente estudo parte da pesquisa aprovada pelo Edital N° 018/2012 do CNPq, realizada entre os anos de 2012 e 2014, que tem como título: *Instituições de Acolhimento de Crianças e Adolescentes em Quatro Regiões do Estado do Pará: Perfil, Rotinas e Práticas de Cuidado* coordenada pela Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lília Iêda Chaves Cavalcante.

### ***Delineamento***

Este estudo é classificado como descritivo, adotou uma abordagem quantitativa dos dados e utilizou método não experimental.

### ***Participantes***

Os participantes dessa pesquisa foram os profissionais (educadores, técnicos e/ou gestores) das instituições pesquisadas, localizadas em três regiões do Pará, a saber: Região Metropolitana (RM), Região Guamá (RG) e Região Caetés (RC). Os participantes descreveram a rotina, em dias de semana e finais de semana, de grupos de crianças e adolescentes que estavam nas instituições de acolhimento pesquisadas durante o período da coleta de dados. O grupo de profissionais que participou da pesquisa totalizou 18 pessoas. Destas, 17 informaram ser do sexo feminino e um não incluiu essa informação no registro. Elas possuíam idade média de 44 anos, sendo que a idade máxima relatada foi 67 anos e a mínima 25, entre elas, cinco relataram possuir ensino superior completo, dois ensino superior incompleto, quatro ensino médio completo, um ensino médio

incompleto, três ensino fundamental completo e um ensino fundamental incompleto, duas não incluíram informações sobre a escolaridade. Sobre o tempo de serviço, a média relatada foi de aproximadamente dez anos e meio, sendo que o tempo mínimo foi de sete meses e o máximo foi de 27 anos. O grupo de profissionais participantes foi escolhido por conveniência, de acordo com a disponibilidade para participação e pela proximidade com o grupo pesquisado. Com essa medida foi possível obter informações sobre a rotina com um nível maior de detalhamento. Sendo assim, em alguns casos, houve mais de um profissional respondendo por uma mesma instituição, o que fez com que o total de participantes (18) se tornasse diferente do total de instituições pesquisadas (14).

A Tabela 1 apresentada as instituições estudadas, organizadas em função da a região e cidade em que estão situadas.

Tabela 1. Instituições de acolhimento envolvidas no Estudo 1.

Região	Cidade	Instituição
Região Metropolitana	Belém	Espaço de Acolhimento Provisório Infantil -EAPI
		Espaço de Acolhimento Euclides Coelho Filho
		Espaço de Acolhimento Dulce Accioli
		Espaço de Acolhimento Ronaldo Araújo
		C.P. Espaço Acolher
		Lar Acolhedor Tia Socorro
		Creche Casa Lar Cordeirinho de Deus
		Abrigo Especial Calabriano
		Centro de Valorização da Criança – CVC
		Ananindeua
Benevides	Assistência e Recuperação de Crianças e Adolescentes – ARCA	
Santa Izabel	Assistência e Recuperação de Crianças e Adolescentes – ARCA	
Região Guamá	São Miguel do Guamá	Abrigo para Crianças e Adolescentes
Região Caetés	Salinas	Casa de Acolhida de Salinas

Fonte: Produzido pela autora.

Como pode-se ver na Tabela 1, foram coletados dados de 14 instituições. Essas instituições foram, posteriormente, organizadas de acordo com o tipo de Gestão (se governamental ou não governamental), conforme apresenta a Tabela 2.

Tabela 2. Descrição das Instituições de Acolhimento participantes.

Instituição	Gestão
Espaço de Acolhimento Provisório Infantil - EAPI	Governamental
Espaço de Acolhimento Euclides Coelho Filho	Governamental
Espaço de Acolhimento Dulce Accioli	Governamental
Espaço de Acolhimento Ronaldo Araújo	Governamental
C.P. Espaço Acolher	Governamental

Lar Acolhedor Tia Socorro	Não governamental
Creche Casa Lar Cordeirinho de Deus	Não governamental
Abrigo Especial Calabriano	Não governamental
Centro de Valorização da Criança – CVC	Não governamental
Serviço de Acolhimento Institucional de 0 a 6 anos	Governamental
Assistência e Recuperação de Crianças e Adolescentes – ARCA	Não governamental
Assistência e Recuperação de Crianças e Adolescentes – ARCA	Não governamental
Abrigo para Crianças e Adolescentes	Governamental
Casa de Acolhida de Salinas	Governamental

Fonte: Produzido pela autora.

### ***Ambiente***

A coleta de dados da pesquisa aconteceu nos ambientes externos (pátio) e internos (refeitório, dormitório, sala da secretaria e coordenação) das instituições envolvidas.

### ***Instrumentos de Pesquisa e Materiais***

#### 1. Questionário Preenchido pela Gerência para Caracterização da Instituição (QCI) – Apêndice A

O instrumento proposto por Cavalcante (2008), composto por um total de 107 itens, organizado em eixos temáticos, a saber: identificação e organização técnico-legal (15 itens), critérios e procedimentos de atendimento (16 itens), características físico-funcionais da instituição (25 itens), atendimento às crianças e adolescentes (13 itens), relação com as famílias das crianças e adolescentes acolhidos (7 itens), desligamento da criança e adolescente (19 itens), preservação da história de vida das crianças e adolescentes (4 itens), dificuldades e necessidades da instituição (3 itens) e perfil do dirigente da instituição responsável pelo preenchimento do questionário (5 itens). No presente estudo foram utilizados os dados referentes ao primeiro item (identificação e organização técnico-legal), permitindo, assim, a identificação do tipo de gestão institucional e sua localização.

#### 2. Inventário de Rotina (IR) - Apêndice B

O IR permite o levantamento e a classificação das atividades, ambientes e companhias mais presentes na vida diária de uma população específica em função do tempo. O instrumento, proposto por Silva et al (2010) a partir dos estudos de Boyce et al. (1983), torna possível a descrição detalhada de um dia típico do participante, tanto em dias de semana quanto em dias de final de semana. A aplicação do instrumento é realizada através de entrevistas com os participantes ou, se tratando de crianças, com os cuidadores.

O instrumento é organizado em uma planilha em que se pode fazer a anotação do relato do participante referente às atividades realizadas, às companhias apresentadas, aos ambientes frequentados (informações registradas nas colunas do instrumento) em intervalos de tempo de 15 minutos (informação registrada nas linhas da planilha).

O NEPAIA/LED realizou algumas adaptações no instrumento em decorrência do objetivo de caracterizar, em linhas gerais, a rotina de grupos de crianças e adolescentes acolhidas. Na versão original, o instrumento é utilizado como forma de acessar informações sobre a rotina de um dado sujeito em específico, considerando a rotina de forma particular. Já no presente estudo, a partir das adaptações que foram feitas, foi possível a consideração dos sujeitos como membros de grupos específicos (no caso, grupos que viviam em instituições governamentais e não governamentais). Sendo assim, a aplicação foi feita de forma coletiva, ou seja, ao invés de se descrever a rotina de crianças e adolescente em particular, buscou-se descrever a rotina de crianças e adolescentes em geral. Outra alteração realizada diz respeito às categorias de análise para as variáveis de atividades, companhias e ambientes, essas categorias foram criadas com base nos estudos de Corrêa (2011) e adaptadas com intuito de descrever a rotina de crianças e adolescentes em linhas gerais, conforme apresenta a Tabela 4.

Tabela 4. Categorias de Atividades, Companhias e Ambientes descritas no IR.

Atividades	Companhias	Ambiente
Sono, descanso ou despertar	Sozinho	Quarto
Higiene pessoal	Familiares	Banheiro
Alimentação	Pares	Outros espaços da instituição
Ir à escola e estudo	Profissionais da instituição	Escola
Lazer	Outros acolhidos e profissionais da instituição	Outros espaços da comunidade
Evento Religioso	Outros acolhidos, familiares e voluntários	Igreja
Convivência familiar		
Outras atividades dentro e fora da instituição	Todos	

Fonte: Produzido pelos autores.

Com relação à variável Atividades, destaca-se que a categoria Ir à escola e estudo abarca atividades como o deslocamento até a escola e o dever de casa, e a categoria Lazer compreende atividades como brincadeiras, assistir TV, ouvir rádio, navegar na internet, conversar, realizar festas e também o tempo livre. Por sua vez, a categoria Outras atividades dentro e fora da instituição que é utilizada para descrever atividades programadas internas e externas (tais como, atendimento técnico e limpeza do ambiente institucional, entre outras).

Na variável Companhia, destaca-se a categoria Familiares, que engloba figuras como pai, mãe, irmãos, e parentes próximos, e a categoria Pares, que abarca a outros acolhidos e colegas de escola, ou demais pares encontrados em outros ambientes.

Por fim, destaca-se na variável Ambientes a categoria Outros espaços da instituição, que engloba tanto os ambientes internos quanto externos da instituição de acolhimento (como por exemplo, sala, cozinha e pátio), e a categoria Outros espaços da comunidade, que engloba ambientes externos à instituição, diferentes de Escola e Igreja (descritos em categorias específicas).

#### *Procedimentos de coleta e análise dos dados*

Pesquisadores treinados para a utilização do instrumento aplicaram em cada um dos participantes dois IRs referentes a cada grupo etário (criança/adolescente): um levantou a rotina de um dia de semana e o outro a rotina do fim de semana. Em ambos os casos, foram consideradas a rotina em um dia típico, totalizando, para cada instrumento, a descrição de 1440 minutos (correspondentes à 24h diárias). Dessa forma, quando, na mesma instituição, houve mais que uma faixa etária (criança e adolescentes), o instrumento foi aplicado mais que uma vez, pontuando essa diferença. Sendo assim, o número de instrumento aplicados foi igual a 30 (N=30), em um universo de 14 instituições.

O instrumento foi preenchido através dos dados coletados em entrevistas semiestruturadas, respondidas pelos participantes (os profissionais das instituições). Em seguida, os dados foram organizados no *Microsoft Office Excel*. Com os dados no programa, foi possível calcular quanto de tempo foi utilizado em cada categoria dentro das variáveis atividades, companhias e ambientes. Assim, foi possível descrever, de forma detalhada, a rotina de crianças e adolescentes em dias típicos (durante a semana e nos finais de semana).

Foram descritos os valores correspondentes à Média (M) de minutos destinados para cada categoria – calculada a partir da soma dos minutos relatados pelos participantes em cada categoria de atividade, ambiente e companhia de acordo com o tipo de gestão institucional, e, posteriormente, dividindo-a pela quantidade de instrumentos respondidos para cada tipo de gestão (governamental N=15, não governamental N=15). Após, foi calculada a Mediana (Md), para a verificação da simetria dos resultados, o Desvio Padrão (DP), para verificação da variabilidade dos dados e as quantidades mínimas e máximas de minutos destinadas a cada categoria dentro de cada variável.

### **Resultados**

Os resultados apresentados estão organizados de acordo com o tipo de gestão institucional (governamentais – incluindo instituições municipais e estaduais - e não governamentais). As Tabelas 4 e 5 apresentam a descrição das rotinas – compostas por atividades, companhias e

ambientes - relatada pelos participantes acerca de dias típicos de crianças e adolescentes institucionalizadas, levando em conta o tipo de gestão da instituição (governamental ou não governamental). Primeiramente, serão apresentados dados referentes aos dias de semana e, na sequência, os que se referem à descrição da rotina nos finais de semana.

A Tabela 4 apresenta os dados relacionados à rotina em dias de semana de acordo com o tipo de instituição (sendo OG correspondente a instituições governamentais e ONG a não governamentais).

Tabela 4. Dados de rotina em dias de semana de acordo com o tipo de gestão institucional.

Variáveis (dias de semana)	Média		Mediana		Max		Min		DP		
	OG	ONG	OG	ONG	OG	ONG	OG	ONG	OG	ONG	
Atividades	Sono, descanso ou despertar	717	580	735	585	975	690	570	420	98,6	65,5
	Higiene pessoal	130	106	135	90	225	210	90	45	34,8	54,2
	Alimentação	167	132	180	135	195	195	120	75	21,9	39,4
	Ir à escola e estudo	39	240	0	270	240	465	0	0	82,1	135,4
	Lazer	308	211	300	225	570	420	150	60	134,6	95,3
	Evento Religioso	1	25	0	15	15	60	0	0	3,9	24,5
	Convivência familiar	0	15	0	0	0	120	0	0	0,0	39,7
	Outras atividades dentro e fora da instituição	78	131	0	120	375	360	0	0	125,8	102,0
Companhias	Sozinho	20	0	0	0	150	0	0	0	52,8	0,0
	Familiares	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0	0,0
	Pares	117	413	0	525	1335	735	0	0	342,8	293,7
	Profissionais da instituição	84	14	0	0	480	105	0	0	169,4	36,9
	Outros acolhidos e profissionais da instituição	735	392	600	180	1440	960	0	0	664,3	341,6
	Outros acolhidos, familiares e voluntários	0	75	0	0	0	330	0	0	0,0	105,6
Ambientes	Todos	484	546	0	720	1440	840	0	0	591,0	295,3
	Quarto	852	591	900	615	1140	690	630	420	169,3	68,5
	Banheiro	120	106	135	90	225	210	30	45	46,8	52,4
	Outros espaços da instituição	427	475	390	480	705	675	150	195	171,3	133,4
	Escola	39	236	0	255	240	450	0	0	82,1	137,9
	Outros espaços da comunidade	2	30	0	0	30	255	0	0	7,7	77,5
	Igreja	0	2	0	0	0	30	0	0	0,0	7,7

Fonte: Produzido pelos autores.

Os dados descritos na Tabela 4 demonstraram que o tempo destinado às atividades diárias esteve concentrado nas categorias Sono, descanso e despertar nas rotinas relatadas, sendo que uma quantidade maior de minutos esteve associada essa categoria de atividade em instituições governamentais (M=717 e DP=98,5). De maneira geral, observam-se semelhanças entre as porções de tempo relacionadas à descrição das atividades nos dois tipos de gestão institucional, sendo a diferença entre as médias estimada em poucos minutos.

Quanto às companhias, observa-se que há pouca variabilidade no que se refere às companhias em dias de semana, independentemente de a instituição ser de natureza governamental ou não. Observa-se que em instituições não governamentais a companhia mais frequentemente relatada foi apresentada pela categoria Todos (M=546 e DP=295,3). Utilizou-se essa denominação quando o relato do participante descrevia que a companhia naquele momento poderia ser de qualquer uma das pessoas que frequentam a instituição (podendo incluir crianças e/ou adolescentes acolhidos, educadores, técnicos, entre outros). Outra companhia bastante frequente em instituições não governamentais foi a dos Pares (M=413 e DP=293,7). Já em instituições governamentais observa-se que a companhia mais frequente foi Outros acolhidos e profissionais da instituição (M=735 e DP=664,3), seguida pela categoria Todos (M=484 e DP=591).

Quanto aos ambientes frequentados, ambos os tipos de gestão institucional apresentaram o Quarto como o ambiente mais frequentado pelas crianças e/ou adolescentes, sendo que em instituições governamentais a média foi de 852 e em instituições não governamentais 591. Os outros ambientes mais frequentados foram: Outros espaços da instituição (M=427 e DP=171,3 para OG e M=475 e DP=133,4 para ONG) e Banheiro (M=120 e DP=46,8 para OG e M=106 e DP=52,4 para ONG).

Os dados apresentados nas Tabelas 5 correspondem à rotina em instituições governamentais e não-governamentais nos dias de finais de semana.

Tabela 5. Dados de rotina em dias de semana de acordo com o tipo de gestão institucional.

Variáveis (final de semana)	Média		Mediana		Max		Min		DP		
	OG	ONG	OG	ONG	OG	ONG	OG	ONG	OG	ONG	
Atividades	Sono, descanso ou despertar	712	601	720	630	975	780	570	390	100,3	133,9 <sup>62</sup>
	Higiene pessoal	138	104	135	90	225	210	105	60	32,2	51,8
	Alimentação	164	160	165	165	195	240	120	105	24,4	52,8
	Ir à escola e estudo	0	4	0	0	0	30	0	0	0,0	10,6
	Lazer	357	358	360	270	600	600	150	195	144,6	151,9
	Evento Religioso	0	63	0	30	0	120	0	0	0,0	55,9
	Convivência familiar	0	36	0	0	0	150	0	0	0,0	62,3
	Outras atividades dentro e fora da instituição	69	114	0	105	375	255	0	0	128,0	85,6
	Sozinho	20	0	0	0	150	0	0	0	52,8	0,0
	Familiares	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0	0,0
Companhias	Pares	96	108	0	0	1320	540	0	0	340,0	223,6
	Profissionais da instituição	28	26	0	0	120	105	0	0	44,6	40,3
	Outros acolhidos e profissionais da instituição	724	348	540	180	1440	1140	0	0	661,0	384,3
	Outros acolhidos, familiares e voluntários	0	8	0	0	0	120	0	0	0,0	31,0
	Todos	572	950	0	840	1440	1440	0	300	652,4	368,0
	Quarto	859	611	900	630	1170	810	630	390	192,6	139,8
Ambientes	Banheiro	126	105	135	90	195	210	15	60	43,5	51,0
	Outros espaços da instituição	455	665	390	630	705	960	120	420	199,7	162,4
	Escola	0	0	0	0	0	0	0	0	0,0	0,0
	Outros espaços da comunidade	0	8	0	0	0	120	0	0	0,0	31,0
	Igreja	0	51	0	30	0	120	0	0	0,0	51,6

Fonte: Produzido pelos autores.

Os dados demonstraram que há uma maior concentração de atividades de Sono, descanso ou despertar em ambos os tipos de gestão institucional (M=712 e DP=100,3 em OG e M=601 e DP=133,9 em ONG). Outra categoria de atividades que apareceu em destaque foi a Lazer (M=357 e DP=44,6 em OG e M=358 e DP=151,9 em ONG). Quanto às companhias, é possível ver que há o predomínio da categoria Todos (M=572 e DP=652,4 em OG e M=950 e DP=368 em ONG) e Outros acolhidos e profissionais da instituição (M=724 e DP=661 em OG e M=348 e DP=384,3 em ONG). Vale destacar que a categoria Todos abrange diferentes pessoas (como outras crianças e/ou adolescentes acolhidos, educadores, entre outros).

Destaca-se também, quanto a categoria ambientes, o Quarto como o mais frequentado, principalmente naquelas que são reconhecidas como governamentais (M=852 e DP=1693). Nas instituições não governamentais a média de minutos foi um pouco inferior (M=591 e DP=68,5), porém em ambos os tipos de instituição o Quarto aparece com uma média de minutos bem superior aos demais ambientes descritos. Outro ambiente descrito com frequência na rotina dessas crianças e adolescentes foi Outros espaços da instituição (M=425 e DP=171,3 em OG e M=475 e DP=133,4 em ONG).

## Discussão

Este estudo foi proposto e analisado com base no MBDH (Bronfenbrenner, 1996, 2011). Para que esta interlocução entre dados empíricos e fundamentação teórica fique a mais clara possível, a seção de discussão dos resultados apresentados terá como ponto de partida a análise dos elementos da rotina (atividades, companhias, ambientes e tempo) e sua relação com os núcleos do Modelo PPCT - Processo, Pessoa, Contexto e Tempo. Dessa forma, destaca-se a compreensão do primeiro núcleo, Processo, como as relações entre crianças e/ou adolescentes e outras pessoas com as quais convivem cotidianamente (Bronfenbrenner, 1996). No estudo em questão, os processos são observados a partir do relato da categoria Atividades. O segundo núcleo do Modelo, referente à Pessoa, está sendo considerado no presente estudo como a própria pessoa em desenvolvimento (criança e/ou adolescente) e as pessoas com quem ela interage, apresentadas aqui na variável Companhia. No que se refere ao terceiro núcleo, o Contexto, entende-se que, nas análises propostas, o contexto é conjunto de ambientes frequentados pelas crianças/adolescentes que vivem na instituição, podendo abranger ambientes da própria instituição e ambientes externos. Já referente ao núcleo Tempo, utiliza-se para a análise o período de um dia típico (em dias de semana e finais de semana), sendo entendido dentro de um período cronológico da vida de cada um e de um momento histórico.

Ao se comparar as características presentes na descrição da rotina de crianças e adolescentes em instituições governamentais e não governamentais, verifica-se que em termos da quantidade de tempo destinado às atividades relatadas os valores encontrados não sofreram qualquer variação substancial. Entretanto, as análises realizadas não permitem afirmar com segurança o quanto este resultado foi definido pelo tipo de gestão institucional dos grupos comparados. Esta é uma consideração importante quando se sabe que as características da rotina de dada instituição representam aspectos importantes das condições em que esses sujeitos podem se desenvolver nos contextos pesquisados.

Ademais, com os dados apresentados é possível observar pontos importantes do funcionamento de ambos os tipos de instituição, o que possibilita a compreensão mais detalhada da vida das pessoas acolhidas nas instituições do Pará. Tratando-se em específico da categoria atividades, constatou-se que as rotinas nas instituições pesquisadas apontaram para a presença de pouca variabilidade no rol que foi descrito, uma vez que parte considerável do tempo é ocupado por diferentes tipos de cuidados básicos, com poucas atividades planejadas, corroborando os achados de Machado e Serrano (2012) e Corrêa (2011).

Além disso, ainda no que diz respeito às atividades rotineiras, constata-se que a categoria Eventos Religiosos está presente em maior nitidez na descrição da rotina de instituições não governamentais ( $M=63$  e  $Dp=55,9$ ). Esse dado pode estar associado à herança histórica das

instituições de acolhimento, remetendo às primeiras instituições do Brasil (Cisne & Cisne, 2016; Rizzini & Rizzini, 2004). Conforme os autores, a história da institucionalização de crianças e adolescentes no Brasil está estreitamente ligada às santas casas de misericórdia e demais órgãos filantrópicos de cunho religioso. Analisando as características das instituições pesquisadas, o que se observa é que algumas instituições não governamentais possuem como mantenedores órgãos vinculados a quaisquer tipos de religião. Ou seja, dessa forma, os dados da pesquisa explicitam que instituições com essas características tendem a impactar na rotina das crianças e adolescentes acolhidos por inserirem atividades específicas no seu cotidiano.

Ao analisar os resultados das instituições governamentais, é possível visualizar que o tempo destinado a atividades rotineiras de cunho religioso é quase inexistente. Esse dado pode estar relacionado aos parâmetros propostos pelo documento *Orientações Técnicas: Serviço de Acolhimento para Crianças e Adolescentes* (Conanda, 2009), que garante a crianças e adolescentes acolhidos o direito expressar com liberdade suas crenças e preceitos religiosos, garantindo respeito e não discriminação a qualquer prática religiosa. Ou seja, entende-se, dessa forma, que a prática religiosa também pode estar presente na rotina de instituições governamentais, entretanto não de forma sistematizada como nas não governamentais e, por isso, pode não ter sido relata pelos participantes dessa pesquisa.

Quanto à categoria Outras atividades dentro e fora da instituição, observou-se que em instituições não governamentais a incidência é maior. Essas atividades podem estar vinculadas a atividades relacionadas a órgãos religiosos, como os Emaús – que aparecem descritos na variável companhia em finais de semana, reforçando a presença de aspectos religiosos nesse tipo de instituição. Esse dado também apresenta coerência com o que vem se discutindo por Cisne e Cisne (2016) e Rizzini e Rizzini (2004) a respeito do legado histórico das instituições de acolhimento.

A categoria que se refere ao tempo destinado à Convivência Familiar é outra que apresenta um dado interessante (OG:  $M=0$  e  $Dp=0$  em dias de semana e finais de semana e em ONG:  $M=15$  e  $Dp=39,7$  em dias de semana e  $M=36$  e  $Dp=62,3$  em finais de semana). Ou seja, constatou-se que momentos destinados ao fortalecimento da convivência familiar são escassos em ambas as instituições, tanto em dias de semana quanto em finais de semana, não tendo sido relatadas a presença de atividades típicas em instituições governamentais. Esse dado pode indicar que o direito a convivência familiar, conforme prevê o ECA, pode não estar sendo colocado em prática de maneira sistemática e regular dentro das rotinas nas instituições estudadas, o que corrobora os achados de Machado e Serrano (2012) e Corrêa (2011). Para reforçar esse ponto de vista, os dados relativos à variável Companhia também demonstram que categorias que envolvem figuras

familiares estão pouco presentes no relato dos participantes, isto é, não foram apontados como frequentes em nenhum dos tipos de instituição.

A próxima variável a ser discutida refere-se às companhias apresentadas nos relatos dos participantes. Os resultados mostraram que são poucas as diferenças entre as instituições governamentais e não governamentais nesse quesito. As companhias mais frequentes na rotina estão relacionadas estão representadas por categorias que denotam a presença de um coletivo, de um grupo de pessoas (por exemplo, Todos, Pares e Outros acolhidos e profissionais da instituição). Esses dados demonstram que há uma tendência ao cuidado coletivizado dentro das instituições, o que vai de encontro com o que propõe as *Orientações Técnicas: Serviço de Acolhimento para Crianças e Adolescentes* (Conanda, 2009) e o MBDH (Bronfenbrenner, 1996 2011). Entretanto, observa-se que há uma maior quantidade de tempo - diferença que tende a ser significativa – destinada a categoria Educador (que representa momentos em que a criança e/ou o adolescente tem como companhia relatada apenas o educador, ou seja, de forma mais individualizada). Esses momentos de interação individualizado entre adultos – crianças/adolescentes, ainda que raros eles têm um importante papel para o desenvolvimento dessas pessoas, conforme apresentado em literatura (Bronfenbrenner, 1996, 2011; Eichmann, 2014; Torrão, 2016).

Quanto à variável Ambiente, é possível identificar claramente que o ambiente mais frequente na rotina dessa população diz respeito a áreas internas e/ou externas que compreendem o espaço físico da instituição. Ou seja, identifica-se que o ambiente institucional é o mais frequente em ambos os casos, dessa forma, pode-se entender a instituição de acolhimento como o Microssistema central dessas crianças e adolescentes. Essa afirmação demonstra coerência com as contribuições de Siqueira e Dell’Aglío (2006), que ainda apontam a Escola como um outro Microssistemas frequentado pela criança e/ou adolescente institucionalizado, e a relação entre instituição-escola, como um Mesossistema, o que está de acordo com os dados empíricos apresentados por esta pesquisa.

De maneira geral, observa-se que, em ambos os tipos de instituição, há uma quantidade reduzida de ambientes frequentados e todos estão muito restritos aos ambientes institucionais, o que corrobora os achados de Machado e Serrano (2012) e Corrêa (2011) e vai de encontro ao que propõe as *Orientações Técnicas: Serviço de Acolhimento para Crianças e Adolescentes* (Conanda, 2009), principalmente no que se refere à convivência comunitária, e ao que preconiza o MBDH, no que se refere à importância de a pessoa em desenvolvimento frequentar diferentes ambientes (Bronfenbrenner, 1996 2011).

A partir desse conjunto de dados, pode-se inferir que há poucos indícios empiricamente comprováveis de interação com a comunidade na rotina da população estudada, o que é

demonstrado por dados de atividades, companhias e ambientes. Configura-se, assim, um cenário que demonstra que essa população está vivendo de maneira que tende ao isolamento do restante da sociedade. Essa afirmação é apoiada no discurso de Benelli (2015), que afirma que as instituições totais, conforme descreve Goffman (1974) estão presentes ainda na atualidade, mesmo que se apresentem de outra forma.

Quando Goffman (1974), há quase 50 anos, descreveu as instituições totais, ressalta o caráter de isolamento destas como um ponto principal em sua caracterização. O que se observa na atualidade, com base nos indícios empíricos trazidos pelos dados de rotina das instituições pesquisadas, é que esse caráter de isolamento ainda está bastante presente. Ainda que não haja barreiras físicas (como grades e fossos, características das instituições antigas) que impeçam o contato da população que vive na instituição com os seus arredores, observa-se é o contato dos acolhidos com o mundo externo se resume, com raras exceções, ao fato de as crianças frequentarem a escola e, eventualmente, receberem visitas (convívio familiar).

A partir dessas análises conclui-se que os estudos de rotina funcionam como uma importante estratégia para acessar aspectos importantes, complexos e relacionais da vida diária de um grupo de pessoas, corroborando o que a literatura vem afirmando (Silva *et al*, 2010; Silva, Pontes, & Silva, 2011; Costa, 2015; Silva & Cavalcante, 2015; Silva & Pontes, 2016). Além disso, com o conjunto de dados apresentados é possível concluir que, instituições de acolhimento com diferentes tipos de gestão preservam grande parte dos componentes da rotina semelhantes. Entretanto, mesmo entre um grupo de instituições localizado no mesmo estado do Brasil, pode-se perceber diferenças na organização e nos componentes da rotina de acordo com o tipo de gestão institucional. As características das rotinas, tanto diferenças, quanto semelhanças, compõem o ambiente físico e social que a criança e/ou adolescente fazem parte e por essa razão tem impacto no seu desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1996, 2011; Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner & Evans, 2000) e, por isso, merecem atenção dos estudiosos e profissionais da área.

Vale ressaltar que se entende, a partir da leitura dos dados e da compreensão teórica, que não há orientações fixas que devem ser seguidas por todas as instituições no que se refere à organização da rotina. Entretanto, considera-se importante levantar os pontos trazidos nas análises apresentadas como forma de atenção para os órgãos de assistência que planejam a organização e o dia a dia das instituições de acolhimento no Brasil. Retomando o que propõe o MBDH, para que o ambiente institucional proporcione experiências reparadoras e prepare as pessoas que ali estão para a vida em sociedade - conforme é o objetivo da instituição (Conanda, 2009) - é importante que esse contexto possibilite o estabelecimento de relações recíprocas, fortes e duradouras,

oportunize a interação com diferentes objetos e estímulos, permita o engajamento em diversas atividades por períodos regulares e prolongados de tempo, permita a interação em ambientes variados e com pessoas que ocupam diferentes papéis, fazendo com que a própria pessoa em desenvolvimento ocupe diferentes papéis (Bronfenbrenner, 1996, 2011). Todos esses elementos considerados pelo modelo são possibilitados, ou não, na rotina das pessoas em desenvolvimento, por isso ressalta-se a importância de estudos nesse âmbito tanto para as ciências do desenvolvimento quanto para os profissionais que trabalham com acolhimento institucional.

### **Considerações Finais**

O estudo aqui proposto teve como objetivo compreender, de forma detalhada e minuciosa, a organização e os componentes da rotina em diferentes tipos de instituições de acolhimento – governamental e não governamental – comparando-as. Os resultados obtidos mostraram que a maioria das categorias analisadas se assemelham entre si, independentemente da natureza administrativa da instituição. Ou seja, os dados que caracterizam as rotinas de crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional em três regiões estudadas possuem muitas semelhanças, mesmo em instituições com tipos de gestão diferentes. Entretanto, algumas diferenças importantes foram encontradas, como é o caso da presença mais acentuada de atividades como Eventos Religiosos e ambientes como Igreja em instituições não governamentais.

Assim, pode-se afirmar que, com este estudo, foi possível ampliar os conhecimentos acerca da realidade das instituições de acolhimento no Brasil e da vida das crianças e adolescentes que se desenvolvem nessas instituições. Sendo assim, acredita-se que os conhecimentos oriundos dessa pesquisa podem favorecer o desenvolvimento da ciência psicológica, principalmente por contribuírem teoricamente para o aprofundamento de uma temática ainda pouco estudada nesse universo empírico. Além disso, especificamente no que diz respeito a psicologia do desenvolvimento, e ao MBDH, entende-se que esse estudo pode contribuir para a compreensão mais aprofundada do contexto empírico das instituições, entendido como um dos contextos de desenvolvimento tão amplos e abrangentes quanto a família, assim como, dos processos que ali ocorrem.

Além disso, acredita-se que esse estudo pode servir como embasamento para o aperfeiçoamento da atuação dos profissionais que trabalham com acolhimento. Acredita-se que isso seja possível devido às discussões que foram propostas, favorecendo a reflexão e a identificação de lacunas, sobreposições e oportunidades na rotina institucional. Identifica-se que, de maneira geral, há necessidade de uma maior variabilidade de atividades, companhias e ambientes frequentados no cotidiano.

Foi possível identificar carência no que diz respeito ao contato com a comunidade, relacionado a outro direito fundamental previsto pelo ECA, o direito à convivência familiar e comunitária. É importante que essa carência tenha sido identificada para que possa ser discutida e trabalhada no cotidiano das instituições, já que essa interação é identificada como uma atividade que pode favorecer o desenvolvimento e a reintegração à sociedade dessas crianças e adolescentes. Sugere-se que, a partir dessa constatação, sejam propostas atividades de integração entre a instituição e a comunidade, favorecendo o trânsito entre esses dois contextos, promovendo políticas para que a visita familiar seja mais frequente, para que a interação com a comunidade (vizinho, por exemplo) faça parte da realidade cotidiana dessa população. Uma prática que pode ser adotada, como forma de promover essa interação, é a comemoração de aniversários com a participação de pessoas externas (como os colegas da escola, vizinhos, familiares).

No que diz respeito aos ambientes frequentados, constata-se que este também é um ponto crítico na rotina de crianças e adolescentes acolhidas. Como visto, as pessoas que vivem nas instituições estudadas passam uma boa parte do tempo dentro do quarto ou em ambientes internos da instituição, ou seja, não tem uma grande variação de ambientes frequentados. Esse cenário, como discutido, pode ser prejudicial para o desenvolvimento, por isso, indica-se que a rotina seja pensada de modo a favorecer a convivência em outros ambientes, para além da instituição. Sugere-se a inclusão de atividades externas à instituição, como idas a praças, museus, parques, shoppings, entre outras, para que a vida desses acolhidos seja a mais integrada possível a sociedade. Como foi discutido, o isolamento social não deveria ser uma característica constante na vida dessas pessoas, entretanto, esse é um fato que parece estar bastante presente na realidade destas, por isso algumas medidas são necessárias para que alterar essa configuração.

Para que essas discussões possam ser feitas indica-se que esses dados sejam apresentados e discutidos com as equipes que trabalham com acolhimento institucional, para que estas possam pensar e realizar mudanças na rotina dessas crianças e adolescentes, fazendo com que o seu cotidiano seja aproveitado da melhor forma possível, favorecendo o desenvolvimento e garantindo os direitos previstos pelo ECA.

Como limitação deste estudo, identificam-se algumas características do próprio instrumento de pesquisa utilizado durante as investigações propostas. O IR, conforme sua proposta original, permite detalhar a descrição de um dia típico da vida de uma pessoa em específico. No caso do presente estudo, conforme descrito, o IR foi adaptado para aplicação no contexto institucional, passando a considerar não exatamente a rotina de uma criança ou adolescente em particular, mas do conjunto das crianças e adolescentes encontrados em dada instituição. Com essa adaptação foi possível descrever em linhas gerais a rotina de grupos de crianças e adolescentes

que estavam em instituições de acolhimento, entretanto, considera-se que essa modificação feita no instrumento pode ter retirado deste a capacidade de apontar as particularidades da rotina de indivíduos que compõem a população pesquisada, o que pode vir a se configurar como uma possível limitação nesse tipo de estudo transversal, mesmo que permita localizar os padrões de atividades, companhias e ambientes encontrados de modo recorrente nas instituições envolvidas na pesquisa.

Como sugestão para estudos posteriores, indica-se a descrição, análise e comparação da organização e dos componentes da rotina em instituições de diferentes estados do Brasil, e até mesmo fora do país. Dessa forma, admite-se ser possível elaborar um panorama geral das práticas adotadas em diferentes instituições e aprofundar as análises aqui propostas. Outro ponto que se considera importante é realizar estudos que comparem a rotina de crianças e/ou adolescentes que vivem em contextos familiares e institucionais, objetivando trazer evidências empíricas das diferenças entre esses dois ambientes e, dessa forma, verificar como e se as contribuições teóricas dos autores estudados aparecem na comparação entre esses dois contextos de desenvolvimento.

## Referências

- Benelli, S. J. (2015). *A lógica da internação: instituições totais e disciplinares (des)educativas*. São Paulo: Editora Unesp Digital.
- Boyce, W.T., Hartnett, S.A., James, S.A., & Jensen, E.W. (1983). The family routines inventory: Development and validation. *Social Science and Medicine*, 17, 201- 211.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed, 2.
- Castanharo, R.C.T. & Wolff, L.D.G. (2014). O autocuidado sob a perspectiva da Terapia Ocupacional: análise da produção científica. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCAR*, 22(1), 175-186.
- Cisne, J. J. N., & Cisne, L. M. C. (2016). Políticas públicas para a infância e adolescência no Brasil: Uma breve abordagem histórica e o desafio da descontinuidade. *THEMIS: Revista da Esmec*, 13, 109-146.
- Conselho Nacional Dos Direitos Da Criança e Do Adolescente (CONANDA) (2009). Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS), & Conselho Nacional Dos Direitos Da Criança e Do Adolescente (Conanda). Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS). *Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes*.

- Corrêa, L. D. S., Cavalcante, L. I. C., Magalhães, C. M. C., & Reis, D. C. D. (2016). Conceptions and practices of educators at child sheltering institutions. *Early Child Development and Care*, 1-11.
- Corrêa, L.D.S. (2011). *Concepções de desenvolvimento e práticas de cuidado à criança em ambiente de abrigo na perspectiva do Nicho Desenvolvimental*. Dissertação de Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.
- Costa, A. C. R. (2015). *Relações de Amizade entre Adolescentes Acolhidos Institucionalmente: Fatores de Risco e Proteção*. Dissertação de Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.
- Costa, D. R. (2015). *Rotinas de Moradores no Contexto do Pré e Pós-Remanejamento Habitacional*. Dissertação de Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.
- Cruz, D. A. (2014). *Conta que eu Conto: percepções de crianças sobre suas experiências de acolhimento*. Dissertação de Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.
- Davis, J. & Polatajko, H. (2006). Occupational development. Em S. Rodger & J. Ziviani (Eds.). *Occupational therapy with children: Understanding children's occupations and enabling participation* (pp. 136-154). Blackwell Science Publishers.
- Fernandes, G. C. M., Boehs, A. E., Denham, S. A., Nitschke, R. G., & Martini, J. G. (2017). Rural families' interpretations of experiencing unexpected transition in the wake of a natural disaster. *Cadernos de Saúde Pública*, 33(1).
- Fernandes, G. C. M., Boehs, A. E., & Rumor, P. C. F. (2012). Rotinas e rituais familiares: implicações para o cuidado. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 10(4), 866-871.
- Fiese, B. H., Tomcho, T. J., Douglas, M., Josephs, K., Poltrock, S., & Baker, T. (2002). A review of 50 years of research on naturally occurring family routines and rituals: Cause for celebration?. *Journal of family psychology*, 16(4), 381.
- Goffman, E., Leite, D. M., & de Souza, A. C. (1974). *Manicômios, prisões e conventos*.
- Goto, P. H. P. (2010). *Treino de mães em habilidades sociais educativas: Efeitos no comportamento de ajuda das mães e de autonomia das crianças com deficiência visual*. Dissertação de Mestrado em Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina.
- Guidubaldi, J., Cleminshaw, H. K., Perry, J. D., Nastasi, B. K., & Lightel, J. (1986). The role of selected family environment factors in children's post-divorce adjustment. *Family Relations*, 35, 141-151.
- Haley, S. M., Coster, W., Ludlow, L. H., Haltiwanger, J. T., & Andrellos, P. J. (2003). Pediatric evaluation of disability inventory. *Assessing Children's Well-Being: A Handbook of Measures*, 11, 13.

- Haugland, B. S. M. (2005). Recurrent disruptions of rituals and routines in families with paternal alcohol abuse. *Family Relations*, 54, 225–241.
- Holzberg, E. (2013). Activities of Daily Living. In Early, M. B. *Physical dysfunction practice skills for the occupational therapy assistant*. Elsevier Health Sciences.
- James, S., Ziviani, J., & Boyd, R. (2014). A systematic review of activities of daily living measures for children and adolescents with cerebral palsy. *Developmental Medicine & Child Neurology*, 56(3), 233-244. DOI: 10.1111/dmcn.12226.
- Jensen, E. W., James, S. A., Boyce, W. T., & Hartnett, S. A. (1983). The family Routines Inventory: Development and validation. *Social Science and Medicine*, 17, 201-211.
- Machado, T., & Serrano, J. (2012). Rotinas de vida de crianças e jovens acolhidos em lares de infância e juventude. *Estudos em desenvolvimento motor da criança V*, 185-190.
- Magalhães, C.M. C., Costa, L. N., & Cavalcante, L. I. C. (2011). Percepção de educadores de abrigo: o seu trabalho e a criança institucionalizada. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 21(3), 818-831. Recuperado em 13 de abril de 2016, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822011000300008&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822011000300008&lng=pt&tlng=pt).
- Pinto, M., & Sarmiento, M.J. (Coordenação) (1997), *As Crianças Contextos e Identidades*, Braga, colecção infans, centro de estudos da criança, Universidade do Minho, 219-264.
- Monteiro, P. D. S. (2014). *Crianças em Acolhimento Institucional: percepções relativas à estrutura e dinâmica de suas famílias*. Dissertação de Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.
- Oliveira, F. E. C. D. (2016). *O planejamento das rotinas diárias nas ações pedagógicas na Educação Infantil: a indissociabilidade entre educar, cuidar e brincar* (Bachelor's thesis, Universidade Federal do Rio Grande do Norte).
- Oliveira, L. S. M. (2014). *Crianças em Acolhimento Institucional: brincadeiras, espaços e interações*. Dissertação de Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.
- Rizzini, I. (1993). *A assistência à infância no Brasil: uma análise de sua construção* (Vol. 4). Editora Universitária Santa Úrsula.
- Rizzini, I., & Rizzini, I. (2004). *A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente*. Edições Loyola.
- Rumor, P. C. F., & Boehs, A. E. (2013). O impacto da hospitalização infantil nas rotinas das famílias monoparentais. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 15(4), 1007-15.
- Sasso de Lima, T. C., Tamasso Mioto, R. C., & Dal Prá, K. R. (2007). A documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais: algumas considerações acerca do diário de campo. *Textos & Contextos (Porto Alegre)*, 6(1).

- Silva, D. G. da, Pontes, F. A. R., & Silva, S. S. da C. (2011). Relações familiares de duas crianças ribeirinhas da Amazônia. *Psicologia: teoria e prática*, 13(3), 139-151. Recuperado em 04 de maio de 2016, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872011000300011&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000300011&lng=pt&tlng=pt).
- Silva, F. H. O. B., & Cavalcante, L.I. C. (2015). Rotinas Familiares de Crianças com Necessidades Especiais em Família Adotiva. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(2), 173-180. <https://dx.doi.org/10.1590/0102-37722015021920173180>
- Silva, S. S. da C., & Pontes, F. A. R. (2016). Rotina de famílias de crianças com paralisia cerebral. *Educar em Revista*, (59), 65-78. DOI: 10.1590/0104-4060.44688.
- Silva, S. S. da C., Pontes, F. A. R., dos Santos, T. M., Maluschke, J. B., Mendes, L. S. A., dos Reis, D. C., & da Silva, S. D. B. (2010). Rotinas familiares de ribeirinhos amazônicos: uma possibilidade de investigação. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 26(2), 341-350.
- Silva, T. S. R. (2015). *A visita familiar no contexto do acolhimento institucional de crianças*. Dissertação de Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.
- Tudge, J. (2008). *The everyday lives of young children: Culture, class, and child rearing in diverse societies*. Cambridge University Press.
- Vasconcelos, T. B. (2013). *As Atividades de Vida Diária de Crianças em Situação de Acolhimento Institucional*. Dissertação de Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.
- Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (A. Thorell, Trad.). Porto Alegre: Bookman. (Trabalho original publicado em 2003)

## Capítulo IV: Considerações Finais

A presente pesquisa, composta por dois estudos, teve como objetivo compreender a organização e descrever os componentes da rotina de crianças e adolescentes em contexto institucional, a partir de uma perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento. Para isso, foi realizada uma descrição minuciosa da realidade da vida diária de crianças e adolescentes acolhidos em 14 instituições governamentais e não governamentais, localizadas em três regiões do estado do Pará.

Os resultados, analisados sob a ótica do MBDH, demonstram que, em suma, a vida diária das crianças e adolescentes acolhidas nessas instituições possui pouca variabilidade, o que pode dificultar o desenvolvimento pleno e integral dessa população. Foi visto que as atividades são bastante restritas, concentradas em atividades de autocuidado, assim como as companhias, essencialmente grupais e limitadas às pessoas da própria instituição, e, da mesma forma, os ambientes que, de maneira geral, se restringem aos ambientes institucionais, com poucas interações com a comunidade. Esse panorama, e as análises que puderam ser feitas em decorrências dos dados apresentados, podem contribuir com os avanços da psicologia do desenvolvimento por evidenciarem aspectos complexos e relacionais da vida diária das crianças e adolescentes que se desenvolvem em contexto institucional e da realidade cotidiana desse contexto de desenvolvimento.

Além disso, acredita-se que esse estudo pode contribuir para o avanço das pesquisas que tem como objeto a temática das rotinas, reforçando a hipótese que a literatura tem apresentado de que a descrição detalhada das atividades realizadas, dos ambientes frequentados, das companhias apresentas e da quantidade de tempo associada a cada um desses elementos pode contribuir para a compreensão do ambiente ecológico e das interações que nele ocorrem, evidenciando o valor teórico e metodológico desse tipo de estudo.

Quanto às contribuições práticas da presente pesquisa, percebe-se que a análise da organização e dos componentes da rotina pode servir como base para a identificação de lacunas, sobreposições e oportunidades na rotina institucional. Entende-se que, com os apontamos aqui realizados, é possível pensar em mudanças na rotina das instituições estudadas, propondo uma maior variabilidade de atividades, incluindo atividades que proporcionem oportunidades de vivências diferenciadas, como, por exemplo, a participação em oficinas, aulas de música, dança, línguas, entre outras. Em suma, quanto às atividades, é importante que os profissionais que estudam e trabalham nesse contexto estejam atentos a relevância de proporcionar a esse público um conjunto variado de atividades, tendo em mente que, para promover o desenvolvimento é importante que

essas atividades ocorram de forma progressivamente mais complexa, continuada, regular e em interação com outras pessoas, formando díades, da forma como a teoria de Bronfenbrenner (1996, 2011) destaca.

No que se refere às companhias, entende-se que também é necessário realizar algumas mudanças no cotidiano das crianças e adolescentes estudadas. Como visto, para que o desenvolvimento ocorra da forma mais plena possível, é importante que a criança e/ou adolescentes tenha interação com pessoas que ocupam diferentes papéis (ou seja, interaja com uma variedade de pessoas) e, também, estabeleça relações próximas, recíprocas e duradouras, formando díades. Tendo em vista isso, indica-se que a rotina nessas instituições seja pensada para promover a interação com um número maior de pessoas, visto que na grande maioria do tempo as crianças e adolescentes ficam em contato apenas com as pessoas que frequentam a própria instituição. Sendo assim, é interessante que a instituição estimule e facilite momentos de interação com a comunidade, como festas, visitas familiares, entre outras atividades. Além disso, os cuidadores devem ter em mente que a interação próxima, recíproca e duradoura entre eles e as crianças/adolescentes também é importante, sendo que, sempre que possível, é interessante que se proporcione momentos de interação individualizados.

Quanto aos ambientes frequentados, da mesma forma que nos itens anteriores, observa-se que algumas mudanças se fazem necessárias. A partir do entendimento de que frequentar ambientes variados é importante para o desenvolvimento, assume-se que a instituição deve se preocupar em promover a convivência dos acolhidos em outros locais. Por exemplo, é possível organizar visitas a praças, museus, *shoppings*, entre outras, de forma periódica, ou ainda proporcionar aos acolhidos a possibilidade de realização de aulas ou cursos externos ao ambiente institucional. Dessa forma essa população receberá uma estimulação maior, além de ter a oportunidade de interagir com mais pessoas (diferentes papéis) e, por consequência, experimentar diferentes papéis, o que favorece o desenvolvimento.

Tendo em vista esses pontos, sugere-se a organização de oficinas ou treinamentos com as equipes que atuam em instituições de acolhimento. Acredita-se que essa seja uma medida importante no sentido de promover as discussões que aqui emergiram e sugerir mudanças na organização das rotinas nas instituições, fazendo com que seja possível unir as descobertas teóricas à realidade prática.

Quanto às limitações da pesquisa, destacam-se algumas características do próprio objeto de estudo aqui considerado, a rotina, e as formas possíveis de mensurá-la. Estudar rotina implica em compreender aspectos gerais da vida de determinada pessoa ou grupo. Ou seja, ao escolher esse objeto, assume-se que possíveis particularidades, ou situações atípicas da vida das pessoas

estudadas não serão descritas por uma pesquisa deste tipo. Além disso, aponta-se como limitação as características do próprio instrumento (IR), que, como dito, originalmente foi pensado para aplicação em sujeitos únicos. Nesta pesquisa, contudo, ele sofreu alterações importantes, em consonâncias com os objetivos aqui propostos, e tais modificações podem ter dificultado a apreensão de informações mais detalhadas da vida diária de cada grupo estudado, isto é, de cada instituição envolvida na pesquisa. Ainda assim, considera-se que as alterações foram pertinentes pois permitiram a descrição, em linhas gerais, dos padrões de atividades, companhias e ambientes presentes em um dia típico de crianças e adolescentes que vivem em situação de acolhimento no estado do Pará.

Sendo assim, sugere-se para estudos futuros a ampliação de pesquisas sobre a temática das rotinas no universo empírico das instituições. Em específico, indica-se comparar rotinas de crianças e adolescentes institucionalizadas e não institucionalizadas, em diferentes faixas etárias, comparar rotinas em instituições de diferentes estados do Brasil e fora do país. Acredita-se que, dessa forma, será possível ampliar as discussões sobre rotina em diferentes contextos, elaborando parâmetros que possibilitem discussões mais aprofundadas e o avanço da ciência psicológica, da ciência do desenvolvimento e, posteriormente, impactando na realidade de crianças e adolescentes que se desenvolvem nesse contexto específico de desenvolvimento que, mesmo sendo marcado historicamente por tantas restrições, tem a possibilidade e o objetivo de promover o desenvolvimento integral dessas pessoas em situação de vulnerabilidade.

## Referências

- Barros, N. S. & Naiff, L. A. M. (2015). Capacitação para educadores de abrigo de crianças e adolescentes: identificando representações sociais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 15(1), 240-259. Recuperado em 13 de abril de 2016, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812015000100014&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812015000100014&lng=pt&tlng=pt).
- Benelli, S. J. (2015). *A lógica da internação: instituições totais e disciplinares (des)educativas*. São Paulo: Editora Unesp Digital.
- Boyce, W.T., Hartnett, S.A., James, S.A., & Jensen, E.W. (1983). The family routines inventory: Development and validation. *Social Science and Medicine*, 17, 201- 211.
- Brasil, Conselho Nacional do Ministério Público (2013). Um olhar mais atento aos serviços de acolhimento de crianças e adolescentes no país. Relatório da resolução n° 71/2011. Brasília: Conselho Nacional do Ministério Público.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planeados*. Porto Alegre, Artes Médicas.

- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed, 2.
- Castanharo, R.C.T. & Wolff, L.D.G. (2014). O autocuidado sob a perspectiva da Terapia Ocupacional: análise da produção científica. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCAR*, 22(1), 175-186.
- Cavalcante, L. I. C. & Corrêa, L. D. S. (2012). *Perfil e trajetória de educadores em instituição de acolhimento infantil*. *Cadernos de Pesquisa*, 42(146), 494-517. <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742012000200010>
- Cavalcante, L.I.C. (2008). *Ecologia do cuidado: interações entre a criança, o ambiente, os adultos e seus pares em instituição de Abrigo*. Tese de doutorado, Curso de Pós-graduação Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.
- Cecconello, A. M., & Koller, S. H. (2003). Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 16(3), 515-524.
- Cintra, A. L., & Souza, M. D. (2010). Institucionalização de crianças: leituras sobre a produção da exclusão infantil, da instituição de acolhimento e da prática de atendimento. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 10(3), 809-833.
- Cisne, J. J. N., & Cisne, L. M. C. (2016). Políticas públicas para a infância e adolescência no Brasil: Uma breve abordagem histórica e o desafio da descontinuidade. *THEMIS: Revista da Esmec*, 13, 109-146.
- Conselho Nacional Dos Direitos Da Criança e Do Adolescente (Conanda) (2009). Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS), & Conselho Nacional Dos Direitos Da Criança e Do Adolescente (Conanda). Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS). *Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes*.
- Corrêa, L. D. S., Cavalcante, L. I. C., Magalhães, C. M. C., & Reis, D. C. D. (2016). Conceptions and practices of educators at child sheltering institutions. *Early Child Development and Care*, 1-11.
- Corrêa, L.D.S. (2011). *Concepções de desenvolvimento e práticas de cuidado à criança em ambiente de abrigo na perspectiva do Nicho Desenvolvimental*. Dissertação de Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.
- Costa, A. C. R. (2015). *Relações de Amizade entre Adolescentes Acolhidos Institucionalmente: Fatores de Risco e Proteção*. Dissertação de Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.
- Costa, D. R. (2015). *Rotinas de Moradores no Contexto do Pré e Pós-Remanejamento Habitacional*. Dissertação de Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.

- Cruz, D. A. (2014). *Conta que eu Conto: percepções de crianças sobre suas experiências de acolhimento*. Dissertação de Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.
- Davis, J. & Polatajko, H. (2006). Occupational development. Em S. Rodger & J. Ziviani (Eds.). *Occupational therapy with children: Understanding children's occupations and enabling participation* (pp. 136-154). Blackwell Science Publishers.
- Fernandes, G. C. M., Boehs, A. E., & Rumor, P. C. F. (2012). Rotinas e rituais familiares: implicações para o cuidado. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 10(4), 866-871.
- Fiese, B. H., Tomcho, T. J., Douglas, M., Josephs, K., Poltrock, S., & Baker, T. (2002). A review of 50 years of research on naturally occurring family routines and rituals: Cause for celebration?. *Journal of family psychology*, 16(4), 381.
- Goffman, E., Leite, D. M., & de Souza, A. C. (1974). *Manicômios, prisões e conventos*.
- Goto, P. H. P. (2010). *Treino de mães em habilidades sociais educativas: Efeitos no comportamento de ajuda das mães e de autonomia das crianças com deficiência visual*. Dissertação de Mestrado em Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina.
- Guidubaldi, J., Cleminshaw, H. K., Perry, J. D., Nastasi, B. K., & Lightel, J. (1986). The role of selected family environment factors in children's post-divorce adjustment. *Family Relations*, 35, 141-151.
- Haley, S. M., Coster, W., Ludlow, L. H., Haltiwanger, J. T., & Andrellos, P. J. (2003). Pediatric evaluation of disability inventory. *Assessing Children's Well-Being: A Handbook of Measures*, 11, 13.
- Haugland, B. S. M. (2005). Recurrent disruptions of rituals and routines in families with paternal alcohol abuse. *Family Relations*, 54, 225-241.
- Holzberg, E. (2013). Activities of Daily Living. In Early, M. B. *Physical dysfunction practice skills for the occupational therapy assistant*. Elsevier Health Sciences.
- James, S., Ziviani, J., & Boyd, R. (2014). A systematic review of activities of daily living measures for children and adolescents with cerebral palsy. *Developmental Medicine & Child Neurology*, 56(3), 233-244. DOI: 10.1111/dmcn.12226.
- Jensen, E. W., James, S. A., Boyce, W. T., & Hartnett, S. A. (1983). The family Routines Inventory: Development and validation. *Social Science and Medicine*, 17, 201-211.
- Machado, T., & Serrano, J. (2012). Rotinas de vida de crianças e jovens acolhidos em lares de infância e juventude. *Estudos em desenvolvimento motor da criança V*, 185-190.
- Magalhães, C.M. C., Costa, L. N., & Cavalcante, L. I. C. (2011). Percepção de educadores de abrigo: o seu trabalho e a criança institucionalizada. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 21(3), 818-831. Recuperado em 13 de abril de 2016, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822011000300008&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822011000300008&lng=pt&tlng=pt).

- Pinto, M., & Sarmiento, M.J. (Coordenação) (1997), *As Crianças Contextos e Identidades*, Braga, colecção infans, centro de estudos da criança, Universidade do Minho, 219-264.
- Monteiro, P. D. S. (2014). *Crianças em Acolhimento Institucional: percepções relativas à estrutura e dinâmica de suas famílias*. Dissertação de Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.
- Oliveira, F. E. C. D. (2016). *O planejamento das rotinas diárias nas ações pedagógicas na Educação Infantil: a indissociabilidade entre educar, cuidar e brincar* (Bachelor's thesis, Universidade Federal do Rio Grande do Norte).
- Oliveira, L. S. M. (2014). *Crianças em Acolhimento Institucional: brincadeiras, espaços e interações*. Dissertação de Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.
- Rizzini, I. (1993). *A assistência à infância no Brasil: uma análise de sua construção* (Vol. 4). Editora Universitária Santa Úrsula.
- Rizzini, I., & Rizzini, I. (2004). *A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente*. Edições Loyola.
- Sasso de Lima, T. C., Tamasso Mioto, R. C., & Dal Prá, K. R. (2007). A documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais: algumas considerações acerca do diário de campo. *Textos & Contextos (Porto Alegre)*, 6(1).
- Silva, D. G. da, Pontes, F. A. R., & Silva, S. S. da C. (2011). Relações familiares de duas crianças ribeirinhas da Amazônia. *Psicologia: teoria e prática*, 13(3), 139-151. Recuperado em 04 de maio de 2016, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872011000300011&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000300011&lng=pt&tlng=pt).
- Silva, F. H. O. B., & Cavalcante, L.I. C. (2015). Rotinas Familiares de Crianças com Necessidades Especiais em Família Adotiva. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(2), 173-180. <https://dx.doi.org/10.1590/0102-37722015021920173180>
- Silva, S. S. da C., & Pontes, F. A. R. (2016). Rotina de famílias de crianças com paralisia cerebral. *Educar em Revista*, (59), 65-78. DOI: 10.1590/0104-4060.44688.
- Silva, S. S. da C., Pontes, F. A. R., dos Santos, T. M., Maluschke, J. B., Mendes, L. S. A., dos Reis, D. C., & da Silva, S. D. B. (2010). Rotinas familiares de ribeirinhos amazônicos: uma possibilidade de investigação. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 26(2), 341-350.
- Silva, T. S. R. (2015). *A visita familiar no contexto do acolhimento institucional de crianças*. Dissertação de Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.
- Tudge, J. (2008). *The everyday lives of young children: Culture, class, and child rearing in diverse societies*. Cambridge University Press.

Vasconcelos, T. B. (2013). *As Atividades de Vida Diária de Crianças em Situação de Acolhimento Institucional*. Dissertação de Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.

Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (A. Thorell, Trad.). Porto Alegre: Bookman. (Trabalho original publicado em 2003)

## Apêndice A

### QUESTIONÁRIO A SER PREENCHIDO PELA GERÊNCIA PARA CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

#### A. IDENTIFICAÇÃO E ORGANIZAÇÃO TÉCNICO-LEGAL:

1. Nome da instituição: \_\_\_\_\_
2. Endereço: \_\_\_\_\_
3. Bairro: \_\_\_\_\_ Município: \_\_\_\_\_
4. Telefone: \_\_\_\_\_ Fax: \_\_\_\_\_
5. E-mail: \_\_\_\_\_
6. Site: \_\_\_\_\_
7. Data de fundação da instituição: \_\_\_\_\_
8. Data em que iniciou o atendimento em regime de acolhimento \_\_\_\_\_  
Qual modalidade? \_\_\_\_\_
9. Natureza do programa de acolhimento:  
 Público municipal     Público estadual     Público federal     Não-governamental
10. Tipo de instituição (ver anexo 1):  
 Casa de passagem  
 República  
 Casa lar (atende até 10 crianças e/ou adolescentes em ambiente com características residenciais).  
 Abrigo institucional (instalações físicas diferentes de uma residência)  
 Outro. Especificar: \_\_\_\_\_
11. Instituição mantenedora: \_\_\_\_\_
12. CNPJ N°: \_\_\_\_\_
13. Registro no COMDAC e/ou CEDCA: \_\_\_\_\_
14. Como a instituição se sustenta financeiramente? (múltiplas respostas)  
 Recursos públicos do governo federal. Especifique (valores e/ou percentuais): \_\_\_\_\_  
 Recursos públicos do governo estadual. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Recursos públicos do governo municipal. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Doações (pessoas jurídicas → empresas). Especifique: \_\_\_\_\_  
 Doações (pessoas jurídicas → organizações não-governamentais). Especifique: \_\_\_\_\_  
 Doações (pessoas físicas). Especifique: \_\_\_\_\_  
 Não sabe informar  
 Outras fontes. Especifique: \_\_\_\_\_
15. Qual o custo/mês estimado de cada criança/adolescente mantida pela instituição? (considerando-se os gastos com salários de funcionários, alimentação, vestuário, remédios, despesas diversas, etc).  
 \_\_\_\_\_
16. Como são pagas as despesas da instituição?  
 Funcionários. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Alimentação. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Vestuário. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Medicamentos. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Material de higiene pessoal. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Material de limpeza. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Manutenção do prédio (consertos). Especifique: \_\_\_\_\_  
 Manutenção de equipamentos (eletrodomésticos, etc). Especifique: \_\_\_\_\_

Brinquedos e jogos. Especifique: \_\_\_\_\_

Roupa de cama, mesa e banho. Especifique: \_\_\_\_\_

Aluguel. Especifique: \_\_\_\_\_

Outras despesas. Especifique: \_\_\_\_\_

17. A instituição caso necessário, está flexível ao estabelecimento de consórcio entre municípios (modalidade de custeio) afim de que seja garantido o acolhimento neste espaço de crianças e/ou adolescentes da região?

Sim  Não

Especifique: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

18. A instituição recebe acompanhamento ou fiscalização por algum órgão:

SIM  NÃO

Em caso positivo, qual?

Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Especifique (Tipo e Frequência): \_\_\_\_\_

Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente. Especifique (Tipo e Frequência): \_\_\_\_\_

Vara de Infância e Juventude. Especifique (Tipo e Frequência): \_\_\_\_\_

Conselhos Tutelares. Especifique (Tipo e Frequência): \_\_\_\_\_

Ministério Público. Especifique (Tipo e Frequência): \_\_\_\_\_

Vigilância Sanitária. Especifique (Tipo e Frequência): \_\_\_\_\_

Corpo de Bombeiros. Especifique (Tipo e Frequência): \_\_\_\_\_

Secretaria de Estado de Assistência Social. Especifique (Tipo e Frequência): \_\_\_\_\_

Outros. Especifique (Tipo e Frequência): \_\_\_\_\_

## **B. CRITÉRIOS E PROCEDIMENTOS DE ATENDIMENTO**

19. Qual a capacidade de atendimento da instituição? \_\_\_\_\_

20. Qual a média/mês de atendimento? \_\_\_\_\_

21. Em 2012, quantas crianças e/ou adolescentes foram atendidas pela instituição? \_\_\_\_\_

22. Em 2012, quantos acolhimentos foram realizados pela instituição? \_\_\_\_\_

22. Qual a faixa etária das crianças/adolescentes atendidas pela instituição?

Idade mínima: \_\_\_\_\_ Justifique: \_\_\_\_\_

Idade máxima: \_\_\_\_\_ Justifique: \_\_\_\_\_

23. A criança com que tipo de condição de risco social e pessoal à instituição acolhe?

Deficiência física

Deficiência mental

Negligência

Abandono

Violência física

Soropositivo e outras doenças infectocontagiosas (hanseníase, etc)

Doenças graves (câncer, etc).

Situação de rua (população de rua)

Violência sexual.

Exploração sexual e tráfico humano.

Outras situações que requerem atendimento especializado. Qual? \_\_\_\_\_

24. A instituição atende crianças de outros estados brasileiros?  SIM  NÃO

Em caso positivo, quantas crianças e/ou adolescentes de outros estados brasileiros foram atendidos no ano de 2012 na instituição? \_\_\_\_\_

25. Das atividades abaixo relacionadas, quais são as que a instituição realiza regularmente?

- Apoio e acompanhamento aos egressos (ex-acolhidos).
- Capacitação e aperfeiçoamento dos recursos humanos da instituição.
- Preparação gradativa das crianças para o desligamento.
- Elaboração de um Plano Individual de Atendimento (PIA).
- Elaboração da guia de acolhimento.
- Providência de documentação civil para crianças e adolescentes que não a possuem.
- Publicação de boletins informativos, material de divulgação.
- Relatórios periódicos sobre a situação sócio-institucional das crianças e adolescentes a Vara de Infância e Juventude
- Nenhuma das atividades anteriores.
- Outras. Especifique: \_\_\_\_\_

26. Quem decide pelo acolhimento da criança e/ou adolescente \_\_\_\_\_

27. Como é feito o encaminhamento a instituição? \_\_\_\_\_

28. No ano de 2012, quantas crianças/adolescentes foram encaminhadas para a instituição:

Conselhos Tutelares. Especifique: \_\_\_\_\_

Vara de Infância e Juventude. Especifique: \_\_\_\_\_

A pedido da família Especifique: \_\_\_\_\_

Instituições de triagem e encaminhamento (tipo Casa de Passagem, etc). Especifique: \_\_\_\_\_

Outros. Especifique: \_\_\_\_\_

29. Acolhe grupo de irmãos mesmo que as crianças/adolescentes estejam fora da faixa etária que a instituição normalmente atende?  SIM  NÃO

Justifique: \_\_\_\_\_

30. Acolhe adolescentes grávidas?  SIM  NÃO

Em caso positivo, no ano de 2012, quantas adolescentes grávidas foram acolhidas? \_\_\_\_\_

31. Atualmente quantos grupos de irmãos há na instituição?

Grupos de 2 irmãos \_\_\_\_\_

Grupos de 3 irmãos \_\_\_\_\_

Grupos de 4 irmãos \_\_\_\_\_

Grupos de 5 irmãos \_\_\_\_\_

Outros. \_\_\_\_\_

32. Total da população da instituição que pertence a grupo de irmãos? \_\_\_\_\_

33. Em relação ao cumprimento dos princípios previstos no ECA e Orientações Técnicas:

a) A instituição prioriza a preservação dos vínculos com a família de origem.

SIM  NÃO. Justifique: \_\_\_\_\_

b) A instituição apoia alternativas de colocação em família substituta, principalmente a adoção.

SIM  NÃO. Justifique: \_\_\_\_\_

c) A instituição desmembra grupos de irmãos.

SIM  NÃO. Justifique: \_\_\_\_\_

d) A instituição atende em regime de coeducação (instituição mista).

SIM  NÃO. Justifique: \_\_\_\_\_

e) A instituição atende em pequenos grupos (até 20 crianças)

SIM  NÃO. Justifique: \_\_\_\_\_

f) A instituição garante a participação das crianças/adolescentes em ações, serviços e atividades comunitárias.

SIM  NÃO. Justifique: \_\_\_\_\_

g) A instituição propicia a participação de pessoas e organizações da comunidade em ações e atividades da instituição.

SIM  NÃO. Justifique: \_\_\_\_\_

**C. CARACTERÍSTICAS FÍSICO-FUNCIONAIS DA INSTITUIÇÃO:**

34. As instalações da instituição ocupam um imóvel:

- Próprio  Alugado  Cedido. Se for o caso, por quem? \_\_\_\_\_  
 Outro. Especifique: \_\_\_\_\_

35. O imóvel foi construído especialmente para servir como instituição de acolhimento?

- SIM  NÃO. Justifique: \_\_\_\_\_

36. Existe identificação externa, como uma placa fixada no imóvel, da modalidade do serviço de acolhimento oferecido pela instituição?

- SIM  NÃO

37. O local se destina exclusivamente ao funcionamento da instituição?

- SIM  NÃO. Especifique: \_\_\_\_\_

38. A instituição está localizada em (múltipla resposta):

- Área residencial  Área comercial  Área urbana  Área rural

39. A instituição de acolhimento oferece outros serviços ou programas para crianças/adolescentes da comunidade? (múltipla resposta)

- Creche  
 Escola  
 Pré-escola  
 Profissionalização e cursos  
 Apoio social e/ou psicológico a famílias de crianças e adolescentes em situação de risco.  
 Sócio-educativo  
 Outros. Especificar: \_\_\_\_\_

40. As crianças e/ou adolescentes utilizam a rede de serviços da comunidade?

- Escolas. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Creches. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Hospitais. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Postos de saúde. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Praças. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Quadras de esporte. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Centros culturais. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Igrejas. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Outros. Especifique: \_\_\_\_\_

41. De que modo à instituição oferece às crianças e/ou adolescentes os seguintes serviços e atividades?

Serviços e Atividades	Serviços Internos	Serviços Externos	Não oferece
Assistência jurídica			
Assistência médica			
Assistência odontológica			
Assistência psicológica			
Assistência religiosa			
Assistência social			
Atividades culturais			
Atividade de lazer			
Atividades esportivas			
Creche			
Ensino Fundamental 1 (1º ao 5º ano)			
Ensino Fundamental 2 (6º ao 9º ano)			
Ensino Médio			

Acompanhamento escolar			
Outros. Especificar			

42. Indique em números a quantidade de espaços que constituem as áreas internas e externas da instituição e avalie se atende à necessidade:

	Área interna	Externa	Quantidade	Necessidade
Almoxarifado				
Auditório				
Banheiro				
Berçário				
Brinquedoteca/Ludoteca				
Cozinha				
Dispensa para alimentos				
Dormitório/Quarto				
Garagem				
Jardins				
Lactário				
Lavanderia				
Playground				
Quadra de esportes				
Refeitório				
Sala de acompanhamento escolar				
Sala de atividades pedagógicas				
Sala de enfermagem				
Sala de TV e Vídeo				
Sala para atendimento psicológico				
Sala para atendimento social				
Sala para consultório médico				
Sala para descanso dos adultos				
Sala para reuniões				
Outros. Especificar:				

43. Indique o estado de conservação de alguns espaços físicos da instituição (área interna e externa):  
(Responda a cada uma de acordo com as seguintes modalidades: Péssimo estado = 1; Vários reparos = 2; Pequenos reparos = 3; Bom estado = 4; Excelente estado = 5)

Espaço	Estado de conservação				
	1	2	3	4	5
Almoxarifado					
Auditório					
Banheiro					
Berçário					
Brinquedoteca/Ludoteca					

Cozinha					
Despensa para alimentos					
Dormitório/Quarto					
Garagem					
Jardins					
Lactário					
Lavanderia					
Playground					
Quadra de esportes					
Refeitório					
Sala de apoio pedagógico (acompanhamento escolar)					
Sala de atividades pedagógicas					
Sala de enfermagem					
Sala de TV e Vídeo					
Sala para atendimento psicológico					
Sala para atendimento social					
Sala para consultório médico					
Sala para consultório odontológico					
Sala para descanso dos adultos					
Sala para reuniões					
Outros. Especificar:					

44. A instituição mantém programa de formação e atualização da equipe de trabalho?

- SIM, sistematicamente.  
 SIM, conforme necessidade percebida.  
 SIM, a pedido dos funcionários.  
 NÃO mantém.

Em caso positivo, especifique: \_\_\_\_\_

45. A instituição conta com programa de voluntariado?

- SIM      NÃO

Justifique: \_\_\_\_\_

Em caso positivo, especifique como funciona:

- Realização de eventos para captação de recursos materiais e financeiros.

Especifique: \_\_\_\_\_

- Realização de atividades recreativas com as crianças/adolescentes no espaço da instituição.

Especifique: \_\_\_\_\_

- Realização de atividades recreativas com as crianças/adolescentes fora do espaço da instituição

Especifique: \_\_\_\_\_

- Outras.

Especifique: \_\_\_\_\_

46. Na instituição, há alguma atividade ou serviço que dependa exclusivamente do trabalho de voluntários?

- SIM      NÃO

Justifique: \_\_\_\_\_

#### D. ACOLHIMENTO, ABRIGAMENTO E REINTEGRAÇÃO ÀS CRIANÇAS E AOS ADOLESCENTES.

47. Quem acolhe a criança/adolescente na chegada a instituição? \_\_\_\_\_

48. Quais os procedimentos adotados pela instituição em relação aos pertences pessoais trazidos com a criança/adolescente na chegada à instituição?

- Fica com a criança  
 Fica retido pela instituição  
 Devolvido para a família  
 Outra. Especifique: \_\_\_\_\_

49. Quais os critérios utilizados pela instituição para a distribuição das crianças e adolescentes nos dormitórios ?

- Idade                       Condição de saúde                       Deficiência                       Opção sexual  
 Sexo                       Alojamento conjunto (mãe-bebê)                       Grupo de irmãos  
 Outros. Justifique \_\_\_\_\_

50. As refeições que são servidas às crianças/adolescentes são preparadas na própria instituição?

- SIM. Quem faz? \_\_\_\_\_  
 NÃO. Por quê? \_\_\_\_\_

51. As roupas que são usadas pelas crianças/adolescentes são lavadas e passadas na própria instituição?

- SIM. Quem faz? \_\_\_\_\_  
 NÃO. Por quê? \_\_\_\_\_

52. As crianças/adolescentes usam roupas que são de uso pessoal exclusivo?

- SIM                       NÃO  
 Justifique: \_\_\_\_\_

53. Existe local apropriado para a criança/adolescente guardar seus objetos pessoais?

- SIM                       NÃO  
 Justifique: \_\_\_\_\_

54. A instituição possui regulamento interno (PPP) que orienta o seu funcionamento (permissões, proibições, direitos, obrigações, sanções, etc.)?

- SIM                       NÃO  
 Justifique: \_\_\_\_\_

Se a instituição possui regulamento interno (PPP), há quanto tempo começou a vigorar? \_\_\_\_\_

Se a instituição possui regulamento interno (PPP), quem o elaborou? (múltipla resposta)

- Dirigentes                       Equipe técnica                       Crianças/adolescentes                       Funcionários  
 Outros. Especifique: \_\_\_\_\_

55. Que atividades são desenvolvidas com as crianças no próprio espaço da instituição? (múltipla resposta)

- Atividades esportivas. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Atividades culturais. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Atividades de lazer. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Atividades religiosas. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Atividades educacionais. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Outras. Especifique: \_\_\_\_\_

56. Que atividades são desenvolvidas com as crianças/adolescentes fora do espaço da instituição? (múltipla resposta)

- Atividades esportivas. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Atividades culturais. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Atividades de lazer. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Atividades religiosas. Especifique: \_\_\_\_\_  
 Atividades educacionais. Especifique: \_\_\_\_\_

- Outras. Especifique: \_\_\_\_\_
57. Quantas crianças acolhidas frequentam a creche ou a pré-escola? \_\_\_\_\_
58. Quantas crianças e/ou adolescentes acolhidos frequentam a escola? \_\_\_\_\_
59. As crianças/adolescentes têm permissão para passar período de final de semana, feriados, férias ou datas comemorativas em ambiente localizado fora da instituição? (múltipla resposta)
- SIM       NÃO
- Justifique: \_\_\_\_\_
- Em caso positivo, especifique. (múltipla resposta)
- Com a família
- Com outras pessoas com quem tenham relacionamento antes do acolhimento
- Com funcionários da instituição
- Com voluntários
- Com padrinhos (programas de apadrinhamento social e afetivo)
- Outros. \_\_\_\_\_

### **E. DA RELAÇÃO COM AS FAMÍLIAS DAS CRIANÇAS/ADOLESCENTES ACOLHIDOS:**

60. Em 2012, qual o número de crianças e/ou adolescentes que não possuem família ou referência familiar (órfãos ou cujos pais e/ou familiares estão desaparecidos ou raramente fazem contato com a instituição)?

61. Em 2012, qual o número de crianças e/ou adolescentes que recebem visitas regulares dos seus familiares?

62. A instituição solicita autorização judicial para permitir as visitas da família?  SIM       NÃO

63. A instituição registra as visitas que a criança e/ou adolescente recebe?  SIM       NÃO

Justifique: \_\_\_\_\_

64. A instituição define com que regularidade a criança e/ou adolescente deve receber visita?

SIM, mensalmente. Especifique: \_\_\_\_\_

SIM, quinzenalmente. Especifique: \_\_\_\_\_

SIM, semanalmente. Especifique: \_\_\_\_\_

SIM, diariamente. Especifique: \_\_\_\_\_

NÃO, há flexibilidade frente às particularidades da família e a rotina da criança e/ou adolescente.

Especifique: \_\_\_\_\_

NÃO há permissão de visitas no local. Justifique: \_\_\_\_\_

Outros. Especifique: \_\_\_\_\_

65. A instituição desenvolve algum trabalho junto às famílias visando à reintegração familiar?

SIM       NÃO

Justifique: \_\_\_\_\_

Em caso positivo, quais são os procedimentos adotados? (múltipla resposta)

Atendimento psicológico.

Acompanhamento social.

Apoio financeiro (em dinheiro).

Apoio material (cesta básica, material escolar, medicamentos, enxoval, etc).

Encaminhamento para grupos de ajuda mútua (alcoólicos anônimos, narcóticos anônimos, etc).

Encaminhamento para programas de profissionalização de jovens e adultos.

Inserção em programas e serviços oficiais ou comunitários de auxílio e proteção à família (programas de renda mínima, etc).

Reuniões, grupos de discussão/apoio.

Visita domiciliar

Outras. Especifique: \_\_\_\_\_

66. São medidas adotadas pela instituição que contribuem para a preservação/fortalecimento dos vínculos familiares:

- Permite a visitação das famílias em dias/datas e horários pré-estabelecidos.  
Especifique: \_\_\_\_\_
- Permite a visitação das famílias em dias/datas e horários que não foram pré-estabelecidos.  
Especifique: \_\_\_\_\_
- Incentiva contatos telefônicos.  
Especifique: \_\_\_\_\_
- Oferece auxílio-transporte para as famílias procederem à visita.  
Especifique: \_\_\_\_\_
- Promove passeios das crianças e/ou adolescentes com suas famílias.  
Especifique: \_\_\_\_\_
- Permite e facilita a visita da criança e/ou adolescente à sua família (convivência familiar)  
Especifique: \_\_\_\_\_
- Encaminha a família para rede de serviços sociais (assistência social, saúde, educação, profissionalização)  
Especifique: \_\_\_\_\_
- Inclui a família em programas de apadrinhamento de crianças e/ou adolescentes.  
Especifique: \_\_\_\_\_
- Utiliza serviço de identificação e localização da família de origem.  
Especifique: \_\_\_\_\_
- Prioriza a manutenção e/ou reconstituição de grupos de irmãos.  
Especifique: \_\_\_\_\_
- Adota outras medidas.  
Especifique: \_\_\_\_\_

#### **F. DESLIGAMENTO DA CRIANÇA E/OU ADOLESCENTE:**

67. Qual o número de crianças e/ou adolescentes desligadas da instituição em 2012? \_\_\_\_\_

68. Quem decide pelo desligamento da criança e/ou adolescente? \_\_\_\_\_

69. Como é feito o desligamento da instituição? \_\_\_\_\_

70. A instituição realiza a preparação da criança e/ou adolescente para o desligamento do programa de acolhimento?

- SIM       NÃO

Justifique: \_\_\_\_\_

Em caso positivo, de que forma ocorre essa preparação pela instituição? (múltipla resposta)

- Visitas domiciliares dos técnicos às pessoas envolvidas com a criança e/ou adolescente.
- Aproximação gradativa da criança e/ou adolescente com a família de origem ou substituta.
- Entrevista com os familiares e a criança e/ou adolescente feita por técnicos da instituição.
- Outros. Especifique: \_\_\_\_\_

71. Existem ações de apoio aos egressos que são realizadas pela instituição? (múltipla resposta)

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Atendimento psicológico.        | <input type="checkbox"/> Acompanhamento social.                                       |
| <input type="checkbox"/> Apoio financeiro (em dinheiro). | <input type="checkbox"/> Apoio material (cesta básica, material de construção, etc.). |
| <input type="checkbox"/> Assistência jurídica.           | <input type="checkbox"/> Qualificação profissional.                                   |
| <input type="checkbox"/> Visitas domiciliares.           | <input type="checkbox"/> Não realiza ações de apoio aos egressos.                     |
| <input type="checkbox"/> Outras. Especifique: _____      |   |

72. É realizado acompanhamento do processo de desligamento pela Vara de Infância e Juventude?

- SIM       NÃO

Justifique: \_\_\_\_\_

73. É realizado acompanhamento do processo de desligamento pelo Conselho Tutelar?

SIM       NÃO

Justifique: \_\_\_\_\_

74. Em 2012, quantas crianças e/ou adolescentes que foram encaminhados a:

74.1. Família de origem ( pais, mãe, pai, membros da família extensa) \_\_\_\_\_

74.2. Família substituta (adoção) \_\_\_\_\_

75. Em 2012, qual o número de crianças e/ou adolescentes inseridas em família substituta?

Mediante guarda são \_\_\_\_\_

Mediante tutela são \_\_\_\_\_

Mediante adoção nacional são \_\_\_\_\_

Mediante adoção internacional são \_\_\_\_\_

76. Quem decide pelo encaminhamento da criança e/ou adolescente à família substituta e como é feita a sua integração em outro meio familiar? \_\_\_\_\_

77. Em 2012, qual o número de crianças e/ou adolescentes que voltou a viver (reingresso) na instituição depois de já terem sido colocadas em família substituta ou terem retornado à sua família de origem?

78. Qual o número de óbitos de crianças e/ou adolescentes abrigadas em 2012? \_\_\_\_\_

Especificar o motivo: \_\_\_\_\_

79. Qual o número de fugas de crianças e/ou adolescentes da instituição em 2012? \_\_\_\_\_

Especificar o motivo: \_\_\_\_\_

80. Qual o número de crianças e/ou adolescentes que foram encaminhadas para família acolhedora em 2012?

Especificar o motivo: \_\_\_\_\_

81. A instituição conta com programa de apadrinhamento de crianças e/ou adolescentes?

SIM       NÃO

Justifique: \_\_\_\_\_

Em caso positivo, especifique como funciona:

Assistência material e financeira à criança e/ou adolescente.

Especifique: \_\_\_\_\_

Convivência extra-institucional com a criança e/ou adolescente (fins de semana, feriados, datas comemorativas, etc.).

Especifique: \_\_\_\_\_

82. Quem decide pela transferência da criança e/ou adolescente para outra instituição? \_\_\_\_\_

83. Como é feita a sua preparação para a mudança? \_\_\_\_\_

## **G. PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA DAS CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES:**

84. A instituição organiza prontuário individual para cada criança e/ou adolescente acolhida?

SIM       NÃO

Justifique: \_\_\_\_\_

85. A instituição organiza prontuário único para grupo de irmãos acolhidos?

SIM       NÃO

Justifique: \_\_\_\_\_

86. Quais das informações abaixo relacionadas estão *sempre* disponíveis nos prontuários da instituição?

Nome completo

Idade

Sexo.

Raça/cor.

Foto.

- Data do ingresso na instituição.
- Data do desligamento da instituição.
- Escolaridade.
- Situação jurídica.
- Motivo do ingresso na instituição.
- Quem encaminhou a instituição.
- Endereço de residência da família e/ou responsáveis
- Visitas (permissão, periodicidade, quem visita)
- Uso de drogas na família.
- Informação sobre irmãos que estão em (outras) unidades de acolhimento.
- Passagem da criança e/ou adolescente por outras instituições de acolhimento.
- Renda da família e/ou responsáveis.
- Estado civil, composição e organização familiar.
- Experiência de programas de apadrinhamento.
- Registro regular das atividades de acompanhamento psicológico e social da família.
- Registro regular das atividades de acompanhamento psicológico e social da criança e/ou adolescente
- Registro regular das vacinas recebidas no período.
- Registro regular dos indicadores de crescimento físico (peso e altura)
- Registro regular da ocorrência de doenças físicas ou mentais e o tratamento oferecido.
- Outras. Especificar: \_\_\_\_\_

87. De quem é a responsabilidade pela organização dos prontuários? (múltipla resposta)

- Assistente social
- Psicólogo
- Pedagogo
- Coordenador da instituição
- Outro. Especificar: \_\_\_\_\_

#### H. DIFICULDADES E NECESSIDADES DA INSTITUIÇÃO:

88. Quais destas dificuldades a instituição enfrenta?

- Obtenção de convênios                       Manutenção financeira                       Outros

Justifique: \_\_\_\_\_

#### I. PROPOSIÇÕES

---



---



---



---

## Anexo 1

<b>Tipo</b>	<b>Definição</b>	<b>Público alvo</b>	<b>Número Máximo de Usuários</b>	<b>Aspectos físicos</b>	<b>Recursos humanos</b>	<b>Equipe Profissional Mínima</b>
Abrigo Institucional	Serviço que oferece acolhimento provisório para crianças e adolescentes afastados do convívio familiar por meio de medida protetiva de abrigo (ECA, Art. 101), em função de abandono ou cujas famílias ou responsáveis encontrem-se temporariamente impossibilitados de cumprir sua função de cuidado e proteção.	Crianças e adolescentes de 0 a 18 anos	20	Localizado em áreas residenciais, sem distanciar-se excessivamente, do ponto de vista geográfico e socioeconômico, da realidade de origem das crianças e adolescentes acolhidos. Deverá seguir o padrão arquitetônico das demais residências da comunidade na qual estiver inserida.	Os educadores/cuidadores deverão trabalhar, de preferência em turnos fixos diários, de modo a que o mesmo desenvolva sempre determinadas tarefas da rotina diária, sendo desaconselhável esquemas de plantão.	Coordenador, equipe técnica, educador/cuidador e auxiliar de educador/cuidador.
Casa-Lar	O Serviço de Acolhimento provisório oferecido em unidades residenciais, nas quais pelo menos uma pessoa ou casal trabalha como educador/cuidador residente – em uma casa que não é a sua – prestando cuidados a um grupo de crianças e adolescentes afastados do convívio familiar por meio de medida protetiva de abrigo. Esse tipo de serviço visa estimular o desenvolvimento de relações mais próximas do ambiente familiar.	Crianças e adolescentes de 0 a 18 anos	10	Deve funcionar em uma edificação residencial inserida no território de forma análoga às demais residências locais. Deve localizar-se em áreas residenciais da cidade e seguir o padrão sócio-econômico da comunidade onde estiverem inseridas	Em se tratando de serviços de acolhimento desenvolvidos por organizações não governamentais, a equipe técnica deverá pertencer ao quadro de pessoal da entidade ou ser cedida pelo órgão gestor da Assistência Social ou por outro órgão público ou privado, exclusivamente para esse fim.	Coordenador, equipe técnica, educador/cuidador residente e auxiliar de educador/cuidador

República	Oferece apoio e moradia subsidiada a grupos de jovens em situação de vulnerabilidade e risco pessoal e social; com vínculos familiares rompidos ou extremamente fragilizados; em processo de desligamento de instituições de acolhimento, que não tenham possibilidade de retorno à família de origem ou de colocação em família substituta e que não possuam meios para autossustentação.	Jovens entre 18 e 21 anos	6	Deve localizar-se em áreas residenciais, sem distanciar-se excessivamente, do ponto de vista socioeconômico, da realidade de origem dos usuários.	Em se tratando de serviços de acolhimento desenvolvidos por organizações não governamentais, a equipe técnica deverá pertencer ao quadro de pessoal da entidade ou ser cedida pelo órgão gestor da Assistência Social ou por outro órgão público ou privado, exclusivamente para esse fim.	Coordenador e equipe técnica
-----------	--	---------------------------	---	---	--	------------------------------

## Apêndice B

### INVENTÁRIO DE ROTINA

TURNO	HORA	ATIVIDADES																			LOCAL	COMPANHIA					
		DA	H	A	D	E	B	TV	R	ER	DC	I	CO	L	FC	AT	CF	API	APE	OUTRA							
<b>DIURNO</b>	07 - 08 h																										
	08 - 09 h																										
	09 - 10 h																										
	10 - 11 h																										
	11 - 12 h																										
	12 - 13 h																										
	13 - 14 h																										

	14 - 15 h																										
	15 - 16 h																										
	16 - 17 h																										
	17 - 18 h																										
	18 - 19 h																										

LEGENDA												
ATIVIDADES						COMPANHIAS						
<b>DA</b>	dormir, descansar ou acordar	<b>B</b>	brincar	<b>I</b>	internet	<b>CF</b>	convivência familiar	S	S	ozinho	<b>PP</b>	Parentes próximos
<b>H</b>	higiene pessoal	<b>TV</b>	televisão/DVD	<b>CO</b>	conversar	<b>API</b>	atividades programadas int.	M	M	Me	<b>AM</b>	Amigos
<b>A</b>	alimentação	<b>R</b>	rádio	<b>L</b>	leitura	<b>APE</b>	atividades programadas ext.	P	P	Pai	<b>E</b>	Educador
<b>D</b>	deslocamento	<b>ER</b>	evento religioso	<b>FC</b>	festa/comemoração			AV	AV	Avô	<b>T</b>	Técnico
<b>E</b>	escola	<b>DC</b>	dever de casa	<b>AT</b>	atendimento técnico			I	I	Irmãos		

TURNO	HORA	ATIVIDADES																		LOCAL	COMPANHIA							
		DA	H	A	D	E	B	TV	R	ER	DC	I	CO	L	FC	AT	CF	API	APE			OUTRA						
NOTURNO	19 - 20 h																											
	20 - 21 h																											
	21 - 22 h																											
	22 - 23 h																											
	23 - 00 h																											
	00 - 01 h																											
	01 - 02 h																											
	02 - 03 h																											

	03 - 04 h																											
	04 - 05 h																											
	05 - 06 h																											
	06 - 07 h																											

LEGENDA													
ATIVIDADES						COMPANHIAS							
<b>DA</b>	dormir, descansar ou acordar	<b>B</b>	brincar	<b>I</b>	internet	<b>CF</b>	convivência familiar	<b>S</b>	S ozinho	<b>PP</b>	Parentes próximos		
<b>H</b>	higiene pessoal	<b>TV</b>	televisão/DVD	<b>CO</b>	conversar	<b>API</b>	atividades programadas int.	<b>M</b>	Mie	<b>AM</b>	Amigos		
<b>A</b>	alimentação	<b>R</b>	rádio	<b>L</b>	leitura	<b>APE</b>	atividades programadas ext.	<b>P</b>	Pai	<b>E</b>	Educador		
<b>D</b>	deslocamento	<b>ER</b>	evento religioso	<b>FC</b>	feita/comemoração			<b>AV</b>	Avô/Avô	<b>T</b>	Técnico		
<b>E</b>	escola	<b>DC</b>	dever de casa	<b>AT</b>	atendimento técnico			<b>I</b>	Irmãos				

## Apêndice C

### PARECER CONSUBTANCIADO 568.256

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO PARÁ - ICS/



Continuação do Parecer: 568.256

que vivem nas entidades de acolhimento presentemente; um quadro comparativo das rotinas e práticas nos distintos ambientes citados, a partir de critérios descritores da qualidade do cuidados. Assim, o estudo se apresenta como *descritivo exploratório*, do tipo transversal, com abordagem quantitativa e qualitativa dos dados coletados através de questionários, de entrevista semiestruturada e descrição das rotinas e práticas de cuidado observadas no ambiente institucional.

#### Objetivo da Pesquisa:

Caracterizar instituições de acolhimento de crianças e adolescentes e práticas de cuidados presentes em quatro regiões do Estado do Pará. Para tal, deve-se levantar e mapear as instituições de acolhimento das crianças e adolescentes e de suas famílias em situação de vulnerabilidade social; conhecer o perfil de tais cidadãos pelos fatores sociodemográficos e sociopsicológicos; descrever e destacar as rotinas e práticas de cuidados dos sujeitos da pesquisa. Em relação aos objetivos perseguidos ressalta-se a relevância da pesquisa uma vez que partindo do referencial teórico os assilados têm os seus direitos constitucionalmente garantidos justificando a execução do projeto em perquirir sobre os cuidados que lhes estão sendo dispensados.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O estudo se apresenta como *descritivo exploratório*, do tipo transversal, com abordagem quantitativa e qualitativa dos dados coletados através de questionários, de entrevista semiestruturada e descrição das rotinas e práticas de cuidado observadas no ambiente institucional. Não há riscos de monta salvo o que possa decorer do impacto da abordagem, dependendo sempre da atuação do pesquisador, todavia este pretende partir de uma ambiência como preparo para o início da coleta dos dados resguardando-se, sempre, o sigilo. Acerca do assunto o projeto não é omissivo posto que enfatiza que em face de "situação conhecida como de risco" serão tomados os cuidados para reparar as falhas ou os equívocos". Salienta-se que uma vez ocorrido o dano resultante do risco o dever é reparar. Assim, haverá mais benefícios do que eventuais riscos.

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa tem relevância posto que considera-se uma via de resgate da grande parcela da "jovem" desassistida - 41,6% da população, consoante índice apontado pelo pesquisador. Assim, há equidade, beneficência segundo expõe o projeto.

#### Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória atendem os requisitos da Resolução CONEP 466/12,

Endereço: Rua Augusto Corrêa nº 01-SI do ICS 13 - 2º and.  
Bairro: Campus Universitário do Guamá CEP: 66.075-110  
UF: PA Município: BELEM  
Telefone: (91)3201-7735 Fax: (91)3201-8028 E-mail: cipecca@ufpa.br

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO PARÁ - ICS/**



Continuação do Parecer: 008.2014

estando o TCLE adequado, a autorização e recomendação para a realização da pesquisa está de acordo com as exigências da norma supra citada.

**Recomendações:**

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Diante do exposto somos pela aprovação do protocolo. Este é nosso parecer, SMJ.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

BELEM, 26 de Março de 2014

---

**Assinador por:**  
**Wallace Raimundo Araujo dos Santos**  
(Coordenador)

Endereço: Rua Augusto Correa nº 01-Sí do ICS 13 - 2ª and.  
Bairro: Campus Universitário do Guamá CEP: 66.075-110  
UF: PA Município: BELEM  
Telefone: (91)3201-7735 Fax: (91)3201-8008 E-mail: cepics@ufpa.br